

A

Alquimia

R. Roney Ressetti

Nota sobre o autor

R. Roney Ressetti é professor de Química do Ensino Médio, tendo iniciado sua carreira em 1978, quando ainda estudante, em Curitiba.

Nasceu em Ponta-Grossa, PR, a 26 de Agosto de 1959.

Graduou-se como Bacharel em Química e Licenciado em Química e em Ciências pela PUC do PR.

Pós-graduou-se em Especialização em Magistério pela UNIBEM-IBPEX.

Começou a escrever artigos em 1990 como colaborador da Revista “O Rosacruz”, e, em 2000, publicou dois livros didáticos para o Ensino Médio: Química e Física, pela Editora NCT.

Dedicatória

Dedico esta obra à minha mulher Joslaine e aos meus filhos, Danielle e Rodrigo.

Prefácio

Atualmente encontramos diversas obras sobre Alquimia.

Algumas são obras antigas, escritas por alquimistas, que costumam ser reeditadas. Estas obras são indispensáveis para aqueles que pretendem se aprofundar no estudo da Alquimia. Porém, devido à sua linguagem e ao seu simbolismo, são de difícil compreensão.

Outras, são obras que abordam o histórico da Alquimia e que procuram esclarecer o que ela é e do que ela trata.

Existem ainda algumas obras fantasiosas e de pura ficção, que tratam da Alquimia como uma disciplina estritamente mística e esotérica, dissociada da prática laboratorial, as quais são responsáveis pelas idéias equivocadas a seu respeito.

A nossa preocupação fundamental ao elaborarmos a presente obra, foi de procurar esclarecer em que consiste a prática da Alquimia, ou seja, o que é que um alquimista faz em seu laboratório. E, neste aspecto, vamos bem mais longe do que os autores que nos antecederam.

Apresentamos, de forma clara e simples, o resultado de 28 anos de pesquisa e de trabalho, citando sempre os autores mais idôneos, para demonstrar nossas conclusões.

Abordamos todos os pontos essenciais do trabalho alquímico, a começar pelas matérias iniciais, sua preparação, as principais operações envolvidas no transcorrer de todo o processo, até a conclusão final da obra alquímica.

Citamos vários e extensos trechos, de diversos autores célebres, muitos deles inéditos em português, para que o leitor possa tirar as suas próprias conclusões.

Que esta modesta obra possa auxiliar a resgatar a Alquimia das idéias errôneas e sem fundamento que circulam a seu respeito, e também, que possa orientar os novos pesquisadores, os quais encontrarão aqui uma base

para iniciar seus estudos desta disciplina, cujos mistérios são tão difíceis de penetrar, mas que fascina, todos aqueles que dela se aproximam.

O autor.

“A ciência alquímica não se ensina; cada qual deve aprendê-la por si mesmo, não de modo especulativo, mas sim com a ajuda dum perseverante trabalho, multiplicando os ensaios e as tentativas, de maneira a submeter sempre as produções do pensamento à verificação da experiência. Aquele que teme o labor manual, o calor dos fornos, a poeira do carvão, o perigo das reações desconhecidas e a insônia das longas vigílias esse nunca saberá coisa alguma.”

Fulcanelli

Capítulo I

Introdução

Já se escreveu muito sobre a Alquimia e quase todo mundo já ouviu falar sobre ela. Apesar disso, poucos possuem uma idéia exata do que ela seja.

Os mais bem informados sabem que ela se relaciona com a obtenção da *Pedra Filosofal*, que transformaria os metais em ouro (transmutação), e com a elaboração do *Elixir da Longa Vida* ou *Panacéia Universal*, que curaria todas as doenças e prolongaria a vida.

A Alquimia é uma ciência antiga e tradicional, de grande repercussão na Idade Média e Renascença, tendo chegado até nossos dias.

É costume colocá-la junto às denominadas ciências ocultas ou esotéricas, como a Magia, porém, ao contrário do que comumente se imagina, ela não se baseia em fórmulas mágicas, nem em encantamentos, nem na invocação de espíritos ou de entidades sobrenaturais.

A Alquimia é uma ciência baseada no conhecimento elaborado através da experimentação e do trabalho acumulado por centenas de anos, por inúmeras gerações de pesquisadores. Suas práticas envolvem trabalhos de laboratório e o manuseio de substâncias, empregando técnicas e equipamentos relativamente sofisticados.

Grande parte das substâncias, das técnicas e dos equipamentos empregados atualmente pelos químicos, foram descobertos e desenvolvidos pelos alquimistas.

Como toda ciência tradicional e antiga, a Alquimia apresenta um caráter filosófico-metafísico marcante, presente em suas teorias, em sua simbologia e em seu linguajar, bastante ricos e complexos.

Os temas tratados pela Alquimia, a sua linguagem alegórica e o seu simbolismo, têm fascinado diversos pesquisadores.

O psicólogo Carl Jung dedicou grande parte da sua obra ao estudo e à interpretação psicológica dos símbolos e alegorias alquímicas.

Isaac Newton, dava mais importância às suas experiências alquímicas do que aos seus trabalhos de Matemática e de Física que o tornaram famoso.

Seu sobrinho Humphrey Newton escreveu: *“Durante seis semanas na Primavera e seis semanas no Outono, o fogo no laboratório dificilmente se extinguia... ele costumava, às vezes, examinar um velho livro bolorento que estava no seu laboratório. Penso que se chamava **Agricola de Metallis**, sendo o seu principal desígnio a transmutação dos metais...”*

Newton acreditava na existência de uma cadeia de iniciados que se alastrava no tempo até uma antigüidade muito remota, os quais conheciam os segredos da transmutação e da síntese do ouro.

Encontramos em seus escritos: *“A maneira como o mercúrio pode ser assim impregnado foi mantida em segredo por aqueles que sabiam, e constitui provavelmente um acesso para qualquer coisa de mais nobre que a fabricação do ouro e que não pode ser comunicada sem que o mundo corra um grande perigo, caso os escritos de Hermes digam a verdade. Existem outros grandes mistérios além da transmutação dos metais.”*

Newton também costumava afirmar: *“Se vi mais longe do que os outros, foi porque me apoiei em ombros de gigantes.”*

Determinados autores acham que tais gigantes seriam os iniciados, que Newton deveria ter conhecido pessoalmente.

Alguns pesquisadores consideram que a Alquimia surgiu dos restos do saber de uma civilização muito antiga e bastante evoluída.

Frédéric Soddy, autor da Lei de Soddy sobre a desintegração radioativa, prêmio Nobel de Química, escreveu em seu livro *L'interprétation du radium*: *“Penso que existiram no passado civilizações que tiveram conhecimentb*

da energia do átomo e que uma má aplicação dessa energia as destruiu totalmente.”

A Alquimia e a Química

Considera-se que a Química se originou da evolução da Alquimia. Porém, na verdade, a Química se originou da evolução da **Espagíria**, a Química Medieval.

A Espagíria era uma mistura da Alquimia com os diversos processos químicos empíricos, desenvolvidos desde a antigüidade, abrangendo a confecção de medicamentos, tinturas, bebidas, sabão, vidro, técnicas metalúrgicas, etc. incorporando elementos de magia e de astrologia.

Com outras disciplinas, como a Física, ocorreu uma evolução gradativa. Da Física Antiga, de Aristóteles, passamos para a Física Clássica, de Galileu, Kepler e Newton, e finalmente, para a Física Moderna, de Einstein e outros. Inclusive o próprio nome se manteve; *Physica*, em latim, e *Physikê*, em grego, cuja origem é *physis*, natureza.

A Química é a mais recente das Ciências Naturais. A Matemática e a Física existiam há séculos antes de Cristo, enquanto que a Química, apesar de já ser praticada empiricamente desde a antigüidade, só se consolida como Ciência no séc. XVII.

Os fenômenos físicos são mais evidentes, enquanto que os fenômenos químicos são de mais difícil interpretação, o que certamente teve uma influencia decisiva sobre isso.

Vários autores consideram que a consolidação da Química como Ciência ocorreu com a publicação de duas obras, que expressam as metas fundamentais norteadoras da moderna pesquisa química: *Alchemia*, em 1597, do alemão Adreas Libavius (1540?-1616), o qual afirma que a Alquimia deve se preocupar com “a separação de misturas em seus componentes e o estudo das propriedades desses componentes” e *The sceptical chemist* (O químico céptico), em 1661, do irlandês Robert Boyle (1627-1691), o qual ataca

energicamente a teoria dos quatro elementos de Empédocles e Aristóteles e afirma que “*elemento é tudo aquilo que não pode ser decomposto por nenhum método conhecido*”.

Observe que Libavius, autor mais antigo, ainda utiliza o termo *Alquimia*, já Robert Boyle, emprega o termo *químico*.

Como uma ciência tradicional e antiga a Alquimia possuía uma filosofia e uma metafísica, com suas teorias, simbologia e linguajar próprios, incompatíveis com uma ciência moderna como a Química, da mesma forma que ocorre com a Acupuntura e a Homeopatia em relação à moderna Medicina Alopática.

Este fato inevitável também foi extremamente lamentável, pois a sabedoria acumulada por centenas de anos pelos alquimistas foi simplesmente ignorada.

No livro *O Despertar dos Mágicos*, que possui um Capítulo dedicado à Alquimia, Louis Pauwels e Jacques Bergier (o qual era Engenheiro Químico) lamentam que mais de cem mil textos alquímicos, os quais certamente contêm segredos relativos à matéria e à energia, permaneçam desprezados. Ressaltam ainda que os textos de Alquimia geralmente são bem modernos em relação à sua época, enquanto as obras de ocultismo estão sempre em atraso, e também, que a Alquimia trouxe diversas contribuições para a Ciência atual.

Algumas ciências tradicionais foram reconhecidas por algumas instituições, sendo ministradas em Universidades. A Medicina Tradicional coexiste com a Medicina Moderna, nas Universidades chinesas, da mesma forma que a Medicina Homeopática coexiste com a Medicina Alopática, em algumas de nossas Universidades.

O fato da Alquimia ser uma ciência tradicional e não seguir as teorias da ciência moderna não significa que os alquimistas não tenham realizado descobertas importantes, além daquelas já conhecidas.

Capítulo II

As transmutações

Sempre que tratamos da Alquimia surge a indagação: Os alquimistas conseguiram realizar transmutações, isto é, a transformação de um elemento químico em outro? Conseguiram transformar metais comuns em ouro?

Existem diversos testemunhos históricos, que afirmam que sim!

Desde Lavoisier (1743-1794), até o início do séc. XX, a ciência oficial tinha como um dogma a impossibilidade da transmutação dos elementos, a qual era tida como um dos sonhos impossíveis dos alquimistas. O preconceito era tão grande que nenhum cientista considerado sério podia aceitar esta possibilidade.

Teoricamente é muito fácil transformar (transmutar) um elemento químico em outro.

Atualmente sabemos que a diferença entre um elemento químico e outro é apenas o seu *número atômico*, que corresponde ao *número de prótons* dos seus átomos. Portanto, mudando o número de prótons de um átomo transformamos um elemento químico em outro.

O número atômico do Urânio é 92. Isto significa que ele possui 92 prótons. Ao emitir uma radiação α (alfa) ele perde dois prótons, ficando com 90 prótons, transformando-se então em outro elemento, o Tório, cujo número atômico é 90.

O grande cientista neozelandês Lord Ernest Rutherford (1871-1937), ao estudar os elementos radioativos, teve a idéia de que deveria ocorrer uma transmutação destes elementos, no momento da emissão radioativa. Inicialmente Rutherford hesitou em mencionar sua descoberta e quando a comunicou aos seus colegas, estes lhe recomendaram muita prudência, pois poderia passar por louco. Porém, as provas apresentadas eram irrefutáveis e a comunidade científica teve de aceitar que

nos processos radioativos ocorre uma transmutação dos elementos.

Em 1919 Rutherford realizou a primeira transmutação artificial: transformou Nitrogênio em Oxigênio através do bombardeio com radiações α (alfa).

Atualmente sabemos que existem dois processos de transmutação denominados *fissão nuclear* e *fusão nuclear*.

Na *fissão nuclear*, átomos grandes e instáveis, componentes dos denominados elementos radioativos, como o Urânio, se desintegram naturalmente em átomos menores e mais estáveis, emitindo radiações. Nas usinas nucleares este processo é realizado lentamente, de forma controlada, sendo a energia liberada, utilizada na produção de eletricidade. Nas bombas atômicas este processo ocorre rapidamente, numa reação em cadeia, que acaba numa grande explosão, liberando enormes quantidades de energia na forma de luz, calor e radiações.

Na *fusão nuclear*, átomos menores, como os de Hidrogênio, se fundem e se unem, originando átomos maiores, liberando energia. Este processo necessita de temperaturas muito elevadas e ocorre no interior das estrelas e nas explosões de bombas de Hidrogênio. Os elementos químicos que formam tudo o que encontramos na natureza, inclusive nós mesmos, foram produzidos por meio deste processo, no interior das estrelas.

Também existem transmutações artificiais realizadas em grandes aparelhos, denominados aceleradores de partículas, onde átomos são bombardeados por partículas elementares, como prótons e neutrons, acelerados a grandes velocidades. Com o impacto destas partículas, os átomos bombardeados sofrem uma transmutação, transformando-se em outros elementos. É um processo caro, que consome enormes quantidades de energia.

Porém, nada impede que hajam outros processos mais simples, desconhecidos da ciência atual.

Testemunhos históricos de transmutações

Existem vários registros históricos de transmutações, muitos deles realizados perante diversas e ilustres testemunhas.

Dentre estes escolhemos dois, nos quais a possibilidade de fraude é praticamente nula, pois foram efetuados longe de qualquer alquimista e por pessoas esclarecidas que eram adversários ferrenhos da Alquimia.

O primeiro deles foi realizado pelo grande químico e médico belga, Jean Baptiste van Helmont, ao qual se atribui a criação da palavra **gás** e a descoberta do dióxido de carbono.

Em 1618 van Helmont recebeu a visita de um desconhecido. Ao saber que o assunto era sobre a transmutação dos metais van Helmont disse que isto não tinha fundamento científico e que não tinha tempo a perder com este tipo de coisa. Porém, o desconhecido o interrogou se ele estava disposto a realizar uma experiência, para comprovar a sua veracidade. Van Helmont respondeu que sim, desde que realizada por ele e nas condições por ele determinadas.

O visitante depositou então, sobre uma folha de papel, alguns grãos de pó, sobre os quais van Helmont escreveria mais tarde: *“Vi e manipulei a Pedra Filosofal. Tinha a cor de açafraão em pó e era pesada e brilhante como vidro em pedaços.”*

O desconhecido deu então instruções sobre como realizar o experimento e se despediu. Van Helmont interrogou se ele retornaria para saber o resultado da experiência e o visitante respondeu que era desnecessário, pois possuía certeza absoluta quanto ao seu desfecho.

Acompanhando-o até a saída van Helmont perguntou-lhe o motivo de havê-lo escolhido para tal experiência e o outro respondeu que desejava *“convencer o ilustre sábio cujos trabalhos honravam seu país”*.

Impressionado pela segurança do desconhecido, van Helmont resolveu empreender o experimento. Mandou seus auxiliares colocarem pouco mais de 200 g de mercúrio em um cadinho e submetê-lo ao aquecimento. Embrulhou uma certa quantidade da matéria que recebera em um pedaço de papel e jogou no meio do metal líquido, conforme a instrução recebida. Colocou uma tampa sobre o cadinho e aguardou um quarto de hora, depois do que, despejou água sobre o mesmo para terminar de esfriá-lo. Abrindo o cadinho encontrou uma massa de ouro de peso equivalente ao mercúrio utilizado!

Este relato foi escrito e assinado pelo próprio van Helmont, que reconheceu publicamente seu erro, proclamando que dali em diante acreditava na realidade da Alquimia. Em memória a esta extraordinária experiência deu a um de seus filhos o nome de Mercurius, o qual foi um grande defensor da Alquimia, que viria a convencer o ilustre filósofo e matemático Leibniz.

O segundo foi realizado por Johann Friedrich Schweitzer, conhecido como Helvétius, ilustre médico da época e violento adversário da Alquimia.

Segundo seu relato, em 27 de dezembro de 1666, chegou à sua casa um desconhecido de aspecto honesto, semblante grave e autoritário, vestido com um traje simples. Após interrogar a Helvétius se ele acreditava na Pedra Filosofal, ao que o ilustre médico respondeu negativamente, abriu uma pequena caixa de marfim, *“na qual se encontravam três fragmentos de uma substância que se assemelhava ao vidro ou ao enxofre pálido”*. O dono declarou tratar-se da Pedra Filosofal e de ser capaz de produzir vinte toneladas de ouro com aquela porção. Helvétius segurou nas mãos um dos fragmentos e solicitou que lhe fosse cedida uma porção. O visitante recusou bruscamente e acrescentou, em tom mais ameno, que não poderia se desfazer de nenhum pedaço, nem por toda a fortuna de Helvétius, por uma razão que não podia revelar.

Helvétius pediu então que lhe fosse dada uma prova realizando uma transmutação. O desconhecido disse que

retornaria no prazo de três semanas e lhe mostraria algo que iria surpreendê-lo.

O desconhecido retornou exatamente no dia marcado e disse a Helvétius que não poderia realizar a transmutação, porém poderia dar-lhe um pequeno pedaço da pedra. Entregou-lhe então um fragmento do tamanho de um grão de mostarda. Helvétius contestou que o pedaço era muito pequeno. O alquimista pegou o pedaço, dividiu-o ao meio com a unha, jogou uma metade ao fogo e deu a outra metade a Helvétius dizendo: *“Esta será mais que suficiente!”*

Helvétius confessou então ao desconhecido que na primeira visita havia extraído alguns fragmentos da pedra que observara. Mais tarde, ao lançar estes fragmentos sobre chumbo fundido obtivera apenas uma terra vitrificada, ao invés de ouro. O visitante riu e falou que era necessário envolver a pedra com cera ou papel, para que os vapores do metal derretido não tirassem o seu poder transmutatório. Disse então que tinha de ir, mas retornaria no dia seguinte, caso quisesse esperá-lo para realizar o experimento. Mas não apareceu neste dia, nem no dia seguinte.

Finalmente, persuadido por sua mulher, Helvétius resolveu empreender o experimento, porém, sem esperança de obter algum resultado positivo.

Fundiu um pouco de chumbo em um cadinho, envolveu o fragmento da pedra com cera e o lançou no meio do metal derretido. O metal começou a ferver e ao fim de um quarto de hora estava totalmente transformado em ouro.

Para confirmar, o ouro foi levado a um célebre ourives da época para ser testado, o qual afirmou que o ouro era de excelente qualidade, oferecendo um bom preço por ele.

Outro adversário da Alquimia, o filósofo Spinoza, ao saber do ocorrido foi investigar o assunto.

O ourives disse-lhe que ocorrera um fato curioso, pois parte da prata que acrescentara ao ouro em fusão, também havia se convertido em ouro.

Helvétius confirmou o ocorrido, mostrando o cadinho onde realizara a transmutação, dentro do qual ainda haviam partículas de ouro aderidas.

Isto foi o suficiente para convencer o céptico Spinoza.

Transmutações orgânicas

Existem experiências efetuadas com plantas e animais, que, ao que tudo indica, comprovam que os organismos vivos são capazes de efetuar transmutações.

Citaremos alguns exemplos.

No livro *A vida secreta das plantas*, de Peter Tompkins e Christopher Bird, no capítulo *Os alquimistas vegetais*, temos a descrição das experiências do químico e biólogo francês Louis Kevran.

Após cuidadosas experiências Kevran verificou que as observações do químico Louis Nicolas Vauquelin estavam corretas: *“Tendo calculado toda a cal contida na aveia dada a uma galinha, descobri uma maior quantidade de cal na casca de seus ovos. Há portanto uma criação de matéria.”*

A hipótese de que o cálcio poderia provir do esqueleto da galinha foi verificada por Kevran. Ele verificou que uma galinha privada de cálcio põe ovos de casca mole. Porém, esta situação logo se normaliza, caso ela receba uma ração rica em potássio, como a aveia.

Portanto, parece evidente que a galinha consegue transmutar potássio em cálcio.

Um fato importante de se notar é que o número atômico do potássio é 19 e o do cálcio 20. Portanto, para transformarmos potássio em cálcio, basta adicionarmos um próton aos átomos de cálcio.

No livro *A origem das substâncias inorgânicas*, de Albrecht von Herzeele, publicado em 1873, temos diversos experimentos comprovando transmutações efetuadas por plantas.

Pierre Baranger, professor e diretor do laboratório de química orgânica da famosa Escola Politécnica de Paris, repetiu por cerca de dez anos as experiências de von Herzeele, confirmando-as.

Em janeiro de 1958 apresentou suas pesquisas em uma reunião científica na Suíça e em 1959 declarou, em uma entrevista à revista *Science et Vie*: *“Meus resultados parecem impossíveis, mas aí estão eles. Repeti as experiências várias vezes, fiz milhares de análises durante anos. Expus meu trabalho à verificação de outros que ignoravam minhas intenções exatas. Usei diversos métodos e diferentes itens. Mas não há outra alternativa, temos de nos submeter à evidência: as plantas conhecem o velho segredo dos alquimistas: diariamente, sob nossos olhos, elas transmutam os elementos.”*

No livro *A Ciência Através dos Tempos*, Attico Chassot (Professor de Química e Doutor em Educação pela UFRGS) apresenta a seguinte analogia: Um cofre pode ser aberto de duas maneiras: conhecendo-se o segredo ou por arrombamento. Os métodos de transmutação utilizados pela ciência oficial correspondem a um arrombamento. Se estiverem corretas as evidências de que plantas e animais realizam transmutações, não seria impossível que os alquimistas conhecessem um método diferente para efetuar transmutações.

Capítulo III

As origens da Alquimia

Varias são as abordagens já empreendidas sobre este tema. As especulações vão de egípcios e chineses, a antediluvianos e extraterrestres. Mas o que é que realmente sabemos sobre as remotas origens da Alquimia?

Segundo a versão etimológica mais em voga, o termo ***Alquimia*** provem de ***khemía***, ***kimya***, ***chemia*** ou ***kemeia***, o qual designava uma antiga arte egípcia da fabricação do ouro e da prata, derivado de ***khem***, ***khame*** ou ***khmi***, nome primitivo do Egito, significando *terra negra*, referindo-se às terras férteis às margem do Nilo, em oposição à areia do deserto. Sendo também relacionado aos termos gregos: ***khéein*** (verter), ***khymeia*** (infusão ou mistura líquida) e ***khymís*** (suco).

A palavra ***Química***, do latim medieval ***Chimica***, teria a mesma procedência.

Um dos mais antigos alquimistas conhecidos, Zóximo, originário de Panópolis, tendo vivido em Alexandria, provavelmente no início do século IV, afirma que a Alquimia fora ensinada a mulheres por anjos que delas se enamoraram, em épocas antediluvianas, conforme encontra-se no *Gênesis*, capítulo V: “*os anjos viram que as filhas dos homens eram belas e escolheram mulheres entre elas*”, também citado no *Livro de Enoch*. Segundo seus escritos, que deveriam conter compilações de textos mais antigos, para ensinar às mulheres esses anjos usaram um livro denominado ***Chema***, escrito por um antigo e misterioso sábio chamado ***Chemes***, de onde se originou ***Chemia***, para designar esta arte.

A primeira referencia histórica encontrada é um Decreto do Imperador romano Diocleciano, de cerca de 300 a.C., ordenando a destruição dos *velhos escritos egípcios sobre a khemia do ouro e da prata*.

Essa arte passa para os árabes como **al-kimiya**, **el-kimye** ou **el-kimyâ**, e desses à península Ibérica, originando no Espanhol e no Português **Alquímia** e no Latim **Alchemia**, espalhando-se pela Europa medieval.

A grafia portuguesa moderna **Alquímia** só aparece no século XIX, provavelmente devido a influência estrangeira.

Alguns acham que **Alquímia (Alchimie)** significa “**A**” **Química** em distinção à Química comum (Chimie).

Napoleão de Landais afirma que o prefixo **al** não deve ser confundido com o artigo árabe, significando simplesmente *uma virtude maravilhosa*.

O autor anônimo de um manuscrito do século XVIII diz que o termo provém do grego **als** (sal) e **chymie** (fusão); sendo ambos (sal e fusão), elementos fundamentais no trabalho alquímico.

O termo grego **chymie** designaria o metal fundido, a fusão ou a mudança causada pelo fogo, significando **Alquímia**, segundo Fulcanelli, a permutação da forma pela luz, fogo ou espírito.

Na China, os mais antigos textos, que remontam ao século II a.C., apresentam especulações sobre a composição da matéria, a transmutação dos metais e receitas para a imortalidade, mas sempre relacionados com o misticismo chinês, taoista.

Alguns autores acham que em diversas civilizações antigas houve uma transição de uma metalurgia mágica para a Alquímia. O domínio do fogo, permitindo ao homem uma melhor manipulação da matéria, principalmente através da criação de técnicas metalúrgicas, que propiciaram a fabricação de armas e utensílios, proporcionando o desabrochar das civilizações, foi de suma importância para o homem primitivo, o qual a encarava como algo sobrenatural, mágico e sagrado, cercado de rituais e de segredos mantidos cuidadosamente de modo a assegurar a superioridade que conferiam aos seus detentores. Com o tempo, através da evolução desta metalurgia sagrada, por meio do desenvolvimento místico e filosófico, levaria à formação de uma espécie de alquímia. Mas, é uma consequência natural

que sistemas místico-filosófico-religiosos, como o taoísmo, o ioga e o budismo, desenvolvidos por civilizações antigas tais quais as da China e da Índia, tenham pontos em comum com uma disciplina tradicional como a Alquimia, uma vez que todos se assentam nos mesmos princípios, nas mesmas verdades universais.

Existem autores modernos que pretendem uma origem extraterrestre, vendo na versão de Zóximo, sobre os anjos, uma alusão a visitantes do espaço, e outros que acham que ela seria constituída pelos resquícios da ciência remanescente de uma antiquíssima civilização extinta, a qual teria atingido um elevado grau de desenvolvimento; a legendária Atlântida, talvez.

Porém, no parecer de muitos autores, com os quais concordamos, a Alquimia, tal e qual a conhecemos hoje, estruturou-se plenamente nos primeiros séculos da nossa Era, na Alexandria, a herdeira da cultura e do saber de várias civilizações antigas, entre as quais a babilônia e principalmente a grega. Alexandre, o grande, seu fundador, discípulo de Aristóteles, incentivou o estudo e o desenvolvimento das artes e das ciências em geral, mandou construir sua famosa Biblioteca, um Museu e um Zoológico. Desde a sua fundação, em 332 a.C., até os primeiros séculos da nossa Era, Alexandria foi a capital mundial da cultura e do saber e também um dos maiores centros comerciais. Sua população, extremamente diversificada, convivia num clima de harmonia e tolerância. Totalmente helenizada, a maioria de seus sábios era de origem grega, sendo esse o idioma empregado, aparecendo escritos em copta somente no seu período final. Nas suas instituições estudavam-se de tudo, inclusive Alquimia, tendo havido um intenso florescer do conhecimento, antecipando inúmeras descobertas. Se a sua biblioteca tivesse sido preservada, certamente o progresso humano teria sido bastante acelerado. O grande cientista, Carl Sagan, refere-se a ela como **a primeira instituição de pesquisa verdadeira na história do mundo**. Nesse centro de ebulição do saber, surgiram várias mentes iluminadas, como Eratóstenes, que

afirmou ser a Terra redonda e calculou com exatidão o seu diâmetro; o astrônomo e geógrafo Ptolomeu; o gênio da mecânica, Arquimedes; o astrônomo Aristarco de Samos, que afirmou ser a Terra um dos planetas a orbitar em torno do Sol e que as estrelas encontram-se a enormes distâncias; Euclides, o sistematizador da Geometria; Dionísio de Trácia, o primeiro lingüista a definir as partes da oração; Herófilo, o fisiologista que afirmou ser o cérebro a sede da inteligência; Héron de Alexandria, inventor da engrenagem e da máquina a vapor e autor de **Automata**, o primeiro texto sobre robótica; Apolônio de Perga, o matemático que determinou as formas das seções cônicas (elipses, parábolas e hipérbolas); e, a grande filósofa, matemática e astrônoma, Hipácia, assassinada em 415 por uma turba de cristãos fanáticos marcando com a sua morte o declínio definitivo deste grande centro cultural do mundo antigo.

A grande maioria dos autores concorda que o primeiro alquimista egípcio conhecido, Bolo Demócrito, oriundo de Mendes, no Delta do Nilo, teria vivido por volta de 200 a.C. e teria escrito, em grego, uma obra intitulada **Physica**, que tratava da transmutação dos metais em ouro e prata, da fabricação de pedras preciosas e da púrpura. Porém, segundo Holmyard, Bolo Demócrito, teria escrito o primeiro texto sobre Alquimia e teria vivido por volta de 1000 a.C.

Nos quatro primeiros séculos da nossa Era, a Alquimia greco-alexandrina passa por um intenso desenvolvimento, surgindo vários alquimistas célebres, entre os quais o já citado Zózimo, que teria escrito uma enciclopédia alquímica de vinte e oito volumes, dos quais restam fragmentos; Maria, a judia (séc. IV), também dita irmã de Moisés e profetisa, à qual se atribui a criação do banho-maria (que alguns atribuem a Zózimo), do *kerotakis* (vaso fechado em que se expunham lâminas delgadas de metais à ação de vapores) e até do areômetro ou densímetro; Cleópatra, a copta; Teosébia, *irmã hermética* de Zózimo; Sinésio (fim do séc. IV), bispo de Ptolomais (cidade de Cirenaica), discípulo de Hipácia; o historiador e filósofo Olimpodoro (séc. V); e outros.

Da Alexandria a Alquimia passa para Bizâncio e para os árabes, difundindo-se pela Europa medieval por três vias: a bizantina, a hispânica e a mediterrânea, tendo essa última por principais mediadores os cruzados.

Os alquimistas medievais, são unânimes em apontar o Egito como o berço da sua arte.

A tradição atribui a sua criação a Hermes Trismegisto (o três vezes grande), conhecido no Egito como Tot, o criador das Artes, das Ciências e da escrita, sendo por isso a Alquimia também designada por Arte ou Ciência Hermética, originando-se daí a expressão "*hermeticamente fechado*", para designar algo totalmente lacrado, como os recipientes empregados em certos experimentos. Tot deveria ter sido um sábio eminente ou um rei pré-faraônico deificado ou identificado com uma divindade, assimilado pelos gregos como Hermes. A ele é atribuída uma infinidade de tratados, entre os quais a famosa **Tábua de Esmeralda**, que constitui o mais sucinto resumo do trabalho alquímico. Segundo a lenda, Hermes a teria escrito com uma ponta de diamante em uma lâmina de esmeralda, tendo sido encontrada por soldados de Alexandre na grande pirâmide de Gizé, num fosso recôndito, nas mãos da múmia do próprio Hermes!...

A Tábua de Esmeralda

É verdadeiro, completo, claro e certo:

O que está em baixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está em baixo; por estas coisas se fazem os milagres duma só coisa. E como todas as coisas são e provêm de UM, pela mediação de UM, assim todas as coisas nasceram desta coisa única, por adaptação.

O Sol é o seu pai e a Lua a sua mãe. O vento a trouxe em seu ventre. A Terra é a sua nutriz e receptáculo. O Pai de tudo, o Telega do mundo universal, está aqui. A sua força ou potência está inteira, se ela é convertida em terra.

Separarás a terra do fogo e o sutil do espesso, brandamente e com grande indústria. Ele sobe da terra para o céu e desce novamente do céu para a terra e recebe a força das coisas superiores e das coisas inferiores. Terás, por esse meio a glória do mundo; e toda a obscuridade fugirá de ti.

É a força de toda a força, porque ela vencerá qualquer coisa sutil e penetrará qualquer coisa sólida. Assim o mundo foi criado. Disto sairão admiráveis adaptações das quais o meio aqui, é dado.

Por isso fui chamado Hermes Trismegistus, pois possuo as três partes da filosofia universal.

O que eu disse da obra solar está completo.

Capítulo IV

O que é Alquimia

O monge franciscano e alquimista inglês Roger Bacon (1211 – 1294) no seu livro *Speculum Alchemiæ* (Espelhoda Alquimia) diz o seguinte:

A Alquimia é a ciência que ensina a preparar certa Medicina ou elixir, a qual, projetada sobre os metais imperfeitos torna-os perfeitos no mesmo instante da projeção.

Esta é uma definição extremamente sucinta e exata do que vem a ser a Alquimia. A **Medicina** ou **elixir** é a **Pedra Filosofal**, que transmuta os metais em ouro e também a **Panacéia Universal**, medicamento que cura todas as doenças e o **Elixir da Longa Vida**.

Esta *Medicina* ainda possuiria muitas outras propriedades, que nunca foram bem esclarecidas, sendo seu conhecimento exclusivo daqueles que conseguem obtê-la.

A elaboração desta *Medicina* se denomina **Grande Obra** ou **Magistério** e é deste trabalho que tratam todos os textos alquímicos autênticos.

Paralelamente à Alquimia desenvolveram-se algumas disciplinas, com finalidades específicas, as quais são muitas vezes confundidas com ela. Porém, nenhuma delas jamais teve a importância da Alquimia, sendo praticamente desconhecidas.

Estas disciplinas derivadas da Alquimia são enumeradas por Fulcanelli, na sua obra *As Mansões Filosófais*.

A **Espagiria** ou química medieval, da qual já falamos.

A **Arquimia** ou **Voarchadumia**, que busca unicamente a transmutação dos metais em ouro e prata através de procedimentos químicos ou espargirios denominados *pequenos particulares*.

A **Hiperquímica**, segmento mais moderno, o qual se baseia na hipótese de que a Alquimia é uma Química muito

avançada, escondendo em seu simbolismo, descobertas que ultrapassam os conhecimentos atuais. Os hiperquímicos dedicam-se a diversas pesquisas, entre as quais, a transmutação.

Finalmente, para concluir este assunto, vamos citar Fulcanelli:

*Antes de ir por diante, falemos deste **artifício desconhecido**¹ – que, do ponto de vista alquímico, devia ser classificado de absurdo, ridículo ou paradoxal, porque a sua inexplicável ação desafia qualquer regra científica -, pois ele marca a encruzilhada onde a ciência alquímica se aparta da ciência química. Aplicado a outros corpos, ele fornece, nas mesmas condições, outros tantos resultados imprevistos, outras tantas substâncias dotadas de qualidades surpreendentes. Esta único e poderoso **meio** permite assim um desenvolvimento de insuspeita envergadura, pelos múltiplos **elementos simples** novose os compostos derivados destes mesmos elementos, mas cuja gênese continua a ser um enigma para a razão química. Isto, evidentemente, não deveria ser ensinado. Se penetramos neste domínio reservado da hermética; se, mais ousado do que os nossos antecessores, o assinalamos, afinal, foi porque desejamos mostrar:*

- 1. que a alquimia é uma **ciência verdadeira**, susceptível, como a química, de extensão e progresso, e não a aquisição empírica dum **segredo de fabricação** dos metais preciosos;*
- 2. que a alquimia e a química são duas ciências positivas, exatas e reais, se bem que diferentes uma da outra, tanto na teoria como na prática;*
- 3. que a química não podia, por essas razões, reivindicar uma origem alquímica;*
- 4. enfim, que as inumeráveis propriedades, mais ou menos maravilhosas, atribuídas em bloco pelos*

¹ Fulcanelli se refere à elaboração do *mercúrio filosófico*, a qual requera utilização de um *artifício especial*, do qual trataremos no Capítulo 11, *A influência celeste*.

filósofos à pedra filosofal unicamente pertencem, cada uma, às substâncias desconhecidas obtidas a partir de materiais e de corpos químicos, mas tratados segundo a técnica secreta do nosso Magistério.²

² As Mansões Filosófais, Fulcanelli, pág. 234.

Capítulo V

Alquimistas, Adeptos , assopradores, invejosos, caridosos, etc.

Alquimista é toda pessoa que, ciente dos princípios da ciência hermética, apoiado nos ensinamentos dos mestres consagrados, trabalha em laboratório, buscando realizar a *Grande Obra*.

Os alquimistas também são denominados **filósofos químicos** ou simplesmente **filósofos** e a Alquimia também é conhecida como **Filosofia, Arte** ou **Ciência Hermética e Agricultura Celeste**.

Os **Adeptos** (sempre com **A** maiúsculo) correspondem aos alquimistas que realizaram a *Grande Obra*, isto é, obtiveram a *Pedra Filosofal*.

Os **assopradores**, ou simplesmente **sopradores**, são aqueles que, desconhecendo os princípios alquímicos, buscam a *Pedra Filosofal* através de procedimentos aleatórios, utilizando materiais diversos. Seu nome provem dos auxiliares dos alquimistas, que acionavam os foles dos fornos, para avivar o fogo.

Os **amorosos da ciência** são pessoas que estudam Alquimia e conhecem os princípios da ciência hermética, porém não trabalhavam em laboratório buscando a *Pedra Filosofal*.

A tradição alquímica impõem restrições à sua divulgação, de modo que seus textos são escritos de forma velada e simbólica, a fim de desnortear e confundir os profanos.

Os autores conhecidos como **invejosos** ou **ciosos da ciência**, são aqueles que escrevem de modo enganoso, descrevendo de modo errado algumas operações, alterando os dados, procurando confundir e desnortear totalmente os iniciantes.

Os autores conhecidos como **caridosos**, são aqueles que, apesar de manterem as reservas impostas pela

tradição alquímica, procuram ser o mais claro possível, evitando as informações enganosas.

O Adepto Irineu Filaletto, por exemplo, é extremamente caridoso, em determinadas fases do trabalho alquímico, porém acrescenta operações falsas entre as verdadeiras. Este procedimento foi criticado pelo Adepto contemporâneo Fulcanelli:

*Lendo seu **Introitus**, não se distingue corte algum; somente, falsas manipulações ocupam a falta das verdadeiras. Preenchem as lacunas de tal sorte que umas e outras se encadeiam e ligam sem deixar rasto de artifício. Tal agilidade torna impossível ao profano a tarefa de separar o trigo do joio, o mau do bom, o erro da verdade. Precisamos apenas de afirmar quanto reprovamos semelhantes abusos, que não são, a despeito da regra, senão mistificações disfarçadas. A cabala e o simbolismo oferecem recursos suficientes para exprimir o que só deve ser compreendido por um pequeno número; consideramos, por outro lado, preferível o mutismo à mentira mais habilmente apresentada.*³

É importante salientar que, na Idade Média, haviam vários mestres, dos quais o iniciante poderia se tornar discípulo. Porém, atualmente, isto não ocorre.

Fulcanelli, o último Adepto conhecido, é extremamente caridoso, não fazendo nenhuma afirmação incorreta em toda a sua obra, o que a torna imprescindível para todo estudioso que pretende aprofundar-se na Alquimia.

Este Adepto, cujo nome verdadeiro permanece incógnito, publicou duas obras monumentais sobre Alquimia, nas quais encontramos, basicamente, todos os seus princípios.

A primeira, intitulada **O Mistério das catedrais** (*Le Mystère des Cathédrales*), publicada em 1964. Trata do simbolismo alquímico contido nas catedrais góticas, construídas na Idade Média.

³ As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, pág. 231.

A segunda, intitulada **As Mansões Filosófais** (*Les Demeures Philosophales*), publicada em 1965. Trata do simbolismo alquímico contido em antigas mansões.

Eugène Canseliet, seu discípulo, afirma:

*Fulcanelli levou o pormenor da prática bem mais longe que outro qualquer, numa intenção de caridade para com os trabalhadores, seus irmãos, e para os ajudar a vencer essas causas fatigantes de paragens. O seu método é diferente do empregado pelos seus predecessores; consiste em descrever minuciosamente todas as operações da Obra, depois de a ter dividido em vários fragmentos. Toma assim cada uma das fases do trabalho, começa a explicá-la num capítulo para a continuar num outro, e terminá-la por fim mais adiante. Essa fragmentação, que transforma o Magistério num **jogo de paciência** filosófico, não pode assustar o investigador instruído, mas depressa desencoraja o profano, incapaz de se orientar nesse labirinto doutro gênero e inapto a restabelecer a ordem das manipulações.*⁴

⁴ Eugène Canseliet: Prefácio da primeira edição à obra de Fulcanelli: *As Mansões Filosófais*.

Capítulo VI

Princípios Alquímicos

Na *Tábua de Esmeralda*, encontramos: “*Todas as coisas são e provem de Um. Assim todas as coisas provem desta única coisa por adaptação.*”

Este constitui o princípio fundamental da Alquimia, o qual, de certa forma, é compartilhado pela ciência atual.

O universo é constituído de matéria e energia, e a matéria nada mais é do que energia condensada, sendo tudo formado por uma essência energética básica.

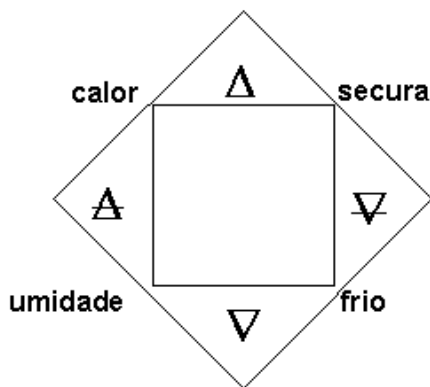
No princípio tudo estava aglomerado num ponto que se expandiu a partir de uma Grande Explosão (Big Bang). A energia emitida se condensou em partículas elementares e estas se agruparam originando os átomos dos elementos mais simples, Hidrogênio e Hélio, os quais, pela atração gravitacional, se agruparam em nuvens.

À medida que estas nuvens se condensam, a pressão e a temperatura aumentam em seu interior, até iniciar as reações de fusão, as quais originam os demais elementos químicos, formadores de todas as substâncias.

A Teoria dos Quatro Elementos

No séc. V a. C. o filósofo grego Empédocles propõe a ***Teoria dos Quatro Elementos***, segundo a qual os componentes básicos do universo são: *terra* ♁, *ar* ♃, *água* ♁ e *fogo* Δ, cada um, com duas, das quatro propriedades fundamentais: calor, frio, umidade e secura. Assim, temos a *terra*, que é seca e fria, o *ar*, que é quente e úmido, a *água*, que é úmida e fria, e o *fogo*, que é quente e seco. O fogo (quente e seco) se opõe à água (úmida e fria), porém possui uma propriedade em comum com a terra (seca e fria) e com o ar (quente e úmido). Desta maneira, cada elemento se opõe a um, mas possui uma propriedade em comum com os

dois demais, o que costuma ser representado da seguinte maneira:



Esta teoria foi acatada e difundida por Aristóteles (384-322 a.C.), sendo também adotada pelos alquimistas.

É importante lembrar que os alquimistas não empregavam o termo **elemento** como a química atual o emprega.

Atualmente **elemento químico** significa o conjunto de átomos com o mesmo número atômico (mesmo número de prótons).

O termo **elemento** era utilizado pelos alquimistas de modo figurado e diverso, muitas vezes para se referir aos estados físicos.

Assim, no linguajar alquímico, *converter a terra em água*, significa uma simples *fusão* ou passagem do estado sólido para o líquido.

Os alquimistas também identificavam dois princípios básicos na formação dos metais, um *fixo* e um *volátil*, designados por *Enxofre* e *Mercúrio*, respectivamente. O *Enxofre*, composto por *Terra* e *Fogo*, e o *Mercúrio*, por *Água* e *Ar*.

Vejamos o que Roger Bacon diz, no Capítulo II, do seu *Speculum Alchemiæ (Espelho da Alquimia)*, *Dos princípios naturais e da geração do metais*:

Vou falar aqui dos princípios naturais e da geração dos metais. Antes de tudo, toma nota de que os princípios dos metais são o Mercúrio e o Enxofre. Estes dois princípios dão nascimento a todos os metais e a todos os minerais, dos quais existem um grande número de espécies diferentes. Digo ainda, que a natureza teve sempre por fim e se esforça sem cessar, para chegar à perfeição, ao ouro. Mas devido a diversos acidentes que dificultam sua marcha, nascem as variedades metálicas, como já expuseram claramente vários filósofos.

Segundo a pureza ou impureza dos dois princípios componentes, isto é, do Enxofre e do Mercúrio, se produzem metais perfeitos ou imperfeitos: ouro, prata, estanho, chumbo, cobre, ferro.

Agora, guarda cuidadosamente estes ensinamentos sobre a natureza dos metais, sobre sua pureza ou impureza, sua pobreza ou sua riqueza em princípios.

Natureza do Ouro: o Ouro é um corpo perfeito, composto por um Mercúrio puro, fixo, brilhante, roxo e de um Enxofre puro, fixo, roxo e não combustível. O Ouro é perfeito.

Natureza da Prata: é um corpo puro, quase perfeito, composto por um Mercúrio puro, quase fixo, brilhante e branco. Seu Enxofre tem as mesmas qualidades. Não falta à Prata senão um pouco mais de fixidez, de cor e de peso.

Natureza do Estanho: é um corpo puro, imperfeito, composto de um Mercúrio puro, fixo e volátil, brilhante, branco no exterior, roxo no interior. Seu Enxofre tem as mesmas qualidades. Só falta ao estanho ser um pouco mais cozido e digerido.

Natureza do Chumbo: é um corpo impuro e imperfeito, composto por um Mercúrio impuro, instável, terrestre, pulverulento, ligeiramente branco no exterior, roxo no interior. Seu Enxofre é semelhante e também combustível. Ao chumbo falta a pureza, a fixidez e a cor; não está bastante cozido.

Natureza do Cobre: o cobre é um metal impuro e imperfeito, composto por um Mercúrio impuro, instável,

terrestre, combustível, roxo e sem brilho. Igual é o seu Enxofre. Falta ao cobre a fixidez, a pureza e o peso. Contem demasiada cor impura e partes terrosas incombustíveis.

Natureza do Ferro: o ferro é um corpo impuro, imperfeito, composto por um Mercúrio impuro, demasiado fixo, que contem partes terrosas combustíveis, branco e roxo, porém sem brilho. Lhe faltam a fusibilidade, a pureza e o peso; contem demasiado Enxofre fixo impuro e partes terrosas combustíveis.

Todo alquimista deve ter em conta o que foi dito.

Desde a Antigüidade, até a Idade Média, predominava a Teoria Geocêntrica, desenvolvida e aperfeiçoada no séc. II por Claudius Ptolemæus, mais conhecido como Ptolomeu. Segundo ela, a Terra ocupava o centro do universo, com *sete planetas* girando à sua volta, fixos em esferas de cristal: O Sol, a Lua, Mercúrio, Marte, Vênus, Júpiter e Saturno.

Estes *sete planetas* eram relacionados aos **sete metais**, da seguinte maneira:

Sol – Ouro
Lua – Prata
Mercúrio – Mercúrio
Marte – Ferro
Vênus – Cobre
Júpiter – Estanho
Saturno – Chumbo

O simbolismo alquímico

Conforme já dissemos, a tradição alquímica impõem restrições à sua divulgação, de modo que os alquimistas escrevem de modo velado e alegórico, empregando um complexo simbolismo, para confundir e desnortear os profanos. Geralmente seus textos são repletos de citações, de comparações, sendo semelhantes a parábolas. Em meio às suas divagações, os autores vão, pouco a pouco, transmitindo algumas informações realmente importantes.

Além disso, os alquimistas nunca descrevem, em uma única obra, todas as operações do trabalho alquímico. Algumas vezes a ordem das operações é invertida, em outras, os nomes das substâncias são trocados, etc. Em um autor encontramos referências seguras sobre a matéria prima, em outro, sobre determinada operação, em um terceiro, sobre o equipamento empregado, e assim por diante.

A simbologia alquímica também é muito variada e geralmente cada autor emprega a sua própria simbologia. Por exemplo, os dois princípios básicos que entram na obra alquímica são designados de várias formas: macho e fêmea, enxofre e mercúrio, terra e água, fixo e volátil, dragão sem asas e dragão com asas, homem e mulher, rei e rainha, cão e cadela, etc.

Somente quem tem uma idéia dos pontos fundamentais do trabalho alquímico, é capaz de se orientar através deste embrenhado labirinto.

Capítulo VII

A Grande Obra

A *Grande Obra* é a elaboração da *Pedra Filosofal* ou *Medicina Universal*, sendo este o objetivo dos alquimistas e do que tratam os textos alquímicos.

Na verdade existe a *Grande Obra* ou *Grande Magistério* e a *Pequena Obra* ou *Pequeno Magistério*.

A primeira corresponde à consecução plena da *Obra alquímica*, levando à obtenção da *Pedra Filosofal* completamente terminada, chamada *Pedra ao rubro*, que transmuta os metais em ouro.

A segunda corresponde à consecução intermediária da *Obra*, levando à obtenção da chamada *Pedra ao branco*, que transmuta os metais em prata.

Outro fator importante é que a *Grande Obra* é composta por etapas distintas, geralmente divididas em *Primeira, Segunda e Terceira Obras*.

A maior parte dos textos alquímicos trata apenas de uma ou de duas destas etapas, como se tratassem da *Obra* completa, sem informar que omitem o restante.

Fulcanelli se refere a estas etapas da seguinte maneira:

*Ora, as três granadas ígneas do frontão⁵ confirmam esta tripla ação de um único processo e, como representam o **fogo corporificado** nesse sal vermelho que é o **Enxofre** filosofal, compreendemos facilmente que seja necessário **repetir três vezes a calcinação deste corpo para realizar as três obras filosóficas, segundo a doutrina de Geber. A primeira operação conduz primeiro ao **Enxofre**, ou medicina da primeira ordem; a segunda operação, absolutamente semelhante à primeira, fornece o **Elixir** ou medicina da segunda ordem, que só é diferente do Enxofre em qualidade e não em natureza; finalmente, a terceira operação,***

⁵ Fulcanelli refere-se a um frontão encontrado na Mansão Lallemand, na cidade de Bourges.

*executada como as duas primeiras, dá a **Pedra filosofal**, medicina da terceira ordem, que contém todas as virtudes, qualidades e perfeições do Enxofre e do Elixir multiplicadas em poder e extensão.*⁶

O autor anônimo de *A Antiga Guerra dos Cavaleiros* diz o seguinte:

Observai, pois, que a palavra Pedra é tomada em diversos sentidos e particularmente em relação aos três estados da obra; o que faz com que Geber diga que há três Pedras, que são as três medicinas, respondendo aos três graus de perfeição da obra; de modo que a Pedra de primeira ordem é a matéria dos Filósofos, perfeitamente purificada e reduzida a pura substância Mercurial; a Pedra de segunda ordem é a mesma matéria, cozida, digerida e fixa, em enxofre incombustível; a Pedra de terceira ordem é esta mesma matéria, fermentada, multiplicada e levada à perfeição última de tintura fixa, permanente e corante: e essas três Pedras são as três medicinas dos três gêneros.

Observai, além disto, que há grande diferença entre a Pedra dos Filósofos e a Pedra Filosofal. A primeira é o sujeito da qual ela é verdadeiramente Pedra, pois que é sólida, dura, pesada, frágil, friável; ela é um corpo (diz Filaleto), “pois escorre ao fogo como um metal”, é todavia espírito “pois é toda volátil”, ela é o composto, “é a pedra que contém a umidade, que se liqüefaz no fogo” (diz Amaldo de Vilanova em sua carta ao Rei de Nápoles). É neste estado que ela é “uma substância intermediária entre o metal e o mercúrio”, como diz o Abade Sinésius; é, enfim, nesse mesmo estado que Geber a considera, quando diz, em duas passagens da sua Suma “toma nossa pedra, isto é (diz ele) a matéria de nossa pedra”, assim como se diria, toma a Pedra dos Filósofos, que é a matéria da Pedra Filosofal.

A Pedra Filosofal é então a mesma Pedra dos Filósofos; assim que, pelo Magistério secreto, ela é levada à perfeição de medicina de terceira ordem, transmutando

⁶ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, págs. 218 e 219.

*todos os metais em puro Sol, ou Lua, segundo a natureza do fermento que lhe foi acrescido.*⁷

Estes dois textos são extremamente esclarecedores e devem ser lidos com muita atenção.

Ambos afirmam claramente que a *Grande Obra* se divide em três etapas principais.

Fulcanelli nos informa que estas três etapas são semelhantes e que nas três teremos a repetição de um processo denominado *calcinação*.

O outro autor nos esclarece sobre as diferentes maneiras que a palavra *Pedra* é empregada e sobre as diferentes operações realizadas em cada etapa. A *pedra dos filósofos* é a *matéria prima* ou a *matéria dos filósofos*, e nos fornece algumas das suas características, importantes na sua identificação. Segundo ele, esta matéria será *purificada e reduzida a pura substância mercurial* (1ª Obra), para a seguir ser *cozida, digerida e fixada em enxofre incombustível* (2ª Obra) e finalmente *fermentada, multiplicada* e levada à perfeição última de *tintura fixa, permanente e corante* (3ª Obra).

É importante observar que, apesar de ambos chamarem de *Pedra Filosofal* a *Medicina de terceira ordem*, o produto final da *Grande Obra*, os modos de se referirem às *Pedras* ou *Medicinas* de *primeira* e de *segunda ordens* são bastante diferentes. Esta atribuição de nomes diferentes é muito comum entre os alquimistas e causa muita confusão para os iniciantes.

Além disso, ainda existem dois *modus operandi*, isto é, dois processos distintos para a elaboração da *Pedra Filosofal*, denominados *via úmida* ou *longa* e *via seca* ou *breve*.

A *via seca* é a de consecução mais rápida e mais fácil, enquanto que a *via úmida* é a mais demorada e a mais trabalhosa, sendo porém a mais difundida, pois é dela que tratam a maior parte dos textos alquímicos.

⁷ O Triunfo Hermético, Limojon de Saint-Didier, pág. 77.

Cada via possui um modo distinto de operar, empregando substâncias e equipamentos diferentes, sendo, no entanto, ambos os procedimentos análogos.

Alguns autores modernos citam uma terceira via denominada brevíssima, da qual, porém, não encontramos nenhuma referência por parte dos autores tradicionais.

Fulcanelli, em *As Mansões Filosóficas*, ao analisar o simbolismo dos labirintos que representam a *Obra alquímica*, refere-se às três entradas, correspondentes aos três pórticos das igrejas góticas; uma que leva diretamente ao centro (*via breve*), outra que também aí vai ter, mas após uma série de desvios (*via longa*) e outra que termina num beco sem saída, representando o destino daqueles que, sem o devido preparo, pretendem empreender a *Obra alquímica*.

Capítulo VIII

A Via Seca e a Via Úmida

Conforme já dissemos, existem duas vias ou dois *modus operandi* para a realização da *Grande Obra*: A *via úmida* ou *via longa*, também denominada *via do rico* e a *via seca*, *via breve* ou *via antiga*, também denominada *via dos pobres*.

Vejamos o que diz Fulcanelli ao analisar um dos baixos-relevos encontrados no Castelo de Dampierre, contendo a figura de um jarro bem trabalhado junto com uma vasilha rudimentar, acompanhados da divisa latina:

.ALIVD. VAS. IN. HONOREM.

.ALIVD. IN. CONTVMELIAM.

Uma vasilha para usos de honra, outra para empregos vis. “*Numa casa grande, diz o Apóstolo, não há só vasilhas de ouro e de prata, também as há de madeira e de terra, as outras para os usos vis.*”

Os nossos dois **vasos** aparecem pois bem definidos, nitidamente distintos, e em absoluta concordância com os preceitos da teoria hermética. Um é o **vaso da natureza**, feito da mesma argila vermelha que serviu a deus para formar o corpo de Adão; o outro é o **vaso da arte**, cuja matéria é toda composta de ouro puro, claro, vermelho, incombustível, fixo, diáfano e de incomparável brilho. Eis, pois, as nossas **duas vasilhas** ou naves, que não representam verdadeiramente senão dois corpos distintos contendo os espíritos metálicos, únicos agentes de que necessitamos.

A primeira destas vias, que utiliza o **vaso da arte**, é longa, laboriosa, ingrata, acessível às pessoas afortunadas, mas é muito estimada, apesar dos gastos que faz, pois é ela que os autores descrevem de preferência. Serve de suporte à sua argumentação, assim como ao desenvolvimento teórico da Obra, exige um ininterrupto trabalho de doze a dezoito meses, e parte do ouro natural preparado, dissolvido

no mercúrio filosófico, o qual se coze, seguidamente em matraz de vidro. Eis o vaso honorável, reservado ao nobre destas substâncias preciosas, que são o ouro exaltado e o mercúrio dos sapientes.

*A segunda via só reclama, de princípio a fim, o socorro dum terra vil, abundantemente espalhada, de tão baixo preço que, na nossa época, bastam dez francos para adquirir quantidade superior àquela de que precisamos. É a terra e a via dos pobres, dos simples e dos modestos, daqueles que a natureza maravilha até nas suas mais modestas manifestações. De extrema facilidade, requer, apenas, a presença do artista, porque o misterioso labor se cumpre por si mesmo e se perfaz em sete ou nove meses no máximo. Esta via, ignorada pela maioria dos alquimistas praticantes, elabora-se inteiramente no crisol ou cadinho de terra refratária. É essa via que os grandes mestres nomeiam um **trabalho de mulher** e uma brincadeira ou **jogo de crianças**; é a ela que aplicam o velho axioma hermético: **una re, una via, una dispositio**. Uma única matéria, uma única vasilha, um único forno. Tal é o vaso de terra, vaso desprezado, vulgar e de emprego comum, “que toda agente tem à frente dos olhos, que nada custa e se encontra em casa de todos, mas ninguém pode, porém, conhecer sem revelação”.⁸*

Canseliet se refere às duas vias da seguinte maneira:

Falamos, desde o início, claramente e sem rodeios, que o vaso da via úmida não é o mesmo que o da via seca. Na primeira o composto é introduzido em um matraz de vidro totalmente estranho a ele; na segunda, do composto muito diferente, se desprenderá a parede que assegurará a sua proteção.

Consequentemente, temos, de uma parte, o ordinário matraz da química, que se lacrará cuidadosamente, segundo o melhor procedimento; de outra parte, o ovo composto, que aguarda apenas ser colocado no ninho, para ser chocado. O estudante sabe pois que a via úmida possui o seu matraz de

⁸ As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, págs. 327 e 328.

vidro no banho de areia, sobre a lâmpada ou queimador, e que a via seca instala seu ovo no crisol em meio ao forno.

*Exatamente, o primeiro dos compostos é líquido e o segundo, sólido; um é a amalgama expandida do ouro metálico e do azougue, o outro, a indissolúvel união do ouro verde e do azougue, ambos filosóficos.*⁹

Fulcanelli também se refere às duas vias em outras ocasiões como, por exemplo, nesta passagem:

*A dissolução do ouro alquímico pelo dissolvente Alkaest caracteriza a primeira via; a do ouro vulgar pelo nosso mercúrio indica a segunda.*¹⁰

Neste caso a primeira via a que o Adepto se refere é a breve, e a segunda, é a longa.

Estes textos esclarecem muito bem sobre as diferenças existentes entre as duas vias, fazendo, inclusive, referência às diferentes substâncias empregadas.

A *via úmida* ou *longa* é dispendiosa, mais demorada, exige mais trabalho e é mais difícil de executar, sendo no entanto a mais conhecida e a mais divulgada.

Esta via parte do ouro comum, convenientemente preparado, dissolvido no *mercúrio filosófico* e cozido seguidamente em matraz de vidro hermeticamente fechado.

Nesta via, as três *Pedras* ou *Medicinas* devem ser submetidas à **coçção** no *Athanor* ou *forno filosófico* que é um forno especial, com banho de areia, para receber o ovo *filosófico*; o qual é o matraz de vidro com o *mercúrio* e o *enxofre*, que correspondem à clara e à gema.

Fulcanelli diz o seguinte ao analisar outro baixo-relevo do Castelo de Dampierre:

*Esta composição marca o termo das **três pedras** ou **medicinas** de Geber, obtidas sucessivamente, as quais são designadas pelos filósofos com os nomes de **Enxofre filosofal** a primeira; **Elixir** ou **Ouro potável** a segunda;*

⁹ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág. 222.

¹⁰ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, pág. 139.

Pedra filosofal, Absoluto ou Medicina universal a última. Cada uma destas três pedras teve de ser submetida à cocção no Athanor, prisão da Grande Obra...¹¹

A *via seca* ou *breve*, que alguns chamam de *Regime de Saturno*, não é dispendiosa, leva bem menos tempo e é de fácil execução. Ela é totalmente realizada em um cadinho ou crisol de terra refratária, submetido a altas temperaturas, de modo a manter as matérias no maior grau de fluidez, durante o tempo necessário.

O final da operação é marcado pelo rompimento espontâneo do crisol, deixando à vista, em seu interior, a *Pedra Filosofal* já terminada.

Porém, quem desconhece a maneira correta de operar, corre um sério risco de explosão.

Uma forma de se diminuir os riscos consiste em reduzir a mistura empregada a um pó muito fino, em um almofariz. Depois, ir adicionando esta mistura pouco a pouco, por meio de colheradas, ao crisol, aquecido até o rubro. Trataremos deste procedimento ao falarmos sobre a prática.

Esta via é a menos conhecida, sendo pouco citada pelos mestres.

¹¹ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, pág. 304.

Capítulo IX

A cores da Obra

Durante o decorrer da Obra alquímica temos uma sucessão de cores, que podem ser observadas no interior do vaso alquímico, na *via úmida*.

Existem três cores predominantes: o preto, o branco e o vermelho.

A cor negra é a primeira que aparece, no início da Obra, sendo atribuída a Saturno. Os alquimistas referem-se a ela como *Chumbo dos Filósofos*, *dragão negro*, *corvo* ou *cabeça de corvo*, sendo associada à terra, à noite, à morte e à putrefação. É o indício de que as matérias iniciais morreram, isto é, através da reação ocorrida entre elas, deixaram de existir, estão se transformando em algo diferente, perdendo as suas naturezas, as suas características.

Este negro deve ser lavado ou purificado pelo acréscimo de outra substância, até obtermos a cor branca, associada à pureza. Esta operação é denominada *decapitar o dragão* ou *decapitar o corvo* e corresponde à purificação da matéria, ao renascimento, à passagem da noite para o dia, da morte para a vida, significando que, da união das matérias iniciais, mortas na fase de putrefação, obtivemos uma nova substância, mais nobre e mais pura.

Finalmente, teremos a cor vermelha, símbolo do fogo, indicando a completa maturação, a consecução final da Obra, a obtenção da Pedra Filosofal sob a forma de cristal ou pó vermelho, correspondendo à predominância do espírito sobre a matéria, a soberania, o poder, o apostolado.

Além destas três colorações principais existem outras, de menor importância, que se manifestam durante a Obra alquímica. Alguns autores se referem ao amarelo ou citrino, à *cauda do pavão* e às *cores do arco-íris*.

Segundo Fulcanelli: *Estas cores, em número de três, desenvolvem-se segundo a ordem invariável que vai do*

*negro ao vermelho, passando pelo branco. Mas como a natureza, segundo o velho adágio - **Natura non facit saltus** - nada faz brutalmente, há muitas outras intermédias que aparecem entre essas três principais. O artista faz pouco caso delas porque são superficiais e passageiras. São apenas um testemunho de continuidade e de progressão das mutações internas. Quanto às cores essenciais, duram mais tempo que esses matizes transitórios e afetam profundamente a própria matéria, marcando uma mudança de estado na sua constituição química. Não se trata de tons fugazes, mais ou menos brilhantes, que cintilam na superfície do banho, mas sim de colorações **na massa** que se manifestam exteriormente e assimilam todas as outras. Será bom, cremos nós, precisar este ponto importante.*

Estas fases coloridas, específicas da cocção na prática da Grande Obra, serviram sempre de protótipo simbólico; atribuiu-se a cada uma delas uma significação precisa e, muitas vezes, bastante extensa para exprimir sob o seu véu certas verdades concretas.¹²

Esta última observação é muito importante, pois esclarece que as cores são específicas da **cocção**, sendo no entanto empregadas simbolicamente para se referir a outras fases da Obra.

Mais adiante Fulcanelli torna a se referir a este tema citando uma legenda encontrada em um quadro hermético: **não vos fieis demasiado na cor**, lembrando que alguns autores se referem às cores de modo simbólico, para tratar de outras fases da Obra.

Vejamos o que diz Limojon de Sain-Didier na *Primeira Chave* da sua *Carta aos Verdadeiros Discípulos de Hermes Contendo as Seis Principais Chaves da Filosofia Secreta*: *Antes de prosseguir, tenho um conselho a dar-vos, que não vos será de pequena valia; é fazer reflexões sobre que as operações de cada uma das três obras, tendo muita analogia e relação umas com as outras, os Filósofos falam delas propositadamente em termos equívocos, a fim de que*

¹² O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, pág. 114.

aqueles que não têm olhos de lince não notem a mudança, perdendo-se neste labirinto, do qual é bem difícil sair. Com efeito, quando imaginamos que falamos de uma obra, tratamos freqüentemente de outra, guardai-vos pois de não vos deixardes aí enganar: pois é fato que em cada obra o sábio Artista deve dissolver o corpo com o espírito, deve cortar a cabeça do corvo, embranquecer o negro e avermelhar o branco; é todavia propriamente na primeira operação, que o Sábio Artista corta a cabeça ao negro dragão, e ao corvo. Hermes diz que é daí que nossa arte principia, “quod ex corvo nascitur, hujus artis est principium”. Considerai que é pela separação da fumaça negra, suja e mal cheirosa do negro nigérrimo, que se forma nossa pedra astral, branca, e resplandecente, que contém em suas veias o sangue do pelicano; é nesta primeira purificação da pedra, nesta brancura luzente, que termina a primeira Chave da primeira obra.¹³

¹³ O Triunfo Hermético, Limojon de Saint-Didier, págs.: 143 e 144.

Capítulo X

A prática da Alquimia

Todo aquele que deseja aprofundar-se em Alquimia, deve primeiramente se dedicar ao estudo das obras dos mestres tradicionais.

Através da leitura e da meditação irá gradativamente penetrando o véu que recobre os seus escritos, adquirindo uma idéia da Obra completa, dos pormenores de cada etapa, das substâncias empregadas, etc.

Já falamos sobre as dificuldades que aguardam todo o estudioso: A tradição alquímica impõem restrições à sua divulgação de modo que a linguagem é alegórica, há os autores invejosos que procuram desnortear os iniciantes com informações errôneas, o simbolismo empregado pelos diversos autores para se referir a uma mesma operação geralmente é diferente, jamais encontraremos em um único tratado todas as indicações necessárias à realização completa da Obra, etc.

É necessário um bom conhecimento de Química, principalmente de práticas de laboratório, pois o trabalho alquímico envolve diversas substâncias e equipamentos e várias manipulações, que são comuns a todo químico, porém que podem ser perigosos para os leigos.

Alem disso é preciso ter em mente que o trabalho alquímico assemelha-se muito mais a uma receita de cozinha, do que a uma experiência da química atual, conforme afirmam os mestres. Desta forma, existem variações nos processos, como na preparação de uma receita caseira para a fabricação do pão, do vinho ou da cerveja. As receitas passam de pessoa a pessoa, de geração a geração. O procedimento geral, a receita, é sempre a mesma, mas nunca se obtém o mesmo pão, o mesmo vinho ou a mesma cerveja. A mesma pessoa, cada

vez que executa uma mesma receita, obtém sempre um resultado diferente.

Limojon de Saint-Didier nos diz em sua *Carta*:

Afirmo-vos sinceramente que a prática de nossa arte é a mais difícil cousa do mundo, não quanto às suas operações, mas quanto às dificuldades que possui, em apreender distintamente, nos livros dos Filósofos: pois, se por um lado é chamada, com razão, jogo de crianças, por outro, ela requer, naqueles que procuram a verdade por seu trabalho e estudo, um conhecimento profundo dos Princípios e das operações da natureza, nos três gêneros; mas particularmente, no mineral e metálico. É grande coisa encontrar a verdadeira matéria, que é o sujeito de nossa obra, para tanto é necessário penetrar mil véus obscuros, com que ela foi envolvida; deve-se distingui-la por seu próprio nome, dentre um milhão de nomes extraordinários, com que os Filósofos diversamente a exprimiram; deve-se compreender todas as suas propriedades e julgar sobre todos os graus de perfeição, que a arte é capaz de dar-lhe; deve-se conhecer o fogo secreto dos sábios, que é o único agente que pode abrir, sublimar, purificar e dispor a matéria a ser reduzida em água; deve-se para isso penetrar até à fonte divina da água celeste, que opera a solução, a animação e purificação da pedra; deve-se saber converter nossa água metálica em óleo incombustível pela inteira solução do corpo, de onde ela tira sua origem, e para este efeito, deve-se fazer a conversão dos elementos, a separação e a reunião dos três princípios; deve-se apreender como dela se deve fazer um Mercúrio branco, e um Mercúrio citrino; deve-se fixar este Mercúrio, nutri-lo de seu próprio sangue, a fim de que se converta no enxofre dos Filósofos. Eis quais são os pontos fundamentais de nossa arte; o resto da obra se encontra assaz ensinado nos livros dos Filósofos, para não ter necessidade de mais ampla explicação.¹⁴

¹⁴ O Triunfo Hermético, Saint-Didier, págs. 140 e 141.

Também é importante saber que as operações alquímicas possuem diferenças das operações químicas comuns.

Essa diferença pode ser a *influência celeste*, conforme veremos adiante, ou a presença de um elemento catalisador, como o *fogo secreto*, na *calcinação filosófica*.

Na calcinação comum temos apenas uma substância submetida à ação do fogo, enquanto que na *calcinação filosófica* temos a ação conjunta do fogo comum e do *fogo secreto*.

Vejamos como Fulcanelli esclarece esta diferença:

Na violência da ação ígnea, as porções combustíveis do corpo são destruídas; só as partes puras, inalteráveis, resistem e, embora muito fixas, podem extrair-se por lixiviação.

*Tal é, pelo menos, a expressão **espagírica** da calcinação, semelhança de que os autores se utilizam para servir de exemplo à idéia geral que se deve ter acerca do trabalho hermético. No entanto, os nossos mestres na Arte têm o cuidado de chamar a atenção do leitor para a diferença fundamental existente entre a calcinação vulgar, tal como se realiza nos laboratórios químicos, e a que o Iniciado realiza no gabinete dos filósofos. Esta não se efetua por meio de qualquer fogo vulgar, não necessita do auxílio do revérbero mas requer a ajuda de um **agente oculto**, de um **fogo secreto**, o qual, para dar uma idéia da sua forma, se assemelha mais a uma chama. Este **fogo** ou **água ardente** é a centelha vital comunicada pelo Criador à matéria inerte; é o **espírito** encerrado nas coisas, o **raio ígneo**, imorredoiro, encerrado no fundo da substância obscura, informe, frígida.¹⁵*

São tais diferenças que levam Canseliet a afirmar:

Sem negar, de nossa parte, o valor e a exatidão das operações da química, ordinariamente bem conhecidas do

¹⁵ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, pág. 113.

*técnico, devemos ter em mente que, sob os nomes que são comuns, as da alquimia são profundamente diferentes.*¹⁶

Além disso, alguns autores costumam dar os mais variados e extravagantes nomes, para uma determinada operação, a qual muitas é vezes é bastante simples.

Vejam os exemplo dado por Flamel sobre os diferentes nomes atribuídos à fase correspondente à *solução* do composto, a sua *liquefação* sob a *influência do fogo*, provocando a sua *desagregação*, com o aparecimento da *cor negra*:

*Portanto esta negritude e cores ensinam claramente que neste início a matéria ou o composto começa a apodrecer e dissolver em pó mais miúdo que os átomos do Sol, que depois vêm a ser água permanente. E esta dissolução é chamada pelos filósofos invejosos morte, dissolução e perdição, porque as naturezas mudam de forma. Daí surgiram tantas alegorias sobre os mortos, tumbas e sepulcros. Outros a chamaram calcinação, desnudação, separação, trituração, assadura, porque as confecções são mudadas e reduzidas em minúsculos pedaços ou partículas. Ainda outros, redução à primeira matéria, molificação, extração, mistura, liquefação, conversão dos elementos, sutilização, divisão, humação, impastação, e destilação, devido a que as confecções são liqüefeitas, reduzidas a semente, abrandadas, e circulam pelo matraz. E por outros xir, putrefação, corrupção, sombras cimerianas, bátrato, inferno, dragão, geração, ingressão, submersão, compleição, conjunção, e impregnação, pelo que a matéria é negra e aquosa, e as naturezas se misturam perfeitamente, e se conservam umas às outras.*¹⁷

¹⁶ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág. 201.

¹⁷ O Livro das Figuras Hieroglíficas, Flamel, pág. 84.

Capítulo XI

A influência celeste

Segundo Canseliet, em *L'Alchimie Expliquée Sur Ses Textes Classiques (A Alquimia Explicada Sobre Seus Textos Clássicos)*, devemos atentar primeiramente para os aspectos exteriores como a instalação do laboratório, que deve ser em um local tranqüilo, o mais afastado possível dos grandes centros e da poluição. O início dos trabalhos deve ser na Primavera, dando-se preferência aos dias límpidos e às noites estreladas.

Muitos autores se referem à *influência do céu e dos astros*, particularmente, do sol e da lua, na realização da Grande Obra. Porém, tais citações são geralmente vagas e obscuras, pois este, certamente, constitui um dos maiores arcanos da Obra.

Jacques Bergier, que era engenheiro químico, foi a pessoa com maior conhecimentos da Química atual, que mais se aprofundou na prática da Alquimia, tendo chegado muito próximo de alguns dos maiores arcanos desta arte.

Segundo ele, um alquimista lhe confidenciou que tornar um corpo **filosófico**, isto é, com determinadas características que o tornam próprio ao trabalho alquímico, depende de física e não de química; o que foi interpretado por Bergier como uma referência à luz da lua cheia.

Fulcanelli diz o seguinte:

*Primeiramente, é indispensável conhecer o que os Antigos designavam pelo termo bastante vago de **espíritos**. Para os alquimistas, os espíritos são **influências reais**, se bem que fisicamente quase imateriais ou imponderáveis. Atuam de maneira misteriosa, inexplicável, inconhecível mas eficaz, sobre as substâncias sujeitas à sua ação e preparadas para os receber. A radiação lunar é um desses espíritos herméticos.*¹⁸

¹⁸ As Mansões Filosóficas, pág. 112, Fulcanelli.

Limojon de Saint-Didier se expressa da seguinte forma:

*Disse-vos claramente e sem ambigüidade que o Céu e os Astros, mas particularmente o Sol e a Lua, são exprincípio desta fonte de água viva que faz operar todas as maravilhas de que sabeis. É o que faz dizer o Cosmopolita, em seu enigma, que na Ilha deliciosa, de que faz a descrição, não havia água; e toda aquela que se procurava trazer, por máquinas e por artificios, “era ou inútil ou envenenada, exceto aquela que poucas pessoas sabiam extrair dos raios do Sol ou da Lua”.*¹⁹

Canseliet cita um manuscrito existente no Museu de História Natural de Paris, no qual está escrito:

*Todo mundo sabe hoje em dia que a luz que a lua nos envia não é senão um reflexo da luz solar, à qual vêm mesclar-se a luz dos outros astros. A lua é portanto um receptáculo e um lugar comum do qual todos os filósofos têm falado; ela é a fonte da sua água viva. Se vós quereis reduzir em água os raios do sol, escolhei o momento em que a lua no los transmite com abundância, ou seja, quando está cheia ou se aproxima da sua plenitude; tereis por este meio a água ígnea dos raios do sol e da lua em sua maior força.*²⁰

Portanto, determinadas operações devem ser efetuadas sob a ação da luz da lua cheia. Porém, esta influência não se faz notar em uma substância qualquer. Apenas determinadas substâncias, empregadas no trabalho alquímico, possuem a propriedade de atrair, como um ímã, e captar estas influências.

Canseliet nos fornece indicações sobre uma reação realizada sob a influência do luar, citando uma frase de Jonathan Swift, extraída de *As Viagens de Gúliwer*: “*Que mina pode unicamente sacar de Marte o leão precipitado?*”

¹⁹ O Triunfo Hermético, Limojon de Saint-Didier, pág. 114.

²⁰ La Alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág.107.

A mina corresponde à parte mineral do composto, isto é, ao minério empregado. Marte corresponde ao metal, que provavelmente é o próprio ferro, cujo símbolo é exatamente Marte. O leão corresponde ao precipitado produzido na reação, efetuada sob a luz da lua cheia.

Este precipitado corresponde a um composto de ferro, de coloração verde, o que justifica chamá-lo *leão verde*, termo empregado por muitos alquimistas para designar o primeiro dos agentes que entra na elaboração do *dissolvente universal* ou *Alkaest*, também denominado *Vitriolo*, *vitriolo verde*, *esmeralda dos filósofos*, *orvalho de maio*, *orvalho do céu* (*flos coeli*), *erva saturnina*, etc.

No decorrer das operações, este composto adquire a coloração vermelha²¹, tornando-se então o *leão vermelho* ou *ouro hermético*. Sendo esta operação denominada extração do *enxofre vermelho e incombustível*.

²¹ Os compostos de ferro podem adquirir, entre outras, as colorações verde e vermelho-sangüíneo.

Capítulo XII

As matérias empregadas

Encontramos referências de que a *Pedra Filosofal* é composta por uma única substância, por duas, por três, por quatro e até por cinco substâncias diferentes.

Limojon de Saint-Didier esclarece esta aparente contradição em seu *Diálogo de Eudoxo e Pirófilo sobre a Antiga Guerra dos Cavaleiros*:

*Assim como os sucos extraídos de muitas ervas, depurados de seu bagaço e incorporados conjuntamente, compõem a confecção de uma só e mesma espécie, assim os Filósofos chamam, com razão, sua matéria preparada, uma só e mesma coisa; se bem que não se ignore que é um composto natural de algumas substâncias da mesma raiz e de uma mesma espécie, que perfazem um todo completo e homogêneo; nesse sentido os Filósofos estão de acordo; mesmo que digam que sua matéria é composta de duas coisas, e outros, de três, uns, de quatro, e outros ainda, de cinco, aqueles enfim, que é uma só coisa.*²²

Basilio Valentin se refere a este assunto da seguinte maneira:

Fiz menção e revelei que todas as coisas são tiradas e compostas de três substâncias, de mercúrio, enxofre e sal. O que é verdadeiro também demonstrei.

Mas saibas, ademais, que a Pedra é confeccionada de um, de dois, de três, de quatro e de cinco: De cinco, quer dizer, da quintessência de sua substância; de quatro, pelo que se entende pelos quatro elementos; de três, que são os três princípios das coisas; de dois, que são certamente a dupla substância do mercúrio; de um, isto é, o primeiro ser de tudo, o qual se originou do verbo da primeira criação ou fiat.

²² O Triunfo Hermético, Limojon de Saint-Didier, págs. 79 e 80.

Para o são julgamento, muitos equívocos poderiam nascer de tais palavras; por isso, para ter a base e a idéia da ciência que se deve seguir, primeiro falarei brevemente do mercúrio; sem segundo lugar, do enxofre; em terceiro, do sal – pois são as essências de nossa matéria da Pedra.²³

Vários autores se referem a este assunto dizendo que *muitos buscam nas mais variadas substâncias, dos reinos mineral, vegetal e animal, as matérias da Obra; porém, é seguramente no reino mineral que devemos encontrá-las.*

Vejamos o que diz Roger Bacon em *O Espelho da Alquimia*:

É muito surpreendente ver pessoas hábeis trabalhar com substâncias animais, que constituem uma matéria muito distante, quando têm à mão, nos minerais, uma matéria suficientemente próxima. É possível que alguns filósofos tenham relacionado tais matérias com a Obra, porém o fizeram de modo alegórico.²⁴

Limojon de Saint-Didier, em sua *Carta* nos diz o seguinte:

Recordai-vos, senhor, que os Filósofos afirmam que se deve apartar tudo o que foge ao fogo, e que nele se consome, tudo o que não é de uma só natureza, ou ao menos, de origem metálica.

Como seria possível aperfeiçoar um metal por outra forma que não por uma substância metálica puríssima e exaltada a seu grau último de perfeita tintura e fixidez, por uma longa decocção no licor mercurial que os Filósofos descrevem?²⁵

Limojon de Saint-Didier também esclarece nesta *Carta* que o orvalho ou rocío não entra na Obra.

Os termos *orvalho de maio* e *orvalho do céu (flos coeli)* empregados por alguns alquimistas, levou muitos a

²³ As Doze Chaves da Filosofia, Basilio Valentin, págs. 140 e 141.

²⁴ Textos Básicos de Alquimia, pág. 50.

²⁵ O Triunfo Hermético, Saint-Didier, págs. 164 e 168.

acreditarem que o mesmo fosse realmente utilizado, inclusive muitos espagiristas utilizavam o orvalho, colhido com panos estendidos, em suas manipulações.

Fulcanelli é bastante claro a este respeito:

*Sabe-se, além disso, que o **rocio de Maio** (orvalho de maio) ou **Esmeralda dos filósofos** é verde e que o Adepto Cyliani declara, metaforicamente, este veículo indispensável para o trabalho. Também não queremos, com isto, insinuar que é preciso recolher, a exemplo de certos espagiristas e das personagens do **Mutus Liber**, o orvalho noturno do mês de Maria, atribuindo-lhe qualidades que sabemos que ele não possui. O rocio dos sapientes é um sal e não uma água, mas a coloração própria desta água serve para designar a nossa matéria.²⁶*

Na verdade estes termos são empregados como sinônimos de *Vitriolo*, *Vitriolo verde*, *Esmeralda dos Filósofos*, *Erva Saturnina*, *Pedra vegetal* e *Leão verde*, todos eles utilizados para designar o primeiro dos componentes empregados na preparação do *dissolvente* ou *Alkaest*.

*O primeiro agente magnético que serve para preparar o dissolvente – que alguns denominam **Alkaest** – é chamado **Leão verde**, não tanto porque possua coloração verde mas porque não adquiriu os caracteres minerais que distinguem quimicamente o estado adulto do estado que nasce. É um fruto **verde e amargo**, comparado com o fruto **vermelho e maduro**. É a juventude metálica sobre a qual a evolução não atuou, mas que contém o germe latente de uma real energia, chamada mais tarde a desenvolver-se. São o arsênico e o chumbo, em relação à prata e ao ouro. É a imperfeição atual de que sairá a maior perfeição futura; o rudimento do nosso embrião, o embrião da nossa pedra, a pedra do nosso Elixir. Certos Adeptos, Basile Valentin entre eles, chamaram-lhe **Vitriolo verde**, para expressar a sua natureza cálida, ardente e salina; outros, **Esmeralda dos***

²⁶ As mansões Filosófais, Fulcanelli, pág. 487.

Filósofos, Orvalho de Maio, Erva saturnina, Pedra vegetal, etc.²⁷

Mas quais são as substâncias utilizadas?

Jacques Bergier chegou muito próximo das matérias empregadas ao descrever o início dos trabalhos alquímicos:

*O nosso alquimista começa por misturar muito bem, num almofariz de ágata, três constituintes. O primeiro, numa percentagem de 95 %, é um minério: uma pirita arseniosa, por exemplo, um minério de ferro que contém especialmente, como impureza, arsênico e antimônio. O segundo é um metal: ferro, chumbo, prata ou mercúrio. O terceiro é um ácido de origem orgânica: ácido tartárico ou cítrico. Vai moê-los e tritura-los com as mãos, depois conserva a mistura durante cinco ou seis meses. Em seguida aquece tudo num crisol. Aumenta progressivamente a temperatura e faz com que a operação dure cerca de dez dias. Deverá tomar certas precauções. Há gases tóxicos que se evolvem: o vapor de mercúrio e sobretudo o hidrogênio arsenioso que matou mais de um alquimista, logo no início dos trabalhos.*²⁸

Segundo Canseliet, e concordamos plenamente com ele, as substâncias empregadas são três: um metal, um minério e um sal.

O metal e o minério correspondem às duas substâncias de naturezas opostas.

No metal encontramos o princípio *masculino, fixo, quente e seco*, designado por *enxofre*.

No minério temos o princípio *feminino, volátil, frio e úmido*, designado por *mercúrio*.

O sal é a substância mediadora, também denominada *fogo secreto* ou *fogo filosófico*, o qual, conforme o linguajar alquímico, *excitado pelo calor vulgar ou fogo elementar*,

²⁷ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, pág. 128.

²⁸ O Despertar dos Mágicos, Bergier e Pauwels, pág. 124.

necessário à liquefação da mistura, efetua as reações, o que corresponde à ação do *fogo secreto* ou *primeiro agente* sobre a *matéria prima*.

O sal atua como fundente, isto é, uma substância que misturada a outras faz com que elas se fundam a uma temperatura mais baixa.

Ao aquecermos a mistura o sal se funde, dissolvendo as demais substâncias, permitindo que as reações entre ambas ocorram.

A função do minério é realizar a **reincruação** do metal.

Segundo os alquimistas, os metais, ao serem extraídos dos seus minérios, encontram-se mortos, impróprios ao trabalho alquímico, sendo representados por uma árvore seca. Porém, se forem colocados em uma terra que lhes seja própria, podem reviver. Esta terra é o minério e esta operação se denomina **reincruação** do metal.

*A árvores seca é um símbolo dos metais usuais reduzidos dos seus minérios e fundidos, aos quais as altas temperaturas dos fornos metalúrgicos fizeram perder a atividade que possuíam na sua jazida natural. Por isso os filósofos os qualificam de **mortos** e os reconhecem como impróprios para o trabalho da Obra, até que sejam revivificados, ou **reincruados** segundo o termo consagrado, por esse fogo interno que nunca os abandona completamente. Porque os metais, fixados sob a forma industrial que lhes conhecemos, conservam ainda, no mais profundo da sua substância, a alma que o fogo vulgar enclausurou, comprimiu e condensou, mas que não pôde destruir. Os sábios nomearam esta alma **fogo ou enxofre**, pois ela é verdadeiramente o agente de todas as mutações, de todos os acidentes observados na matéria metálica, e é esta semente incombustível que nada pode arruinar por completo, nem a violência dos ácidos fortes, nem o ardor da fornalha.*²⁹

²⁹ As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, pág. 375.

*Esta operação, que os sábios chamaram **reincruação** ou retorno ao primitivo estado, tem especialmente por objetivo a aquisição do enxofre e a sua revificação pelo mercúrio inicial.³⁰*

Este dissolvente pouco comum permite a "reincruação"³¹ do ouro natural, o seu amolecimento e o retorno ao seu primeiro estado sob a forma salina, friável e muito fundível. É este rejuvenescimento do rei que todos os autores assinalam, começo de uma nova fase evolutiva, personificada, no motivo que nos ocupa, por Tristão, sobrinho do rei Marc.³²

O fato do ouro entrar ou não na elaboração da Pedra Filosofal sempre foi muito controverso, pois alguns autores afirmam que sim e outros que, absolutamente, não. Esta aparente contradição é facilmente compreensível. Simplesmente que uns falavam sobre a via seca e outros sobre a via úmida.

Vários autores são bem esclarecedores a este respeito.

Vejamos algumas citações de Filaleto, acerca do emprego do ouro:

Quem quer que deseje possuir este Tosão de ouro, deve saber que nosso pó aurífero, que chamamos de nossa pedra, é o Ouro, simplesmente alçado ao mais alto grau de pureza e fixidez sutil a que puder ser levado, tanto por sua natureza, quanto pela arte de hábil operador.

³⁰ As Mansões Filosofais, Fulcanelli, pág. 383.

³¹ Termo da técnica hermética que significa *tomar cru*, ou seja, remeter para um estado anterior ao que caracteriza a maturidade, retroceder. (Nota de Fulcanelli).

³² O mistério das Catedrais, Fulcanelli, pág.195.

O mesmo ocorre com o nosso ouro: está morto, quer dizer, sua força vivificante está selada sob a escória corporal; no que se assemelha ao grão, com diferenças, porém, em proporção à grande distância que separa o grão vegetal do ouro metálico. E assim como este grão que permanece imutável, enquanto está ao ar seco, é destruído pelo fogo e vivificado somente na água, também o ouro, que é incorruptível malgrado qualquer ataque e dura eternamente, é redutível apenas em nossa água, e então vive, e torna-se nosso ouro.

Os Filósofos têm então razão dizendo que o ouro filosófico é diferente do ouro vulgar; e esta diferença reside na composição. Diz-se, realmente, que um homem está morto quando ouviu sua sentença de morte; também se diz que o ouro está vivo quando mistura-se a uma tal composição, submetido a um tal fogo, no qual deve receber necessária e rapidamente a vida germinativa e mostrar, alguns dias mais tarde, os efeitos de sua vida nascente.³³

Fulcanelli também faz citações sobre a utilização do ouro, e de que o seu emprego só ocorre na via úmida:

A dissolução do ouro alquímico pelo dissolvente Alkaest caracteriza a primeira via; a do ouro vulgar pelo nosso mercúrio indica a segunda.³⁴

*Um velho refrão espagírico pretende que **a semente do ouro está no próprio ouro**; não o contradiremos, com a condição de que se saiba de que ouro se trata, ou como convém colher essa semente liberta do ouro vulgar.³⁵*

Com efeito, sabemos que o mercúrio filosófico resulta da absorção de uma certa parte de enxofre por uma

³³ Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei, Filaletto, págs 9, 42 e 43.

³⁴ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, pág. 139.

³⁵ As Mansões Filosófais, pág. 118, Fulcanelli.

determinada quantidade de mercúrio; é então indispensável conhecer exatamente as proporções recíprocas dos componentes, se se opera pela via antiga.

*Mas deve-se notar, por outro lado, que é possível substituir por ouro vulgar o enxofre metálico; neste caso, podendo sempre o excesso de dissolvente ser separado por destilação, o peso encontra-se remetido a uma simples apreciação de consistência. A balança, como se vê, constitui um índice precioso para a determinação da via antiga, da qual o ouro parece dever ser excluído. Ouvimos falar do ouro vulgar que não sofreu nem **exaltação** nem **transusão**, operações que, modificando as suas propriedades a suas características físicas, o tornam próprio para o trabalho.*³⁶

*O segredo da **exaltação**, sem o conhecimento do qual não se obtém resultado, consiste em aumentar – de um só jato ou gradativamente – a cor normal do ouro puro pelo enxofre dum metal imperfeito, geralmente o cobre. Este fornece ao metal precioso **o seu próprio sangue**, por uma espécie de transusão química.*³⁷

Na via seca ou breve, o ouro não é utilizado, sendo empregado apenas no final, na etapa denominada **fermentação**, da qual trataremos no devido momento.

Nesta via, a nosso ver, o metal utilizado é o ferro, o qual é citado por Jacques Bergier e, segundo os princípios herméticos, é o metal que mais se identifica com o ouro.

Vejamos o que diz Fulcanelli a este respeito:

Sabe-se que a prata e o chumbo têm entre eles uma simpatia muito acentuada; os minerais de chumbo argentífero bem o provam. Ora, como a afinidade estabelece a identidade química profunda desses corpos, é lógico pensar que o mesmo espírito, empregado nas mesmas condições, nele determinará os mesmos efeitos. É o que

³⁶ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, págs. 133 e 134.

³⁷ As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, pág. 126.

*acontece com o ferro e o ouro, os quais estão ligados por uma estreita afinidade; quando os prospectores mexicanos acabam por descobrir uma terra arenosa muito vermelha, composta na sua maior parte por ferro oxidado, concluem que o ouro não está longe. Por isso consideram esta terra vermelha como a mineira e a **mãe do ouro**, e o melhor indício de um filão próximo. O fato parece contudo bastante singular, dadas as diferenças físicas destes dois metais. Na categoria dos corpos metálicos usuais, o ouro é o mais raro de entre eles; o ferro, pelo contrário, é certamente o mais vulgar, o que se encontra em toda parte, não só nas minas, onde ocupa jazigos consideráveis e numerosos, mas também disseminado à superfície do solo.*³⁸

Além disso, o termo *ação dos sábios* é empregado muitas vezes para designar um dos componentes da Pedra.

O Antimônio é citado, de forma alegórica, por alguns autores. Isto levou muitos pesquisadores a concluir, equivocadamente, que o mesmo é um dos materiais utilizados. Porém, Fulcanelli nos adverte contra tal equívoco:

*Os mais instruídos em nossa cabala tradicional ficaram, sem dúvida, impressionados com a relação existente entre a **via**, o **caminho** traçado pelo hieróglifo que assume a forma do algarismo 4, e o **antimônio natural** ou **stibium**, claramente indicado sob este vocábulo topográfico. Com efeito, o oxi-sulfúreo de antimônio natural chamava-se entre os Gregos *Στιμιμι* ou *Στιδι*; ora, *Στιδια* é o **caminho**, a **senda**, a **via** que o investigador (*Στιδευς*) ou **peregrino** percorre na sua viagem; é isso que ele calca, pisa aos pés (*Σταιδω*). Estas considerações, baseadas numa exata correspondência das palavras, não escaparam aos velhos mestres nem aos filósofos modernos, os quais, apoiando-as com a sua autoridade, contribuíram para espalhar o nefasto erro de que o antimônio vulgar era a misteriosa **matéria** da*

³⁸ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, pág115.

arte, lamentável confusão, obstáculo invencível onde esbarraram centenas de pesquisadores. Desde Artéfilos, que começa o seu tratado com estas palavras: “O antimônio é das partes de Saturno...”, até Filaleto, que intitula uma das suas obras: **Expériences sur la préparation du Mercure philosophique par la Régule d’Antimoine martial étoilé et l’argent** (Experiências sobre a preparação do Mercúrio filosófico pelo Régulo do Antimônio marcial estrelado e a prata), passando pelo **Char triomphal de l’Antimoine** (Carro triunfal do Antimônio) de Basílio Valentim, e pela afirmação perigosa, no seu hipócrita positivismo, de Batsdorff, é simplesmente prodigioso o número dos que se deixam prender nessa armadilha grosseira.³⁹

³⁹ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, págs. 242 e 245.

Capítulo XIII

A matéria prima

A ***matéria prima*** ou ***pedra dos filósofos*** é o mineral utilizado na *Grande Obra*, o qual, após a devida preparação, torna-se a ***matéria próxima***.

Recordemos o que o autor anônimo de *A Antiga Guerra dos Cavaleiros* diz sobre a diferença entre a *Pedra dos Filósofos* ou *Matéria Prima* e a *Pedra Filosofal*:

A primeira é o sujeito da qual ela é verdadeiramente Pedra, pois que é sólida, dura, pesada, frágil, friável; ela é um corpo (diz Filaleto), “pois escorre ao fogo como um metal”, é todavia espírito “pois é toda volátil”, ela é o composto, “é a pedra que contém a umidade, que se liqüefaz no fogo” (diz Arnaldo de Vilanova em sua carta ao Rei de Nápoles). É neste estado que ela é “uma substância intermediária entre o metal e o mercúrio”, como diz o Abade Sinésius; é, enfim, nesse mesmo estado que Geber a considera, quando diz, em duas passagens da sua Suma “toma nossa pedra, isto é (diz ele) a matéria de nossa pedra”, assim como se diria, toma a Pedra dos Filósofos, que é a matéria da Pedra Filosofal.

Fulcanelli fala da seguinte maneira sobre o minério utilizado:

*O seu nome tradicional, **pedra dos filósofos**, representa esse corpo o bastante para servir de base útil à sua identificação. Ele é, com efeito, verdadeiramente **pedra**, pois apresenta, ao sair da mina, os caracteres exteriores comuns a todos os minerais. É o **caos dos sábios**, no qual os quatro elementos estão encerrados, mas confusos e desordenados. É o nosso **velho** e o **pai dos metais**, estes lhe devendo a sua origem, pois que ele representa a primeira manifestação terrestre. É o nosso arsênico, a cadmia, o antimônio, a blenda, a galena, o cinábrio, o colcotar, o auricalco, o realgar, o orpimento, a calamina, a túlia, o tártaro, etc. Todos esses minerais, pela via hermética, lhe prestaram a homenagem do seu nome.*

*Chama-se-lhe ainda **dragão negro coberto de escamas, serpente venenosa, filha de Saturno**, e “a mais amada de seus filhos”. Esta substância primária viu a sua evolução interrompida por interposição e penetração dum enxofre infecto e combustível, que empasta seu puro mercúrio, o retém e o coagula. E, se bem que seja inteiramente volátil, este **mercúrio primitivo**, corporificado sob a ação secativa do enxofre arsenical, toma o aspecto de uma massa sólida, negra, densa, fibrosa, quebradiça, friável, cuja pouca utilidade a torna vil, abjeta e desprezível aos olhos dos homens.*⁴⁰

Canseliet faz os seguintes comentários sobre a matéria próxima:

De fato, nosso Caos é uma terra mineral, no que diz respeito à sua coagulação, e sem dúvida é um ar volátil, porque em seu interior, em seu centro, está o Céu dos Filósofos, centro que é realmente astral, irradiando a terra com sua luz até à superfície.

*Sim, o Caos dos filósofos é uma terra mineral, um minério, mais precisamente um sulfeto sobre o qual Filaleb nos disse, deve-se restituir, a esta matéria bruta, o espírito de vida, indispensável e latente, que possuía na mina, quando o grande Princípio o impulsionava do centro à periferia.*⁴¹

O minério empregado é portanto um sulfeto. Um sulfeto comum, conforme diversos autores. Levando em consideração todas as características citadas, somos levados a concluir, juntamente com Jacques Bergier, que o minério utilizado é uma pirita, um sulfeto de ferro.

Temos então a *matéria prima*, que é o nosso minério. Devemos agora prepará-lo convenientemente, a fim de torná-lo a *matéria próxima*, cuja função será realizar a *reincruação* do metal.

⁴⁰ As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, pág. 142.

⁴¹ La Alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág.116.

Primeiramente devemos desembaraçar o nosso minério, o nosso sulfeto, da sua ganga, das impurezas freqüentemente silicosas.

Devemos triturá-lo pacientemente em um almofariz e peneirá-lo até se obter um pó muito fino.

Este pó deverá ser colocado em um matraz de uns dois litros e submetido a um calor constante, a um grau bastante baixo, por longo tempo. É a esta fase que os textos se referem ao falarem sobre o **calor de esterco** ou de **galinha chocando os ovos**. Após alguns dias, ao observarmos que não se manifesta mais alteração alguma, teremos a *matéria próxima* preparada para o trabalho alquímico.

Esta *matéria próxima* que preparamos irá realizar a *reincruação* do metal que semearemos em seu seio, reduzido a limalhas. Ela é a *terra* própria ao desenvolvimento da *semente metálica*, representando ambos o macho e a fêmea que deverão unir-se para originar uma nova criatura.

Trata-se do *casamento filosófico* do qual nascerá o *nosso menino* que será *rei*, isto é, a *Pedra Filosofal*.

Capítulo XIV

O fogo secreto

Conforme já vimos, o *fogo secreto* ou *fogo filosófico* é um sal, também denominado *sal dos filósofos*.

Limojon de Saint-Didier escreve no seu *Diálogo de Eudoxo e Pirófilo sobre a Antiga Guerra dos Cavaleiros: o fogo secreto dos sábios é um fogo que o artista prepara segundo a arte, ou ao menos, que ele pode fazer preparar por aqueles que têm um perfeito conhecimento da Química; e que esse fogo não é realmente quente; mas que é um espírito ígneo introduzido num sujeito da mesma natureza que a pedra, e, sendo mediocrementemente excitado pelo fogo exterior, a calcina, dissolve-a, sublima-a, “e a resolve em água seca”, tal como diz o *Cosmopolita*.⁴²*

Canseliet chama-o de *mediador cristalizado, branco e universal* e comentando uma gravura em que um menino toca a imagem do Criador no céu, com uma das mãos, diz:

...toma do céu o fluido e o transmite à Pedra cativa.

*...é bastante eloqüente o lugar, inacessível à pessoa ordinária, de onde o alquimista recebe seu sal e seu fogo filosóficos e secretos.*⁴³

Certamente, temos aqui uma alusão às influências astrais, captadas através das irradiações da lua cheia, conforme já vimos.

No prefácio da segunda edição de *As mansões Filosofais* este mesmo autor nos diz:

Entre os sais que se mostram idôneos para entrar na composição do fogo secreto e filosófico, o salitre parecia dever ocupar um lugar importante. Pelo menos a etimologia o deixaria presumir. Com efeito, o grego “nitron”, que designa o azotato de potássio, vulgarmente chamado nitro, tira a sua origem de “niptô” ou “nizô”, lavar; ora, sabe-se que

⁴² O Triunfo Hermético, Limojon de Saint-Didier, págs. 83 e 84.

⁴³ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 134 e 136.

os Filósofos recomendavam lavar com o fogo. Todas as purificações, todas as suas sublimações, são feitas com o auxílio de lavagens ígnes, de laveures (lavaduras), segundo o escrito de Nicolau Flamel. Por outro lado, o salitre, quando atua em contato com a matéria em fusão, ao “fundir-se”, transforma-se parcialmente em carbonato de potássio; “alcaliniza-se”. Ao carbonato de potássio chamava-se outrora sal de tártaro, e o tártaro diz-se em grego “trux”, com a significação de borra de vinho, escória, sedimento. Este substantivo tem por raiz o verbo “trugô”, enxugar, secar, que exprime a ação própria do fogo, e poder-se-ia, além disso, compará-lo, de modo muito sugestivo, ao francês familiar truc (truque), que tem o sentido de processo oculto, meio hábil ou sutil. O truque da Obra residiria assim na aplicação do sal de tártaro proveniente do ataque do nitro, considerado como a substância, ou como um dos componentes do fogo secreto que os alquimistas reservaram tão rigorosamente nos seus tratados.

Segundo o abade Espagnolle (L’Origine du Français) a palavra truc viria de “trukô”, bater ou sorte de prestidigitação. Mas significa, em especial, desgastar por meio da fricção, consumir, causticar, atormentar. Podemos pois extrair desses dois vocábulos todas as idéias que decidem a escolha do fogo secreto, que determinam o seu modo de utilização e de atividade sobre a matéria filosófica. É atormentando esta que o fogo a desseca, a calcina e a escorifica.

Além disso, formulemos ainda algumas reflexões sobre o sal a que a fusão dá uma consistência vítrea, particularmente apta a impregnar-se de cor e a retê-la, seja ela a mais preciosa e a mais fugidia. Sendo a cor a manifestação especialmente visível do enxofre secreto, o artista conhece por ela a origem das suas tinturas. Entre elas, o espírito universal ocupa um lugar importante, na própria base da gama policromática da Grande Obra. Esse spiritus mundi, dissolvido no cristal dos Filósofos, produz

*essa mesma esmeralda que se soltou da frente de Lúcifer, no momento da sua queda, e na qual foi talhada o Graal.*⁴⁴

Basile Valentin diz o seguinte: *O sal apresenta-se fixo ou volátil, segundo o estado no qual foi disposto e preparado. Pois o espírito do sal de tártaro, se é extraído por si mesmo, sem adição, por resolução e putrefação, torna todos os metais voláteis e os reduz a mercúrio, como minhas doutrinas e práticas o provam.*

Sozinho, o sal de tártaro fixa firmemente, em particular se o calor da cal viva lhe é incorporado. Um e outro, constata-se, possuem um raro grau para fixar.

Assim o sal vegetal de vinho fixa e volatiza segundo as diferentes operações e usos que forem exigidos, o que, certamente, é um segredo da natureza e um milagre da arte filosófica.

*O espírito está encerrado no mercúrio; procura cor no enxofre e a coagulação no sal, então tens os três elementos que poderão produzir de novo o que é perfeito.*⁴⁵

São várias as denominações dadas pelos alquimistas ao sal: *Tártaro e amoníaco, borra de vinho solidificada, azofre filosófico, nitro, salitre, sal de pedra, etc.*

Em outra passagem, Canseliet se refere ao fogo secreto da seguinte maneira:

Qual é pois este sal branco que devemos empregar, preferivelmente cristalizado em neve, e que se mistura facilmente a nosso mineral e a nosso metal, eles mesmo divididos, um em pó, e o outro em limalha?

Se o denominamos duplo, não significa de modo algum que o seja em sua combinação química, como é o caso, por exemplo, do sal de Seignette, chamado também de sal de Rochelle, que é um tartarato de sódio e de

⁴⁴ Canseliet: Prefácio da segunda edição à obra de Fulcanelli: As Mansões Filosóficas, págs. 30 e 31.

⁴⁵ As Doze Chaves da Filosofia, Basile Valentin, pág. 74.

potássio, e que, por simples calcinação, restitui os dois carbonatos, de sódio e de potássio.

Nosso sal ou, se assim preferir, nosso fundente, é duplo porque está fisicamente composto pela adição ana⁴⁶ de dois sais diferentes.⁴⁷

Sem dúvida, não é sem razão, que o artista, na via seca, não deve conduzir demasiadamente, até a pureza, o sal branco que extrai do tártaro dos tonéis. Convém, de fato, que o seu creme de tártaro contenha, em quantidade suficiente, o carbonato de cálcio indispensável à formação da casca.⁴⁸

Nesta última citação, Canseliet nos fornece um pormenor importante para a prática; de que, na via seca o sal de tártaro não deve ser muito purificado, a fim de conter uma quantidade suficiente de carbonato de cálcio, para a formação de uma crosta, durante a fusão no crisol, a qual corresponde à casca do ovo filosófico.

Do exposto, concluímos que o *sal dos filósofos* é composto por uma mistura, em partes iguais, de salitre e sal de tártaro.

⁴⁶ em partes iguais.

⁴⁷ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág. 140.

⁴⁸ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág. 222.

Capítulo XV

A Conjunção e a Separação

Temos então o *macho* e a *fêmea*, o *marido* e a *mulher*, que se unirão, juntamente com o *sal duplo* que efetuará esta união.

Para realizar esta união ou *Conjunção* devemos primeiramente misturar intimamente estes três componentes, triturando-os em um almofariz até obteremos uma mistura na forma de um pó fino e homogêneo.

Depois, com auxílio de uma colher, iremos lançando sucessivamente frações desta mistura em um cadinho ou crisol de terra refratária, aquecido ao rubro.

A cada colherada devemos fechar imediatamente a tampa do crisol, pois a mistura se calcina instantaneamente, com uma pequena detonação.

Prossequimos desta maneira até calcinarmos toda a mistura.

Mantemos a mistura em fusão, retirando o humo que se desprende, até que se opere a sua completa liquação⁴⁹.

Despejamos então esta mistura em um molde ou lingoteira previamente engraxado e aquecido.

No interior do molde, deixamos a mistura esfriar, até solidificar-se, formando um lingote dividido em duas fases, as quais se separam com um golpe seco de martelo.

A parte superior é a *cabeça morta* ou *caput mortuum* e a parte inferior é o *mercúrio* ou *dissolvente*.

Canseliet descreve este processo da seguinte maneira:

⁴⁹ Separação que ocorre durante a fusão, na qual os materiais menos densos formam uma fase superior e os mais densos, uma fase inferior. Separação, por simples fusão, de um metal em estado nativo, fácil de fundir, da sua ganga infusível. Separação, por ordem de densidade, que se produz nos metais, quando se submete uma liga em fusão, a um resfriamento lento. (Do lat. *Liquatio*, fundição, de *liquare*, fundir).

Aqui, como em toda circunstância, no curso das manipulações, deve-se ter o cuidado de não se apressarem nada. No crisol levado ao rubro e firmado sobre seu suporte, no centro do carvão em ignição, o artista, com ajuda de uma colher, fará passar, por frações sucessivas, a mistura em pó preparada anteriormente com cuidado.

*A cada colherada se produz imediatamente uma rápida decomposição, sobre a qual o alquimista torna a colocar a tampa sobre o recipiente de terra. Deve cuidar para não ultrapassar cerca de trezentas gramas, de cada vez, para realizar mais facilmente a operação de **fusão**, que é essencial.*

O principiante lucrará muito em dividir sua provisão em pequenas partes, com vistas a recolher o embrião mineral, muito pequeno em proporção à massa total empregada, a qual não deve ser inferior a 3 kg em sua totalidade, para se obter o extrato no peso mínimo indispensável.

*Porém, não estamos no final das sublimações e sim na primeira parte do grande labor dos Filósofos. A **fusão**, insistimos, deve ser perfeita, pois tudo dependa da fluidez, que concorrerá grandemente com a ação do auxiliar salino que Fulcanelli designou, sem novamente descuidar da proporção conveniente:*

“Lança, então, nesta mistura, a metade do segundo sal, retirado do rocío que, no mês de maio, fertiliza a terra, e obtereis um corpo mais claro que o precedente.”

Após algum tempo que pode variar muito, conforme as condições atmosféricas e o estado do firmamento, e que, em todo caso, não deve ser inferior a sessenta minutos, é seguro que a liquação tenha ocorrido no crisol e se manterá no molde se a clarificação foi efetuada de maneira hábil. Antes disto é necessário tomar a precaução para que o molde de aço, facilmente desmontável, esteja engraxado e aquecido. Igualmente deve cuidar de retirar o humo que se desprende abundantemente durante a clarificação, que exige, insistimos novamente, toda destreza de uma grande e paciente prática.

A **separação** é ocultada sob muitos outros nomes, em particular sobre o de **conjunção**, que na verdade a precede. Veja bem, é evidente que não se pode separar, com o sentido de desunir, senão duas partes, ao menos, que são distintas e que estavam unidas anteriormente. **Conjunção e separação** são as duas fases de um artifício admirável, ao êxito do qual concorrem a Natureza e a Arte da alquimia.

É o que o estudante terá constatado, sem dúvida, no curso de suas leituras repetidas dos dois Fulcanelli.

Nunca repetiremos o suficiente, o quanto é importante que o alquimista opere ao nível elevado da onda que é esta água seca que os clássicos tinham na mais alta estima, e que é o fator único e todo poderoso da sábia harmonia do Mundo. A esta água, que está em todo lugar e sem a qual não haveria nenhuma existência possível, Cosmopolita a chamou a água do nosso mar, a **água de vida que não molha as mãos** – aqua vitæ non mædefaciens manus.

Sem esta acepção prévia e filosófica, a primeira parte da Grande Obra alquímica não diferiria das manipulações que eram correntemente efetuadas nas oficinas dos ensaiadores e nos laboratórios dos químicos, até o início do século XIX.

A primeira fase da Obra é, de fato, uma operação no crisol, ou, mais exatamente, uma série de operações, que os manuais impressos de química expunham claramente, desde os começos do século XVI.

Angustiado por seu desejo de certificar-se de que obteve êxito, o artista, com a ajuda de um pano dobrado, não aguarda mais para apanhar, na palma da sua mão, o lingote que retirou do molde cilíndrico, ao golpeá-lo com uma pancada seca de martelo. O **separará** prontamente, supondo que tenha sabido associar a sabedoria ao modo de operar (savoir-faire).

Ante as duas partes sobrepostas do resultado filosófico, é importante que o operador tenha em mente, o

*apótema fundamental que esconde a **Tábua de Esmeralda**, e que se refere à identidade absoluta de profundo valor:*

O que está em cima é como o que está em baixo.

Quod est superius est sicut id quod est inferius.⁵⁰

Agora é necessário purificar o *mercúrio* obtido.

Para isto devemos aplicar três a quatro vezes a mesma técnica anterior sobre o *mercúrio*, isto é, submetê-lo à ação do *sal dos sábios* ou *fogo secreto*, através da fusão.

A proporção utilizada é de um quinze avos de *mercúrio* para cada porção de *sal*.

Segundo os alquimistas, o *mercúrio* possui o poder de atrair as influências astrais, como o ímã atrai o ferro, sendo por isso chamado também de ímã dos filósofos.

Cada vez que repetimos esta operação, o poder de atração e a densidade do *mercúrio* aumentam, ao mesmo tempo que o sal utilizado também capta estas influências astrais e se colore de verde, sendo então denominado leão verde, vitríolo, esmeralda dos filósofos, orvalho de maio, etc.

Este sal verde ou vitríolo será utilizado, em outras operações, para captar as influências astrais dos raios da lua cheia.

Esta operação deve ser repetida até que, ao se solidificar no molde, aparecer na face superior do lingote, uma formação cristalina, semelhante a uma estrela⁵¹.

A separação é seguida da purificação, que determina, no fundo, toda a alquimia como Martín Ruland o formulou tão perfeitamente, em seu Léxico de Alquimia ou Dicionário alquímico:

A Alquimia é a separação do impuro de uma substância mais pura.

⁵⁰ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 164 a 171.

⁵¹ Em algumas fases da Obra ocorre uma formação cristalina com formato de estrela, a qual costuma ser denominada **estrela polar dos Magos**, *astro* ou *estrela dos sapientes*.

O que quer dizer que a pureza só se alcança pouca pouca, e que a matéria nunca é pura senão comparativamente a outra.

A purificação consiste em aplicar, três a quatro vezes, a mesma técnica sobre o mercúrio que foi separado. Para a quantidade total obtida, procederemos, de novo, de forma racional, por frações que podem ser em número de nove, se o principiante respeitou, desde o início, o peso total dos materiais, conforme indicamos.

Trata-se pois de submeter o mercúrio à ação do **sal dos sábios**, ao qual consagramos todo um capítulo e que corresponde ao **fogo secreto**. A operação se desenrola através da fusão, que permanece, na verdade, em via seca, como na solução natural. Ao purificar o mercúrio dos filósofos, o sal acrescenta e exalta o poder de imantação deste, de sorte que ele mesmo se carrega de ouro astral que o outro não cessa de absorver.

A proporção favorável que dever ser respeitada é, em peso, o quinzeavo do dissolvente filosófico sobre o qual o sal deve atuar. Este, convertido em veículo vitrificado do fluido cósmico, se colore de verde, aumentando sensivelmente a sua densidade. É então que recebe, indiferentemente, os nomes de **vitriolo**, ou de **leão verde**, encontrando-se pronto para executar seu importantíssimo papel no curso da obra mediana ou segunda.

“É o **Hyperion** e o **Vitriolo** de Basilio Valentim, o **leão verde** de Ripley e de Jacques Tesson, em uma palavra a verdadeira incógnita do grande problema” nos diz Fulcanelli, de quem sempre é importante ouvirmos a opinião.

Cada uma das fases da Grande Obra física, sejam as principais ou as intermediárias, possuem limites bem definidos, e é por isso que a purificação não deve ser prosseguida para além do momento em que a imagem estrelada aparece fortemente impressa na face superior do brilhante lingote, muitas vezes plana e circular.

Neste instante, o alquimista ultrapassa os domínios do comum e penetra no transcendental. Não só sabe de agora em diante que o espírito do cosmos é de cor verde

como também verificou que o inatingível agente se mostra não obstante ponderável e, conseqüentemente, de gravidade material.

Constituído, como o temos visto, na superfície do banho mercurial, graças ao fluxo constante do espírito universal, o **vitriolo filosófico** leva também o nome de **esmeralda dos sábios**. Pedra preciosa, como jamais houve alguma, na qual o filósofo talha e reencontra o Gral. No seio deste vaso sagrado, um pouco mais tarde, recolherá e reunirá o fluido projetado simultaneamente pelo sol e pela lua.⁵²

Finalmente, devemos extrair do *caput mortuum* a sua umidade salina e viscosa que iria se opor à sua calcinação.

Para isto devemos submetê-lo à ação do vitriolo, obtido na operação anterior, através da fusão, sob a luz da lua cheia.

Devemos calciná-lo até obtermos um pó ferruginoso e gorduroso, semelhante ao colcotar⁵³, que corresponde ao enxofre.

O vitriolo ou sal empregado nesta operação deve ser guardado, pois entrará na composição do ovo filosófico.

*O artista iniciante se enganaria grosseiramente se pensasse em rechaçar como inútil e sem valor, esse caos surpreendente e curiosamente homogêneo, o qual também é denominado **cabeça morta** – caput mortuum.*

A forma cilíndrica, de secção média, se presta excelentemente ao exame interno da textura radiante que se mostra admiravelmente na oblíqua, na ruptura longitudinal, e que é rigorosamente a mesma para os dois pedaços. Os quais separaram-se prontamente – já o sabe o operador - desde o primeiro golpe de martelo.

⁵² La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 171, 172 e 175.

⁵³ Nome comercial do peróxido de ferro, obtido pela calcinação do sulfato de ferro. Óxido natural de ferro, de cor vermelha.

O fogo se uniu à terra, abandonando o ar que se uniu à água.

Agora, sem retirar nada de seu elemento sólido, que constitui sua riqueza escondida, ígnea e sulfurosa, deve extrair dele sua umidade salina e viscosa que se oporia à sua calcinação. A operação é totalmente realizada por via seca, dependendo inteiramente do potente catalisador que o artista experimentado dispõe, evidentemente, no interior da sua Grande Obra, e do qual terá conhecimento, cedo ou tarde, como conseqüência do mais simples raciocínio lógico.

*É então que se produz esta cinza, a propósito da qual Anaxágoras declarou com admiração, na **Turba latina**:*

“Oh! Quão preciosa é esta cinza para os filhos da doutrina, e quão precioso é o que se faz com ela!”

Devemos compreender que esta cinza não é de modo algum o resíduo privado de vida que resulta da incineração vulgar. Previamente submetido à ação oculta dos raios lunares, o caput mortuum devolve, ao fogo, uma cinza ou melhor um manto pulverulento e perfumado, a fez viva e fecunda, que está prestes, agora, a liberar o seu enxofre ao mercúrio.⁵⁴

⁵⁴ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág. 177.

Capítulo XVI

As Águias ou Sublimações

Estamos agora nas *águias* ou *sublimações* onde se realiza a conjunção do *enxofre* com o *mercúrio*, obtidos anteriormente, originando o *mercúrio filosófico*, *mercúrio animado* ou *mercúrio duplo*.

O *enxofre* ou *terra*, corresponde ao *princípio fixo*, *quente e seco*, obtido do *caput mortuum*, sendo representado pelo *leão*.

O *mercúrio* ou *água* corresponde ao *princípio volátil*, *frio e úmido*, sendo representado pela *águia*.

O *mercúrio filosófico* também é chamado *mercúrio duplo* ou *rebis* (substância dupla), por ser composto pela união dos dois princípios opostos: *enxofre* e *mercúrio*.

Sua obtenção é um dos maiores segredos guardados pelos alquimistas, sendo descrita, de forma velada, através de inúmeras alegorias. Devido a isto, apresentamos, junto com as nossas conclusões, diversos trechos que tratam deste assunto, para que o leitor possa ler, refletir, comparar com o que dissemos, e tirar as suas próprias conclusões.

Esta operação também é descrita, por alguns autores, como a *peregrinação a São Tiago da Compostela*. No final desta obra, no Adendo, tratamos desta alegoria e da sua interpretação.

Vejamos o que Canseliet nos diz:

*O espesso magma que foi recolhido da laboriosa calcinação do **caput**, foi calcinado na cápsula de tostar e se transformou aí em um pó ferruginoso, gorduroso e quem sabe isótopo do colcotar, muito semelhante ao sesquióxido chamado hoje em dia óxido férrico.*

*Estamos pois, agora, na **segunda obra**, nas sublimações que Eireneo Filaleteo denominou as **águias**, porque elevam o espírito para sua incorporação puríssima,*

até o local superior, igual a ave regia arrebatava sua presa ao céu.

O Adepto faz aqui um resumo da fase intermediária da Grande Obra, na qual mostra a origem do enxofre, ressaltando, com certeza, que este enxofre não pode ser o metalóide do drogueiro, nem o ouro metálico do afinador:

“O mercúrio necessita de uma limpeza interior e essencial, que é a adição gradativa do verdadeiro enxofre, segundo o número das Águias; até estar completamente purgado. Este enxofre nada mais é que o nosso Ouro.”⁵⁵

Fulcanelli fala sobre as águias ou sublimações ao analisar a figura de um grifo, encontrada na Catedral de Notre Dame:

*É um grifo que vemos inscrito no círculo seguinte. O monstro mitológico, cujos peitos e cabeça são os da **águia** e que copia do **leão** o resto do corpo, inicia o investigador nas qualidades contrárias que necessariamente se devem reunir na matéria filosófica. Encontramos nesta imagem o hieróglifo da **primeira conjunção** a qual só se opera pouco a pouco, à medida que se desenrola este labor penoso e fastidioso que os Filósofos chamaram as suas **águias**. A série de operações cujo conjunto conduz à união íntima do enxofre com o mercúrio tem também o nome de **Sublimação**. É pela reiteração das **Águias** ou **Sublimações filosóficas** que o mercúrio exaltado se despoja das suas partes grosseiras terrestres, da sua umidade supérflua e se apodera de uma porção do corpo fixo que dissolve, absorve e assimila. **Fazer voar a águia**, segundo a expressão hermética, é **fazer sair a luz** do túmulo e **traze-la à superfície**, o que é próprio de toda **verdadeira sublimação**. É o que nos ensina a fábula de Teseu e de Ariana. Neste caso, Teseu é $\theta\epsilon\sigma\text{-}\epsilon\iota\omicron\zeta$, a **luz organizada, manifestada**, que se separa de **Ariana**, a **aranha** que está no centro da teia, o **calhau**, a **casca vazia**, o **casulo**, os **despojos da borboleta** (Psique).*

⁵⁵ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág. 202.

*“Sabei, meu irmão, escreve Filaleto, que a preparação exata das **Águias voadoras** é o primeiro grau da perfeição e para conhecê-lo é necessário um gênio industrioso e hábil... Para atingi-lo, muito suamos e trabalhamos; passamos até noites sem dormir. Assim, vós que começais agora, persuadi-vos de que não tereis sucesso na primeira operação sem um grande trabalho...*

*Compreendi então, meu irmão, o que dizem os Sábios, ao sublinhar que conduzem as suas águias para devorarem o leão, e quanto menos se empregam as águias mais rude é o combate e mais dificuldades se encontram para alcançar a vitória. Mas para aperfeiçoarmos a nossa Obra necessitamos, pelo menos, de **sete águias**, e deveria mesmo empregar-se até **nove**. E o nosso Mercúrio filosófico é o **pássaro de Hermes** a quem se dá também o nome de **Ganso** ou de **Cisne** e algumas vezes o de **Faisão**.”*

São estas sublimações que Calímaco descreve no Hino de Delos (v. 250, 255) quando diz, falando dos cisnes:

*“(Os cisnes) rodearam Delos **sete vezes**... e não tinham ainda cantado pela oitava vez quando Apolo nasceu.”*

*É uma variante da procissão que Josué fez andar **sete vezes** à volta de Jericó, cujas muralhas caíram antes da oitava volta (Josué, c. VI, 16).*

Para assinalar a violência do combate que precede a nossa junção, os Sábios simbolizaram as duas naturezas pela Águia e pelo Leão, de igual força mas de compleição contrária. O leão traduz a força terrestre e fixa, enquanto a Águia exprime a força aérea e volátil. Postos em presença, os dois campeões atacam-se, repelem-se, despedaçam-se mutuamente com energia até que, por fim, tendo a águia perdido as suas asas, e o leão a juba, os adversários constituem apenas um só corpo, de qualidade média e de substância homogênea, o Mercúrio animado.⁵⁶

A preparação do mercúrio filosófico pode ser feita por via úmida ou por via seca. Geralmente os autores tratam da

⁵⁶ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, págs. 121 a 123.

sua obtenção apenas através da *via úmida*, que é de difícil execução, sendo preferível utilizar a *via seca*.

Fulcanelli nos esclarece sobre os dois modos diferentes de realizar esta operação:

*Ora, as duas vias da Obra precisam de duas diferentes maneiras de operar a animação do mercúrio inicial. A primeira pertence à via breve e só permite uma técnica, pela qual se umecta pouco a pouco o fixo - **porque toda a matéria seca bebe avidamente o seu úmido** -, até que a reiterada afusão do volátil sobre o corpo faça inchar o composto e o torne em massa pastosa, ou xaroposa, conforme os casos. O segundo método consiste em digerir a totalidade do enxofre em três ou quatro vezes o seu peso de água, decantar depois a solução, em seguida secar o resíduo e retomá-lo com uma quantidade proporcional de novo mercúrio. Quando a dissolução estiver terminada, separam-se os sedimentos, se os houver e os licores, reunidos, são submetidos a uma lenta destilação, em banho. A umidade supérflua fica assim separada, deixando o mercúrio na consistência requerida, sem qualquer perda das suas qualidades e pronto a suportar a cocção hermética.*⁵⁷

Para efetuar esta operação por *via seca* colocamos a *terra* ou *enxofre*, em um crisol de terra refratária, aquecemos ao rubro, e vamos adicionando sobre ela, aos poucos, a *água* ou *mercúrio*.

A proporção é, em peso, duas de *mercúrio* para uma de *enxofre*.

A temperatura deve se manter elevada e constante, a fim de que o *mercúrio* não desça e se misture com o *enxofre*, no fundo do crisol.

O *mercúrio* deve manter uma camada sobrenadante que irá aos poucos absorvendo *enxofre*.

Prosseguindo com a operação, finalmente começará a se formar, sobre a brilhante camada de *mercúrio*, uma

⁵⁷ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, pág. 315.

pequena porção de *mercúrio filosófico* ou *mercúrio animado*, chamado por Canseliet *botão de retorno*, sendo também denominado *peixe*, *golfinho*, *equeneida*, *rêmora*, *banhista*, *ouro no seu banho*, *menino Jesus*, *filho do Sol*, *pequeno rei*, *infante*, *delfim*, *viajante*, *fava mercúrio duplo*, *rebis*, etc.

O *mercúrio filosófico*, que vai se formando na superfície do banho, deve ir sendo recolhido com uma colher e armazenado em outro recipiente.

O *sal vitrificado*, formado pela *água* ou *mercúrio* que restou desta operação, após a liberação do *mercúrio filosófico*, será um dos componentes do *ovo filosófico*.

Vejamos como Canseliet descreve esta operação:

O operador notará que o conjunto do dispositivo externo e o trio dos atores internos se superpõem, em suas partes, no centro da chaminé.

A arena (“fromage”, queijinho), chamado também torta (“tourte”), sobre a grade, e o crisol colocado em cima, coberto com sua tampa. E neste vaso de terra, no fundo, a areia roxa, que Fulcanelli quer que seja primeiramente Adão, depois o mercúrio e finalmente o vitriolo filosófico. Tudo, sem necessidade de dizer, no seio do combustível em ignição.

A temperatura deve ser viva, sem interrupção, insistimos nisto, a fim de que o manto mercurial não passe para dentro da terra inferior, que calcinamos anteriormente e que deve permanecer mediocrementemente saturada em uma forma de fusão esponjosa e resistente a toda nova absorção. Tudo é possível a fim de manter o tríplice artifício que precisamos e que consiste nas proporções, na ordem de intervenção e no nível máximo de calor.

Em seu estado de firmeza pastosa, a terra se recusa à liquefação onde entra nosso mercúrio, até o limite de 500 graus. Temperatura a que já nos acostumamos de tanto observarmos nosso velho termômetro.

Na realização da segunda obra, é necessário “ter mão”; deve se conhecer o procedimento secreto, o “trinc”, como dizia François Rabelais, ou seja, o truque (truc) argótico. Para adquiri-lo o artista necessita de um longo

tempo de esforços renovados e de muitos ensaios repetidos, conforme nós mesmo fizemos, os quais geralmente conduzem apenas ao desenvolvimento de uma inexpressável lama, de um decepcionante lamaçal, aparentemente inevitável.

*Que o operador recorde que a terra árida e sedenta absorve a água até saciar-se, pois **o seco bebe avidamente seu úmido**. Conforme o estudante dos dois Fulcanelli já deve saber, a proporção de água perante a de terra, deve ser, em peso, a primeira, o dobro da segunda. Diremos ainda que, qualquer que seja a quantidade de água, ela não deve ser vertida, de uma só vez, sobre a terra que espera ansiosamente inundar-se com ela.*

O artista, que está advertido disto, deve descobrir o artifício graças ao qual a terra se satisfaz de seu próprio peso em água, de modo que o excedente não possa penetrá-la mantendo-se acima, na superfície.

Entre as duas partes, salina e mercurial, em perfeita fusão, uma em cima da outra, a transmissão espiritual está assegurada. A terra suficientemente penetrada, libera seu enxofre, ou, se preferir, seu espírito penetra o banho de mercúrio sobrenadante, devido à sua propriedade, que possui o dissolvente filosófico, de atrair a si, como um ímã, tudo o que é espiritual.

É admirável o fenômeno de atração, como o são todos aqueles que o alquimista provoca, no curso da sua Grande obra, e do qual não pode perceber a causa nem o mecanismo profundo.

Na mesma fração de quinzeavos mencionada por Fulcanelli, sobre o brilhante manto de mercúrio, vem a estender-se, por sua vez, o leito mais ligeiro do mercúrio filosófico. Não se trata então da caparrosa ou sulfato de ferro, senão do belo e verde esmalte recolhido, depois que os cravos houvessem sido fincados nos pés e nas mãos do Salvador crucificado, segundo a simbólica analogia que o Mestre estabelece com o atroz detalhe da Paixão.

É ao terminar as águias ou sublimações que nascerá o leão roxo, a respeito do que Basilio Valentin, da ordem de São Benito, em seu tratado “As Doze Chaves da Filosofia”, nos fez o suntuoso presente de uma mui sabia consideração:

“Então dissolveste e nutriste o verdadeiro leão com o sangue do leão verde. Pois o sangue fixo do leão roxo foi feito do sangue não fixo do leão verde, porque são de uma só e mesma natureza.”⁵⁸

O leão verde, que é, para Fulcanelli, “a grande incógnita do problema”, abandona, na sublimação, o limo lodoso e roxo, que o retinha prisioneiro, a fim de alcançar o banho superior, sabiamente mantido, aparecendo na superfície

O autor de “As Mansões Filosófais” descobriu, sem duvida, em Nicolás Flamel, as indicações que serviram de base, para obrar, com êxito, pela via seca do forno. Assim, o leão é o hieróglifo do enxofre que se mostra o mesmo como o princípio da fixação e da coagulação.

O régio felino é alado, a fim de recordar que o dissolvente inicial, ao desagregar e reincrudar o metal, que Fulcanelli não temeu nomear, comunica, ao enxofre, sua virtude volátil. Na ausência desta, a união dos dois princípios opostos que são, como o estudante já sabe, o enxofre e o mercúrio, permaneceria irrealizável.

É desnecessário insistir que o enxofre e o mercúrio dos filósofos não podem corresponder ao mineral amarelo, em pó, e ao metal fluido, que podem ser adquiridos no comércio, porém, escreve Nicolás Flamel, são “os que nos dão estes belos e queridos corpos, que tanto amamos.”

Segundo o alquimista da paróquia de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, são o sol e a lua, não os dois astros do céu e sim os dos filósofos, que possuem as naturezas, um sulfurosa e o outro, mercurial:

⁵⁸ Filaleto refere-se aqui à dissolução do leão (enxofre) pelo leão verde ou vitríolo.

“Contempla bem estes dois Dragões, pois são os verdadeiros princípios da filosofia que os sábios não ousaram mostrar a seus próprios filhos. O que está em baixo, sem asas, é o fixo, o macho; o que está em cima, é o volátil, a fêmea negra e obscura que vai tomar o domínio por muitos meses. O primeiro é chamado Enxofre, ou calidez e secura, e o último Mercúrio, ou frigidez e umidade. Estessão o Sol e a Lua de fonte mercurial, e de origem sulfurosa, que pelo fogo contínuo se ornaram de Régias vestimentas, para vencer sendo unidos e mudar depois em quintessência, toda coisa metálica, sólida, dura e forte.”⁵⁹

Fulcanelli refere-se a esta operação da seguinte maneira:

*Este importante caráter da **ascensão do sutil** pela **separação do espesso** valeu à operação do **mercúrio dos Sapientes** ser chamada sublimação. O nosso dissolvente, todo espírito, desempenha ali o papel simbólico da **águia raptando a presa**, eis a razão pela qual Filaleto, o Cosmopolita, Cyliani, d’Espagnet e vários outros nos recomendam que lhe demos impulso, insistindo sobre a necessidade de o **fazer voar**. Porque o espírito eleva-se e a matéria precipita-se. O que é a nata, senão a melhor parte do leite? Ora, Basílio Valentim ensina que “apedra filosofal se faz da mesma maneira pela qual os aldeões fazem manteiga”, por batedura ou agitação da nata que nesta similitude representa o nosso **mercúrio filosófico**. Assim, toda a atenção do artista deve concentrar-se na extração do mercúrio, que se recolhe, à superfície do nosso composto dissolvido, desnatando a untuosidade viscosa e metálica, à medida que ela se produz. É aliás o que está figurado pelas duas personagens do Mutus Liber, onde se vê a mulher tirar a espuma, com a ajuda dum colher, ao licor contido numa terrina que o marido segura ao seu alcance.”⁶⁰*

⁵⁹ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 204 a 209.

⁶⁰ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, págs. 135 e 136.

Na via úmida, o procedimento é análogo, sendo efetuado em um recipiente fechado. Porém, envolve mais riscos, exigindo um controle constante da temperatura, sendo de consecução mais trabalhosa e demorada.

Canseliet também nos esclarece sobre o modo de operar pela via úmida:

Sem negar, de nossa parte, o valor e a exatidão das operações da química, ordinariamente bem conhecidas do técnico, devemos ter em mente que, sob os nomes que são comuns, as da alquimia são profundamente diferentes.

O autor anônimo de “A Luz saindo por si mesma das Trevas” é, sobre este ponto, extremamente explícito, sobretudo no que concerne à extensa fase das sublimações, da qual destaca, por acréscimo, a excepcional importância e a supremacia sobre todas as outras. O estudante encantará, inclusive, um grande interesse no estudo em profundidade do capítulo sétimo, da primeira canção – canzone prima – o qual, inteiramente tem a ver com a segunda obra, e do qual citamos aqui algumas linhas, que nada deixam desejar a Filaleto. Frei Marco-Antonio não se mostra terno para com os empíricos, espargiristas ou assopradores!

“É aqui que os vendedores de humo devem aprender, finalmente, quanto difícil é aceder a esta obra, já que não basta praticar as operações vulgares corriqueiras que são, pois todas, apesar de muito perfeitas em seu gênero, não valem nada e são consideradas como nada pelos Filósofos. De fato, como temos dito, a operação é única em todo o magistério, como podemos ver nos autores que recordam muito energicamente, que devem ser abandonadas todas estas operações, as quais, por eles, são declaradas sofisticadas. Devemos permanecer na via única da natureza, de onde a verdade e a obra real se mantêm ocultas.

Somente na sublimação filosófica, todos estes trabalhos da arte estão encerrados; somente nela, tantas e tão grandes sutilezas dos operadores consistem e estão compreendidas. Aquele que sabe realizá-la corretamente

obteve já um dos maiores segredos ou arcano dos Filósofos.”

O que acabamos de ler afirma a preponderância da sublimação filosfal.

É lógico, com certeza, que o produto desta operação transcendente, deve permanecer aderido à vasilha, sendo esta uma observação supérflua. Qual seria o objetivo, bem como o interesse, de uma tal experiência físico-química, se o resultado fosse perder-se para fora? Ordinariamente, o aparato de sublimar – o sublimatório – deve estar fechado, forçosamente, na obra do filósofo, ele também estará, onde são as matérias que constituem, elas mesmas, o recipiente de execução.

O espírito e a tintura não podem abandonar o lugar que escolheram e que habitam sucessivamente, a menos que se apresente outro veículo que seja mais idôneo, na total liberdade da inteligência mineral.⁶¹

Fulcanelli aborda alguns pormenores desta operação, efetuada por via úmida, ao examinar um baixo-relevo, encontrado no Castelo de Dampierre, onde encontra-se a figura de um delfim, enrolado no braço de uma âncora, seguida da epígrafe latina: .SIC. TRISTIS. AVRA. RESEDIT.

Assim se amaina a terrível tempestade. Já várias vezes tivemos ocasião de sublinhar o importante papel que o peixe desempenha no teatro alquímico. Com o nome de delfim, de **golfinho**, de **equeneida** ou de **rêmora**, caracteriza o princípio úmido e frio da Obra, que é o nosso mercúrio, o qual se coagula pouco a pouco ao contato e sob o efeito do enxofre, agente de dessecação e de fixação. Este último está aqui figurado pela âncora marinha, órgão estabilizador dos navios, aos quais assegura um ponto de apoio e resistência ao esforço das ondas. A longa operação que permite realizar o empastamento progressivo e a fixação

⁶¹ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 201 e 202.

*final do mercúrio oferece grande analogia com as travessias marítimas e as tempestades que as assaltam. A ebulição constante e regular do composto hermético apresenta, em pequeno, um mar agitado e enfurecido. As bolhas rebentam à superfície e sucedem-se ininterruptamente; pesados vapores carregam a atmosfera do vaso; nuvens turvas, opacas, lívidas, obscurecem as paredes, condensam-se em gotículas brilhantes sobre a massa efervescente. Tudo contribui para dar o espetáculo duma tempestade em miniatura. Soerguida de todos os lados, sacudida pelos ventos, a arca voga, no entanto, sob a chuva diluviana. Asteria apresta-se a formar Delos, terra hospitaleira e salvadora dos filhos de Latona. O delfim nada à superfície das vagas impetuosas, e esta agitação dura até que a rêmora, hóspede invisível das águas profundas, detenha enfim, como poderosa âncora, o navio que vai à deriva. A calma renasce então, o ar purifica-se, a água abranda, retrai-se, os vapores reabsorvem-se. Uma película cobre toda a superfície, e, engrossando, fortalecendo-se, de dia para dia, marca o fim do dilúvio, o estádio de apertamento da arca, o nascimento de Diana e de Apolo, o triunfo da terra sobre a água, do seco sobre o úmido, e a época da nova Fênix. Na subversão geral e no combate dos elementos, adquire-se esta paz perpétua, a harmonia resultante do perfeito equilíbrio dos princípios, simbolizados pelo peixe fixado na âncora: **sic tristis aurum resedit**.*

*Este fenômeno de absorção e de coagulação do mercúrio por uma proporção muito inferior de enxofre parece ser a causa da primeira fábula da **rêmora**, pequeno peixe a que a imaginação popular e a tradição hermética atribuíam a faculdade de fazer parar na sua marcha os maiores navios.⁶²*

Canseliet encerra este tema da seguinte maneira:

Existe uma analogia entre a copelação espagírica e a sublimação que acabamos de examinar e que se situa no

⁶² As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, págs. 393 e 394.

meio da Grande Obra, pois ambas liberam no final um **botão de retorno**.

Esta pastilha de retorno, diremos, em conseqüência, como os metalúrgicos, é, em todo o caso, o pequeníssimo indivíduo mineral e filosófico, que será o germe de nosso ovo fecundado.

*Fulcanelli foi, com certeza, o primeiro a expor claramente a paciente composição do desenvolvimento deste ser mineral organizado. Ele nos indicou o meio de recolher este embrião, ao final das **águas** ou sublimações, das quais acabamos de falar, quando, pela ação do fogo, a pasta obtida se fluidifica e abandona o que os alquimistas chamam de sua pez⁶³, em recordação do ichthys⁶⁴ das catacumbas romanas.⁶⁵*

⁶³ Secreção resinosa do pinheiro e de outras árvores do gênero; breu; alcatrão; piche. (Do lat. *pice*.)

⁶⁴ ICHTHYS: Espécie de monograma que figura Cristo, e que é composto das primeiras letras das palavras gregas: *Jesus Cristo Filho de Deus Salvador*. Substituí-se muitas vezes por uma figura de peixe, porque as iniciais, reunidas, significam em grego, *peixe*. (Do gr. *ikhthus*, peixe).

⁶⁵ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, pág. 221.

Capítulo XVII

O Ovo Filosófico

Agora devemos preparar o *ovo filosófico*, que será submetido à *cocção*, no *Athamor*.

A composição deste *ovo* é outro dos grandes segredos guardados pelos alquimistas, os quais costumam falar que existem *dois vasos*: o *vaso da arte* e o *vaso da natureza*.

Esta expressão geralmente é interpretada com relação aos dois recipientes: o matraz, da via úmida, e o cadinho de terra refratária, da via seca.

Porém, tal expressão possui um duplo significado, pois o termo *vaso da natureza* também se refere às substâncias componentes do *ovo filosófico*.

Vamos ver os esclarecimentos prestados por Fulcanelli a este respeito:

*Esta vasilha, indispensável e muito secreta, recebeu nomes diversos, escolhidos de maneira a afastar os profanos, não apenas do seu verdadeiro destino mas ainda da sua composição. Os Iniciados compreenderão o que queremos dizer e saberão a que vasilha nos queremos referir. geralmente é chamada **ovo filosófico** e **Leão verde**. Pelo termo **ovo** os Sábios entendem o seu composto, disposto no seu vaso próprio e pronto a sofrer as transformações que a ação do fogo nele provocará. Neste sentido, é positivamente um ovo, visto que o seu invólucro ou casca encerra o **rebis** filosofal, formado de branco e de vermelho numa proporção análoga à do ovo dos pássaros. Quanto ao segundo epíteto, a sua interpretação nunca foi fornecida pelos textos. Batsdorff, no seu **Filet d'Ariadne**, dia que os Filósofos chamaram **Leão verde** ao vaso que serve para a cocção, mas sem fornecer qualquer razão para isso. O Cosmopolita, insistindo sobretudo na qualidade do vaso e na sua necessidade para o trabalho, afirma que na Obra "há*

apenas este **Leão verde** que fecha e abre os sete símbolos indissolúveis dos sete espíritos metálicos e que atormenta os corpos até tê-los aperfeiçoado inteiramente, por meio de uma grande e firme paciência do artista”. O manuscrito de G. Aurach⁶⁶ mostra um **matrâz de vidro**, cheio até a metade com um **licor verde** e acrescenta que toda a arte assentana obtenção deste único **Leão verde** e que o seu próprio nome indica a sua cor. É o **vitriolo** de Basile Valentin. A terceira figura do Tosão de Ouro é quase idêntica à imagem de G. Aurach. Vê-se um filósofo vestido de vermelho sob um manto púrpura e de boné verde, que aponta com a mão direita um **matrâz de vidro** contendo um líquido **verde**. Ripley aproxima-se mais da verdade quando diz: “Um só corpo imundo entra no nosso magistério; todos os Filósofos lhe chamam **Leão verde**. É o **meio** para reunir as tinturas entre o sol e a lua”.

Destes ensinamentos infere-se que o nosso vaso é duplamente encarado na sua matéria e na sua forma, por um lado no estado de **vaso de natureza**, por outro como **vaso da arte**. As descrições – pouco numerosas e pouco límpidas – que acabamos de traduzir, referem-se à natureza do vaso; numerosos textos esclarecem-nos acerca da forma do ovo. Este pode, conforme o gosto do artista, ser esférico ou ovóide, desde que seja de vidro bem claro, transparente, sem falhas. As paredes devem ter uma certa espessura, a fim de resistir às pressões internas e alguns autores recomendam que se escolha para esse fito o vidro de Lorena⁶⁷

Canseliet nos esclarece inicialmente que o ovo filosófico é constituído pelos dois resultados das duas obras anteriores. Pelo *sal* ou *vitriolo*, obtido na primeira, da *cabeça*

⁶⁶ *Le Très précieux Don de Dieu*. Manuscrito de Georges Aurach, de Estraburgo, escrito e pintado pela sua própria mão, ano da Salvação da Humanidade redimida de 1415. (Nota de Fulcanelli.)

⁶⁷ A expressão *vidro de Lorena* servia outrora para distinguir o vidro moldado do vidro soprado. Graças à moldagem, o vidro de Lorena podia ter paredes muito espessas e regulares. (Nota de Fulcanelli.)

morta ou *caput mortuum* e pelo *botão de retorno*, *mercúrio filosófico* ou *rebis*, obtido na segunda.

Ambos são a *clara* e a *gema*, que devem ser encerrados no interior do matraz de vidro, lacrado hermeticamente, constituindo o *ovo filosófico*.

*Todo ovo é composto da gema – que é o nosso sal, o amarelo que simboliza nosso enxofre; e duma clara, que simboliza nosso mercúrio. Tudo vai encerrado num matraz.*⁶⁸

No caso da via seca, da própria mistura existente no interior do crisol, submetido a altas temperaturas, irá se desprender uma crosta que constituirá a casca do *ovo filosófico*.

Vejamos o que diz Canseliet:

Mas resumamos, e sejamos breve, a fim de sermos bem compreendidos. O ovo dos filósofos está constituído dos dois resultados que foram reservados nos finais das obras primeira e segunda. De uma parte, o belo sal obtido do caput, graças ao agente de liquação, designado em toda lógica; de outra, o botão de retorno ou rêmora, extraído da terra, pelas subidas e descidas dos grandes mares de mercúrio.

Falamos, desde o início, claramente e sem rodeios, que o vaso da via úmida não é o mesmo que o da via seca. Na primeira o composto é introduzido em um matraz de vidro totalmente estranho a ele; na segunda, do composto muito diferente, se desprenderá a parede que assegurará a sua proteção.

Sem dúvida, não é sem razão, que o artista, na via seca, não deve conduzir demasiadamente, até a pureza, o sal branco que extrai do tártaro dos tonéis. Convém, de fato, que o seu creme de tártaro contenha, em quantidade suficiente, o carbonato de cálcio indispensável à formação da casca.

⁶⁸ O Triunfo Hermético, Limojon de Saint-Didier, pág. 26.

Enquanto o recipiente de vidro, de corpo esférico e de gargalo longo, é a vasilha que os textos e a iconografia propagam e consagram, desde sempre, a imagem familiare, quem sabe, falaz.

Consequentemente, temos, de uma parte, o ordinário matraz da química, que se lacrará cuidadosamente, segundo o melhor procedimento; de outra parte, o ovo composto, que aguarda apenas ser colocado no ninho, para ser chocado. O estudante sabe pois que a via úmida possui o seu matraz de vidro no banho de areia, sobre a lâmpada ou queimador, e que a via seca instala seu ovo no crisol em meio ao forno.

Exatamente, o primeiro dos compostos é líquido e o segundo, sólido; um é a amalgama expandida do ouro metálico e do azougue, o outro, a indissolúvel união do ouro verde e do azougue, ambos filosóficos.⁶⁹

Apesar de parecer tudo solucionado ainda existe um segredo ainda não revelado.

Fulcanelli nos fornece algumas pistas sobre isto ao analisar os anagramas RER e RERE encontrados em um frontão na Mansão Lallemand em Bourges:

*Mas como decifrar o enigma das palavras destituídas de sentido? De uma maneira muito simples. RE, ablativo latino de **res**, significa a **coisa**, encarada na sua matéria; visto que a palavra RERE é a reunião de RE, **uma coisa** e de RE **outra coisa**, ou por **uma dupla coisa** e RERE equivale assim a RE BIS. Abri um dicionário hermético, folheai qualquer obra de alquimia e vereis que a palavra REBIS freqüentemente empregue pelos Filósofos caracteriza o seu **composto**, pronto a sofrer as sucessivas metamorfoses sob a influência do fogo. Resumindo: RE, uma matéria seca, **ouro filosófico**; RE, uma matéria úmida, **mercúrio filosófico**; RERE ou REBIS, uma matéria dupla, simultaneamente úmida e seca, **amalgama de ouro** e de*

⁶⁹ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 222 e 223.

mercúrio filosóficos, combinação que recebeu da natureza e da arte uma **dupla propriedade** oculta exatamente equilibrada.

Gostaríamos de ser também claros na explicação do segundo termo RER, mas não nos é permitido rasgar o véu de mistério que o encobre. Todavia, a fim de satisfazer na medida do possível a legítima curiosidade dos filhos da arte, diremos que estas três letras contêm um segredo de capital importância, que se relaciona com o **vaso da Obra**. RER serve para cozer, unir radicalmente e indissoluvelmente, provocar as transformações do composto RERE. Como dar indicações suficientes sem cometer perjúrio? Não vos fieis no que diz Basile Valentin nas suas **Douze Clefs** e livrai-vos de tomar as suas palavras à letra, quando pretende que “aquele que tem a matéria encontrará sem dúvida um recipiente para cozê-la”. Afirmamos, pelo contrário – e podem fazer fé na nossa sinceridade – que será impossível obter o menor sucesso na Obra se não se possuir um conhecimento perfeito do que é o **Vaso dos Filósofos**, e de que maneira se deve fabricá-lo. Pontanus confessa que antes de conhecer este vaso secreto tinha recommençado sem sucesso o mesmo trabalho mais de duzentas vezes, embora trabalhasse com as matérias próprias e convenientes e segundo o método regular. O artista deve **fazer ele próprio** o seu vaso: é uma máxima da arte. Não compreendeis coisa nenhuma, portanto, enquanto não tiverdes recebido toda a luz nessa concha do ovo qualificada de **secretum secretorum** pelos mestres da Idade Média.

Que é então RER? – Vimos que RE significa **uma coisa, uma matéria**; R, que é a **metade** de RE, significará **uma metade de coisa, de matéria**. RER equivale então a uma matéria aumentada com a metade de outra ou da sua.⁷⁰

Canseliet acaba finalmente nos revelando o segredo:

⁷⁰ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, págs. 219 a 221.

Fulcanelli ainda foi mais longe em suas confidências sobre a vasilha da natureza chegando a declarar que ela é o ovo filosófico, ao mesmo tempo que é o leão verde.

É verdade que não é o leão verde, o vitriolo filosófico, que constitui diretamente a parte mais importante da vasilha da natureza, e sim os dois sais que derivam dele, um do caput mortuum e o outro, um pouco mais tarde, da porção vitrificada que liberou aquilo que poderíamos denominar, conforme dissemos, botão de retorno.⁷¹

Portanto na composição do ovo filosófico não devemos utilizar apenas o sal ou vitriolo obtido do caput mortuum, mas a sua mistura, em partes iguais, com o sal vitificado, formado pela água ou mercúrio, após a liberação do rebis ou mercúrio filosófico.

Desta forma, o ovo filosófico é composto da mistura destes dois sais com o rebis.

⁷¹ La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 223 e 224.

Capítulo XVIII

A Cocção e os Regimes

Vamos agora iniciar a *cocção* ou os *regimes*.

Lembremos do autor anônimo de *A Antiga Guerra dos Cavaleiros*:

A Pedra de primeira ordem é a matéria dos Filósofos, perfeitamente purificada e reduzida a pura substância Mercurial; a Pedra de segunda ordem é a mesma matéria, cozida, digerida e fixa em enxofre incombustível; a Pedra de terceira ordem é esta mesma matéria, fermentada, multiplicada e levada à perfeição última de tintura fixa, permanente e corante.

Inicialmente a *matéria dos Filósofos* foi purificada e reduzida a *pura substância Mercurial*, constituindo a *Pedra de primeira ordem, Mercúrio filosófico, Mercúrio duplo* ou *rebis*.

Agora, através da *cocção* ou dos *regimes* iremos cozer e digerir a *Pedra* de primeira ordem, tornando-a o *enxofre fixo e incombustível* ou *Pedra* de segunda ordem.

Estes *regimes* ou *reinos* são em número de sete, sendo atribuído a cada um uma divindade do Olimpo.

Assim temos primeiramente o *regime* ou *reino* de *Mercúrio* (base, fundamento), ao qual sucede o de *Saturno* (o velho, o louco), o de *Diana* (inteiro, completo) ou da *Lua*, cuja veste é cintilante semelhante a cabelos brancos ou a cristais de neve, o de *Vênus* (beleza, braça), onde predomina o verde, o de *Marte* (adaptado, fixado), com vestes cor de sangue coagulado, e o de *Apolo* (o triunfador) ou do *Sol*, com veste brilhante, escarlate.

Alguns autores associam os sete regimes aos sete dias da criação e os denominam *Hebdomas hebdomadum*, *A Semana das semanas* ou a *Grande Semana*.

Estas fases coloridas variam muito em duração e em intensidade, havendo predominância de quatro cores: o negro, o branco, o amarelo ou citrino e o vermelho. Os

mestres referem-se a elas como as *quatro flores do jardim hermético* e recomendam muita prudência para não ultrapassar o grau de fogo requerido para cada regime. Um aquecimento excessivo, na vã tentativa de abreviar o tempo de cada regime, algumas vezes bem longo, iria *queimar as flores do jardim hermético*.

O Adepto que melhor descreve os regimes em seus pormenores é Filaleto:

Dos diferentes Regimes desta Obra

Estejas certo, tu, aprendiz estudioso, de que de toda a obra da pedra só o regime é oculto, do qual o filósofo disse a verdade, daquele que tiver seu conhecimento científico, de que será honrado pelos príncipes e poderosos da terra. E juro-te, com toda sinceridade, que se apenas isto fosse claramente exposto, mesmo os imbecis mofariam da Arte.

Pois, uma vez conhecido, tudo é apenas trabalho de mulheres, jogo de crianças: basta fazer cozer. Causa de os Sábios terem com grande artifício escondido este segredo, e estejas certo de que também o fiz, se bem que tenha parecido falar do grau de calor; mas, como propus e mesmo algo fazer para não decepcionar a esperança e o trabalho dos leitores estudiosos.

Sabe, pois, que nosso regime é único e linear em toda a obra: trata-se de cozinhar e digerir. Porém, este regime único contém muitos outros em si mesmo, que os invejosos esconderam sob variegados nomes descreveram como operações diferentes. Eu me manifestarei mais claramente o candor que prometi, o que chamarias uma lhaneza inusitada de minha parte sobre este assunto.

Do Primeiro Regime da Obra que é o de Mercúrio

Logo no início falar-te-ei do Mercúrio, segredo jamais tratado por nenhum Sábio; começaram, por exemplo, pela

segunda obra, quer dizer, o regime de Saturno, e não mostraram ao principiante nenhuma luz antes do sinal essencial do negror. Sobre este ponto o bom conde Bernard Trévisan, que ensina em suas parábolas que o Rei, quando vem à fonte, tendo deixado afastados todos os estrangeiros, entra só no banho, vestido com um hábito de seda negra. Mas ele não diz quanto tempo passa antes de deixar este hábito de ouro e emudece sobre todo um regime de talvez quarenta, ou mesmo por vezes, cinqüenta dias; e durante esse tempo, privados de guia, os infelizes principiantes entregam a experiências temerárias. Claro, depois da chegada do negror até o fim da obra, o artista é a cada dia confortado pelos novos sinais que aparecem, mas reconheço ser embaraçoso errar durante cinqüenta dias sem guia, sem indicação e sem garantia.

Aqueles que no caminho do erro crêem que dissolver os corpos é uma operação tão fácil que imaginam que o ouro imerso no Mercúrio dos Sábios deve ser devorado num piscar de olhos, compreendendo mal a passagem do conde Bernard Trévisan, onde fala de seu livro de ouro mergulhado na fonte e que não pode recuperar. Mas aqueles que penaram com a dissolução dos corpos podem atestar a verdadeira dificuldade desta operação. Eu mesmo, por ter sido freqüentemente testemunha ocular, certifico que é preciso grande sutileza para controlar o fogo, após a preparação da matéria, de modo a dissolver os corpos sem queimar as tinturas.

Em conseqüência, atenta para minha doutrina. Toma o corpo que te indiquei e coloca-o na água do nosso mar, e cozinha-o ao fogo contínuo convenientemente até que subam o rocio e as nuvens e que recaiam em gotículas, dia e noite, sem interrupção. E sabe que por esta circulação o Mercúrio sobe em sua natureza primeira, abandona o corpo no fundo em sua natureza primeira, até que, muito depois, o corpo comece a reter um pouco d'água: e assim comunicam-se mutuamente suas qualidades.

Mas, como nem toda a água sobe pela sublimação e permanece sempre uma parte com o corpo no fundo do vaso, o corpo é continuamente fervido e filtrado nesta água, ao passo que as gotas que recaem penetram a massa residual; e a água é tornada mais sutil por esta circulação contínua e, enfim, extrai suavemente, delicadamente, a alma do Sol.

Assim por intermédio desta alma, o espírito é recolhido com o corpo e a união de um e outro é realizada na cor negra, ao fim de, no máximo, cinquenta dias. Esta operação chama-se regime de Mercúrio, porque circula elevando-se, enquanto nele se embebe o corpo do Sol, embaixo; e este corpo, na operação, é passivo até a aparição das cores, sobrevêm discretamente após mais ou menos vinte dias de ebulição conveniente e contínua; por conseguinte, estas cores se reforçam, e multiplicam, variando até a perfeição ao negror nigérrimo, que o quinquagésimo dia te dará, se tiveres sorte.

Do Segundo Regime da Obra, que é o de Saturno

Terminado o regime de Mercúrio, cuja obra é despojar o rei de suas vestimentas de ouro, de fatigar o leão por múltiplos combates e atormentá-lo até a última lassidão, então aparece o regime de Saturno. Realmente, DEUS quer, para levar a bom termo a obra encetada, e é a lei deste espetáculo, que saída de um regime seja a entrada de outro, a morte de um, o nascimento de outro; apenas tenha Mercúrio terminado seu reinado, entra seu sucessor, Saturno, que ocupa o nível mais alto, depois daquele. Oleão morrendo, nasce o corvo.

Este regime é igualmente linear no que concerne à cor, o negro nigérrimo. Mas, não se vê fumaça, nem vento, nem nenhum sintoma de vida, mas ora o composto está seco, ora assemelha-se ao piche fundido. O triste

espetáculo, imagem da morte eterna, mas que mensageiro agradável ao artista! Pois não é uma negrura ordinária, mas brilhante, mais que o negro mais intenso. E assim que vires a matéria, no fundo do vidro, inflar-se como a massa de pão, jubila-te: é que o espírito vivificante aí está encerrado, e, quando achar conveniente, o Todo-Poderoso dará a vida a esses cadáveres.

Tu ao menos toma cuidado com o fogo, que deves aqui conduzir com julgamento sã, e juro-te pela fé empenhada, que se, à força de aumentá-lo, fazes neste regime sublimar algo, perderás toda a obra, inevitavelmente. Contenta-te, com o bom Trévisan, em seres mantido na prisão durante quarenta dias e quarenta noites, e permite à tua frágil matéria permanecer no fundo, que é o ninho de sua concepção: estejas certo de que após o período determinado pelo Todo-Poderoso para esta operação, o espírito renascerá glorioso e glorificará seu corpo; subirá, asseguro, e circulará, sem violência; elevar-se-á do centro para os céus, e descerá dos céus para a terra, recolhendo a força do que está no alto e do que está embaixo.

Do Regime de Júpiter

Ao negro Saturno sucede Júpiter, que é de outra cor. Pois após a putrefação necessária e a concepção feita no fundo do vaso, pela vontade de DEUS, verás novamente as cores cambiantes, e uma sublimação circulante. Este regime não é longo, não dura mais de três semanas. Durante este tempo, aparecerão todas as cores imagináveis, que não podem ser notadas precisamente. As chuvas, ao longo destes dias, se multiplicarão; e ao fim, após tudo isto, uma brancura muito bela de se ver, em forma de estrias ou cabelos, se mostrará sobre as paredes do vaso.

Então rejubila-te, pois cumpriste ditosamente o regime de Júpiter. A prudência, neste regime, deve ser extrema.

Para que os filhotes dos corvos, quando tiverem deixado o ninho, não retornem a ele.

Igualmente, para não verter a água com tão pouca moderação, que a terra que reste seja abandonada, seca e inútil, no fundo do vaso.

Terceiramente, para não irrigar a terra excessivamente, a ponto de sufocá-la.

Todos estes erros, evitá-los-á com um bom regime de calor exterior.

Do Regime da Lua

O regime de Júpiter estando completamente terminado, ao fim do quarto mês verá aparecer o sinal da Lua crescente; e isto, sabe, porque o regime de Júpiter foi inteiramente consagrado a purificar o latão. O espírito que purifica é alvíssimo em sua natureza, mas o corpo que ele deve limpar é de um negro extremamente escuro. Durante este trânsito do negro para a brancura, distinguem-se todas as cores intermediárias; e quando elas desaparecem tudo torna-se branco, um branco que não é perfeito desde o primeiro dia, mas passa gradativamente do branco ao alvíssimo.

E sabe que neste regime tudo se torna, à visão, tão líquido quanto o azougue, e é o que se chama a sigilação da mãe no interior do ventre do infante que ela engendrou; ver-se-ão neste regime cores variadas, belas, momentâneas e desaparecendo rapidamente, mas mais próximas do branco do que do negro, assim como no regime de Júpiter elas participavam mais do negro que do branco. E sabe que o regime da Lua será terminado em três semanas.

Mas, antes que termine, o composto se revestira de mil formas. Pois, crescendo os rios antes de toda coagulação, ele se liqüefará e se coagulará cem vezes por dia; às vezes se assemelhará a olhos de peixe, por vezes imitará a forma duma árvore de prata mui fina com ramos e

folhas. Numa palavra, ficarás a cada momento estupefato de admiração com o que vires.

E finalmente, terás grãos muito brancos, tão finos quanto átomos do Sol, e mais belos do que qualquer coisa já vista por olho humano. Damos graças eternas a nosso DEUS, que produziu esta obra. Realmente, é a verdadeira e perfeita tintura ao branco, se bem que de primeira ordem somente, e, por conseguinte, de medíocre virtude em relação à virtude admirável que adquirir pela repetição da preparação.

Do Regime de Vênus

O mais surpreendente de tudo é que nossa pedra, inteiramente perfeita e capaz de dar uma tintura perfeita, humilha-se mais uma vez, e prepara, sem que se lhe dê a mão, uma nova volatilidade. Mas, se a retiras de seu vaso, a mesma pedra, encerrada num outro, se resfria, e em vão tentarias levá-la mais adiante. Não posso, e nenhum filósofo antigo, dar-te razão demonstrativa, senão que tal é a vontade de Deus.

Ao menos neste regime cuida de teu fogo, porque a lei da pedra perfeita é que ela seja fusível: por isso, se intensificas um pouco o fogo, a matéria se vitrificará e aderirá, fundida, às paredes do vaso, e não mais poderás progredir. E é essa a vitrificação contra a qual os filósofos tomam tantas precauções, e que, antes e depois que a obra ao branco seja perfeita, ocorre ordinariamente aos imprudentes: corre-se este risco desde o meio do regime da Lua até ao sétimo ou décimo dia do regime de Vênus.

Deve-se muito pouco aumentar o fogo, para que o composto não se vitrifique, quer dizer, que não se liqüefaca passivamente como o vidro; enquanto que com um calor suave liquefar-se-á sozinho, inchará, e pela vontade de DEUS será dotado de um Espírito que se exaltará e trará consigo a pedra; e dará novas cores, de início, o verde de

Vênus, que durará bastante, só desaparecendo totalmente ao fim de vinte dias; em seguida, o azul, e uma cor lívida, depois, ao fim do regime de Vênus, um púrpura pálido e suave.

Cuida, no decurso desta operação, de não irritar demasiado o espírito, porque ele é mais corporal do que antes, e se o deixas voar para o alto do vaso, dificilmente descerá por si só; é preciso observar a mesma precaução no regime da Lua. Quando o espírito começar a se espessar, então será tratado com delicadeza, sem violência, por medo de que, se fugir para o alto do vaso, tudo o que esteja no fundo seja queimado, ou ao menos, se vitrifique, o que destruiria a obra.

Quando tiverdes visto o verdor, sabe que há nele virtude germinativa. Então desconfia que um calor excessivo possa degenerar o verde em negro, e controla o fogo com prudência. Este regime será cumprido após quarenta dias.

Do Regime de Marte

O regime de Vênus terminado, cuja cor é sobretudo verde, avermelhando-se um pouco com púrpura obscuro, por vezes lívido; durante este tempo cresceram, na árvore filosófica, ramos de diversas cores, com ramos e folhas; vem em seguida o regime de Marte, que mostra mais freqüentemente uma cor amarelada, um amarelo diluído com marrom, e que exhibe gloriosamente as cores efêmeras de Íris e do Pavão.

Então, o estado do composto torna-se mais seco, e a matéria toma formas variadas e fantasmagóricas. É a cor de Jacinto que mais usualmente aparece, com um pouco de alaranjado. É aqui que a mãe selada no ventre de seu filho surge e se purifica, e esta pureza, aonde se banha o composto é tal, que afasta a podridão. Mas as cores que servem de base a todo este regime são suaves; ocorrem, porém de tempos em tempos, e muito agradáveis de se ver.

Sabe que nossa terra virgem sofreu seu último trabalho, para ver semear e amadurecer nela o fruto do Sol; continua então o calor conveniente, e estarás seguro de ver, pelo trigésimo dia deste regime, aparecer uma cor citrina que, duas semanas após sua primeira manifestação, impregnará quase todo o composto.

Do Regime do Sol

Aproximas-te agora do fim de tua obra, e quase acabaste teu trabalho. Já tudo aparece como o mais puro ouro, e o leite da Virgem, com o qual embebes esta matéria, amarelece cada vez mais. Oferece a Deus, doador de todos os bens, graças eternas, por ter conduzido a obra até aqui, e pede-lhe dirigir teu julgamento, para que teu zelo não te faça estragar a obra, já tão perto da perfeição.

Considera pois que esperaste quase sete meses, e seria insensato reduzir tudo a nada numa só pequena hora. Quanto mais te aproximas da perfeição mais deves ser prudente. E se procedeste com as precauções necessárias, eis os sinais que observarás:

Inicialmente, notarás sobre o corpo uma espécie de suor citrino, depois vapores citrinos que, o corpo se abatendo, se tingirão de violeta, e, de tempos em tempos, de púrpura obscuro.

Após uma espera de catorze ou quinze dias neste regime do Sol, verás tua matéria, em sua maior parte, tornar-se úmida e pesada, o que não a impedirá de ser carregada no ventre do vento.

Enfim, pelo vigésimo sétimo dia deste regime, ela começará a se dessecar; então, se liqüefará, depois se congelará, e novamente se liqüefará, cem vezes por dia, até que comece a se tornar granulosa; e parecerá completamente dissociada em pequenos grãos; depois se concentrará de novo, e a cada dia se revestirá de formas

fantasmagóricas, sempre renovadas. Isto durará aproximadamente duas semanas.

Mas, finalmente, pela vontade de DEUS, tua matéria irradiará uma luz que dificilmente podes conceder. Espera agora pelo fim próximo, que vereis ao fim de três dias, quando a matéria formará grãos como átomos do Sol, e de uma cor tão intensamente rubra, que ao lado do vermelho mais brilhante, ela parecerá enegrecer como um sangue puríssimo coagulado; e jamais terias crido que a arte pudesse criar maravilha semelhante a este elixir. Tão extraordinária é esta criatura, que ela não tem par em toda a natureza, nela nada se encontrando que sequer lhe assemelhe.⁷²

Filaletto nos dá uma descrição bastante clara, pormenorizada e na ordem exata dos *regimes*, porém, conforme ele mesmo dá a entender logo no início, omite algumas informações essenciais, que buscaremos em Fulcanelli:

*Aprendeí, então, não é em que uma cor difere de outra, mas sim em que é que um **regime** se distingue do seguinte. E, antes de mais, o que é um **regime**? Muito simplesmente a maneira de **fazer vegetar**, de conservar e aumentar a vida que a vossa pedra recebeu à nascença. É pois um **modus operandi**, que não se traduz forçosamente por uma sucessão de cores diversas. “Aquele que conhecer o **Regime**, escreve Filaletto, será honrado pelos príncipes e pelos grandes da terra”. E o mesmo autor acrescenta: “Não vos escondemos nada, a não ser o **Regime**”. Ora, para não atrair sobre a nossa cabeça a maldição dos Filósofos, revelando o que eles consideraram dever deixar na sombra, contentar-nos-emos em advertir que o **Regime da pedra**, ou seja, a sua cocção, **contém vários outros**, ou, por outras palavras, trata-se de várias repetições da mesma maneira*

⁷² Entrada Aberta ao Palácio fechado do Rei, Filaletto, págs. 78 a 94.

de operar. Refleti, recorrei à analogia e, sobretudo, nunca vos afasteis da simplicidade natural. Pensai que deveis comer todos os dias, para manter a vossa vitalidade; que o repouso vos é indispensável porque, por um lado, favorece a digestão e a assimilação do alimento e, por outro, o renovar das células enfraquecidas pelo labor quotidiano. E acaso não deveis expulsar freqüentemente certos produtos heterogêneos, dejetos ou resíduos não assimiláveis?

Igualmente a vossa pedra tem necessidade de alimento para aumentar o seu poder e esse alimento deve ser gradual, mudado em certo momento. Dai-lhe primeiro leite; seguir-se-á o regime carnívoro, mais substancial. Não vos esqueçais, após cada digestão, de separar os excrementos porque a vossa pedra poderia ser infectada por eles... Segui, portanto, a natureza e obedecei-lhe o mais fielmente que vos for possível. E compreendereis de que maneira convém efetuar a cocção quando tiveres adquirido perfeito conhecimento do Regime.⁷³

Em vão. *É a tradução lapidar dos quatro fogos da nossa cocção. Os autores que falaram neles descrevem-nos como outros tantos graus diferentes e proporcionados do fogo elementar agindo, no seio do Atanor, sobre o **rebis** filosofal. Pelo menos, é o sentido sugerido aos principiantes, e que estes se apressam a por em prática, sem reflexão suficiente.*

*No entanto, os próprios filósofos afirmam que nunca falam tão obscuramente como quando parecem exprimir-se com exatidão; assim, a sua aparente clareza engana quem se deixa seduzir pelo sentido literal, e não procure certificar-se de que ele concorda ou não com a observação, a razão e a **possibilidade de natureza**. Por isso devemos prevenir os artistas que tentarem realizar a Obra segundo este processo, quer dizer submetendo o amálgama filosófico às crescentes temperaturas dos **quarto regimes do fogo**, de que serão infalivelmente vítimas da sua ignorância e*

⁷³ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, págs. 118, 119 e 120.

frustrados do resultado com que contavam. Procurem eles, antes de tudo, descobrir o que os Antigos entendiam pela expressão figurada do **fogo**, e pela dos sucessivos **quatro graus** da sua intensidade. Porque não se trata aqui, de modo algum, do fogo das cozinhas, dos nossos fogões ou dos altos fornos. “Na nossa obra, afirma Filaleto, o fogo ordinário só serve para arredar o frio e os acidentes que ele podia causar.” Noutro sítio do seu tratado, o mesmo autordiz positivamente que a nossa cocção é **linear**, quer dizer igual, constante, regular e uniforme duma ponta à outra do trabalho. Quase todos os filósofos tomaram para exemplo do **fogo de cocção**, ou maturação, a incubação do ovo de galinha, não quanto à temperatura a adotar, mas sim quanto à uniformidade e à permanência. Assim, aconselhamos vivamente a considerar, antes de tudo, a relação que os sábios estabeleceram entre o **fogo** e o **enxofre**, afim de obter esta noção essencial de que os quatro graus de um devem corresponder infalivelmente aos quatro graus do outro, o que diz muito em poucas palavras. Enfim, na sua tão minuciosa descrição da cocção, Filaleto não deixa de sublinhar quanto a operação real está afastada da sua análise metafórica, porque em vez de ser direta, como geralmente se crê, ela comporta **várias fases** ou **regimes**, **simples reiterações duma só e mesma técnica**. No nosso entender, estas palavras representam o que se disse de mais sincero sobre a prática secreta dos quatro graus do fogo.⁷⁴

Na realidade, a cocção **linear** e **contínua** exige a **dupla rotação** de uma mesma roda, movimento impossível de traduzir na pedra e que justificou a necessidade das duas rodas confundidas de maneira a formar apenas uma. A primeira roda corresponde à fase úmida da operação – denominada “decocção” – em que o composto permanece fundido até à formação de uma película ligeira, a qual, aumentando pouco a pouco de espessura, ganha em

⁷⁴ As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, págs. 406 e 407.

*profundidade. O segundo período, caracterizado pela **secura** – ou “cocção” – começa então por uma segunda volta da roda, realiza-se e termina quando o conteúdo do ovo, calcinado, aparece granuloso ou pulverulento, em forma de cristais, de areia ou de cinza.*

*O comentador anônimo de uma obra clássica diz a propósito desta operação, que é verdadeiramente o símbolo da Grande Obra, que “o filósofo faz **cozer** a um calor suave e solar e num só vaso, um **único vapor** que se espessa pouco a pouco”. Mas qual pode ser a temperatura do fogo exterior conveniente para esta cocção? Segundo os autores modernos, o calor do início não deveria exceder a temperatura do corpo humano. Albert Poisson dá como base 50 graus com aumento progressivo até 300 graus centígrados. Filaleto, nas suas **Règles** afirma que “o grau de calor que poderá agüentar o chumbo (327 graus) ou o estanho em fusão (232 graus), e mesmo ainda mais forte, ou seja, tal que os vasos o possam agüentar sem partirem, deve ser considerado um **calor temperado**. Por aí, diz ele, começareis o vosso grau de calor próprio para o reino onde a natureza vos deixou”. Na sua décima-quinta regra, Filaleto volta ainda a esta importante questão; depois de ter feito notar que o artista deve operar sobre corpos minerais e não sobre substâncias orgânicas, diz o seguinte:*

*“É necessário que a água do nosso lago ferva com as cinzas da nossa árvore de Hermes; exorto-vos a fazer ferver noite e dia sem cessar, afim de que nas obras do nosso mar tempestuoso a natureza celeste possa subir e a terrestre descer. Porque vos asseguro que, se não fizermos **ferver**, nunca poderemos chamar à nossa obra uma **cocção**, mas sim uma **digestão**”.*⁷⁵

Uma análise destes textos nos levará aos pontos essenciais não abordados por Filaleto.

Primeiramente, a sucessão dos *regimes* não é contínua, existindo interrupções.

⁷⁵ O Mistério das Catedrais, Fulcanelli, págs. 171, 172 e 173.

Os *quatro graus de calor*, correspondem a quatro etapas distintas, que também correspondem às *quatro cores*.

Cada etapa constitui a repetição da mesma técnica.

Mas quando termina cada etapa?

Cada etapa possui uma fase úmida, denominada **decocção**, seguida de uma fase seca, denominada **cocção**, na qual o conteúdo do ovo, calcinado, aparece granuloso ou pulverulento, em forma de cristais, de areia ou de cinza.

Quando a matéria, no interior do ovo, fica com este aspecto, sem manifestar mais alterações, chegamos ao final da etapa.

Ao fim de cada etapa abrimos o ovo *filosófico*, retiramos os resíduos indesejáveis e acrescentamos nova quantidade de *sal* ou *enxofre*.

Os diferentes graus de fogo correspondem à adição de mais uma quantidade de *sal*, a cada etapa.

Mas, quais as temperaturas que devemos empregar?

Em cada etapa, devemos subir gradativamente a temperatura até chegar à ebulição da mistura. Filaleto deixa bem claro que devemos **fazer ferver** a mistura. Chegados à ebulição, mantemos a temperatura neste ponto até o final da etapa.

Procedendo desta maneira iremos observar todas as transformações dos *sete regimes*, descritas por Filaleto, que apenas omitiu a ocorrência destas interrupções, chegando no final à obtenção do *enxofre rubro, fixo e incombustível*.

Capítulo XIX

A Fermentação e a Multiplicação

Estamos agora na etapa final da Grande Obra.

Na etapa anterior, através da *coçção* ou dos *sete regimes* obtivemos a *Pedra* na forma de *enxofre rubro*, *fixo* e *incombustível* ou *Pedra de segunda ordem*. Agora, através da sua *fermentação* e *multiplicação* a elevaremos à perfeição última de *tintura fixa*, *permanente* e *corante*, *Pedra de terceira ordem* ou *Pedra Filosofal*.

A **Fermentação** consiste em submeter este *enxofre*, combinado com ouro puro, aos *sete regimes* anteriores, o que levará agora um intervalo de tempo bem inferior, de cerca de dois meses.

Filaleto descreve com esta operação da seguinte maneira:

A Fermentação da Pedra

Recorda-te que já encontraste um enxofre rubro incombustível, que não pode ser aperfeiçoado mais por si mesmo, com qualquer fogo que seja; e atenta bastante, omittí dize-lo no capítulo precedente, no regime do Sol citrino, antes da vinda do filho sobrenatural vestido de púrpura citrina, não vitrifica tua matéria por uma ignição muito violenta; porque então se tornaria insolúvel, e, em consequência, não se congelaria em belíssimos átomos, muito rubros. Sê pois muito prudente, para não te privar, por tua culpa, de um tal tesouro.

Não crê, porém, ver aqui o fim de teus trabalhos; precisas ainda continuar para ter, a partir deste enxofre, e após novo giro da roda, o Elixir. Toma então três partes do Sol puríssimo e uma parte deste enxofre ígneo (podes tomar quatro partes de Sol e uma de enxofre, mas a primeira

proporção é melhor). Faz fundir o Sol num crisol próprio, e, quando estiver fundido, introduz teu enxofre, mas com precaução⁷⁶, para que não seja prejudicado pela fumaça dos carvões.

Faz de sorte que tudo esteja em boa fusão, depois verte numa lingoteira, e obterás massa friável de bellissimo vermelho, muito intenso, mas apenas translúcido. Toma uma parte desta massa reduzida em pó fino, duas partes de teu Mercúrio Filosófico, mistura-os bem, e coloca-os num vidro, depois, rege o fogo como antes; e em dois meses verás passar todos os regimes de que falei, pela ordem. É a verdadeira fermentação, que podes recommençar, se julgares conveniente.⁷⁷

A **Multiplicação** consiste em juntar uma parte da *Pedra* com três a quatro partes do *Mercúrio* da primeira obra e submetê-lo novamente aos *regimes*, o que levará agora apenas sete dias.

Esta operação aumenta a *Pedra* em peso, volume e potência.

A *multiplicação* costuma ser repetida de cinco a sete vezes e a cada repetição o tempo para se efetuar a passagem dos *sete regimes* diminui cada vez mais.

Filaletto também esclarece esta operação:

A Multiplicação da Pedra

Para isto fazer, basta tomar a pedra perfeita e unir-lhe uma parte com três partes, ou quatro, no máximo, do Mercúrio da primeira obra, depois de reger o fogo convenientemente durante sete dias, o vaso estando estritamente fechado: todos os regimes passarão, para teu

⁷⁶ Esta precaução consiste em envolver o enxofre em papel ou cera antes de lançá-lo sobre o ouro fundido, pois a fumaça ou os vapores poderiam alterá-lo, fazendo-o perder suas propriedades.

⁷⁷ Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei, Filaletto, págs. 95 e 96.

grande prazer, e a pedra obterá uma virtude mil vezes maior do que antes de sua multiplicação.

E se tentas ainda uma vez a operação, percorrerás em três dias todos os regimes, e a medicina terá para ti uma força mil vezes maior ainda.

E se ainda desejas recomeçar, bastar-te-á um dia natural para fazer passar a obra por todos os regimes com suas cores; uma só hora mesmo bastaria, se tentasses ainda uma vez a experiência: mas então não mais serias capaz de reconhecer a virtude da pedra; e se porventura recomeçasses uma quinta vez a multiplicação, esta virtude seria tal que a mente não poderia concebê-la.

Recorda-te então de render eternamente graças a DEUS, pois tens em tua posse o tesouro de toda a natureza.⁷⁸

Apesar de teoricamente ilimitada, na prática não se deve repetir demasiadamente a *multiplicação*, pelos próprios limites que a operação impõe.

Segundo os mestres, uma repetição excessiva da *multiplicação* alteraria as qualidades da *Pedra*, impedindo-a de retornar ao estado sólido cristalino, ao esfriar. Neste caso ela permaneceria como um fluido incoagulável, semelhante ao mercúrio comum, apresentando um brilho fosforescente na escuridão, perdendo suas qualidades medicinais e transmutatórias, sendo empregada nas denominadas *lâmpadas perpétuas*. Porém, tal operação exige uma habilidade muito grande do operador.

Vejamos os esclarecimentos prestados por Fulcanelli a este respeito:

De cada vez que a pedra, fixa e perfeita, é retomada pelo mercúrio para ali se dissolver, alimentar de novo, aumentar não só de peso e de volume, mas também de

⁷⁸ Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei, Filaletto, págs. 99 e 100.

*energia, volta pela cocção ao seu estado, à sua cor e ao seu aspecto primitivos. Pode-se dizer que, depois de ter tocado no mercúrio, ela regressa ao ponto de partida. São estas fases de queda e de ascensão, de solução e coagulação, que caracterizam a **multiplicações** sucessivas que dão a cada renascimento da pedra uma potência teórica décupla da precedente. Todavia, e embora bastantes autores não encarem limite algum a esta exaltação, pensamos, de acordo com outros filósofos, que seria imprudente, pelo menos no que respeita à transmutação e à medicina, ultrapassar a sétima reiteração. Eis a razão por que João Lallemant e o Adepto de Dampierre só figuraram sete bolas ou castanhas nos motivos de que falamos.*

*Ilimitada para os filósofos especulativos, a **multiplicação** é no entanto limitada no domínio prático. Quanto mais a pedra progride, mais se torna penetrante e de elaboração rápida; não exige, a cada grau de aumento, senão um oitavo do tempo requerido pela operação precedente. Geralmente – e aqui consideramos a via longa –, é raro a quarta reiteração exigir mais de duas horas; a quinta cumpre-se, pois, em um minuto e meio, enquanto que bastariam doze segundos para completar a sexta: a instantaneidade de tal operação torná-la-ia impraticável. Por outro lado, a intervenção do peso e do volume, incessantemente aumentados, obrigaria a reservar grande parte da produção, por falta de proporcional quantidade de mercúrio, sempre demorado e fastidioso de preparar. Enfim, a pedra multiplicada ao quinto e sexto graus exigiria, dado o seu poder ígneo, uma importante massa de ouro para a orientar para o metal – sem o que nos exporíamos a perdê-la por inteiro. É, pois, preferível, sob todos os pontos de vista, não levar longe demais a sutileza dum agente já dotado de considerável energia, salvo se se pretender, abandonando a ordem das possibilidades metálicas e médicas, possuir este **Mercúrio universal**, brilhante e luminoso na obscuridade, a fim de construir a lâmpada perpétua. Mas sendo líquido, que então se deve realizar, só*

*pode ser tentado por um mestre muito sábio e de consumada habilidade...*⁷⁹

Convém esclarecer que a *Pedra* obtida inicialmente, na forma salina, constitui a *Medicina Universal* ou *Pedra Filosofal* propriamente dita.

A *Pedra*, neste estado, não apresenta qualidades transmutatórias, possuindo no entanto, segundo os mestres, excelentes propriedades medicinais, assegurando a saúde e a longevidade, influenciando também no crescimento dos vegetais. Sua solução alcoólica, de cor amarela ou citrina, é denominada *Ouro potável*.

Ao *fermentarmos* esta *Pedra* com ouro ou prata obtemos o *pó de projeção* vermelho ou branco, conforme o metal utilizado, o qual só atua no reino mineral, possuindo qualidades transmutatórias; o primeiro, de converter os metais em ouro e o segundo, em prata. O *pó de projeção* também costuma ser chamado de *Pedra Filosofal*, e as suas duas formas distintas costumam ser denominadas respectivamente *Pedra ao Rubro* e *Pedra ao Branco*.

Também é importante esclarecer que, para a obtenção do *pó de projeção branco*, os *regimes* não vão até o último, parando no aparecimento da coloração branca, isto é, no *regime de Diana* ou da *Lua*. Este procedimento denomina-se Pequeno Magistério, em oposição ao Grande Magistério que é a execução completa da Grande Obra.

Vejamos o que Fulcanelli diz a este respeito:

O que importa acima de tudo é reter que a pedra filosofal se nos oferece sob a forma de um corpo cristalino, diáfano, vermelho quando em massa, amarelo depois de pulverizado, o qual é denso e muito fusível, embora fixo a qualquer temperatura, e cujas qualidades próprias o tornam incisivo, ardente, penetrante, irreduzível e incalcinável. Acrescentemos que é solúvel no vidro em fusão, mas se volatiliza instantaneamente quando é projetado sobre um

⁷⁹ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, pág. 374.

metal fundido. Eis aqui, reunidas num único sujeito, propriedades físico-químicas que o afastam singularmente da natureza metálica e tornam a sua origem muito nebulosa. Um pouco de reflexão vai tirar-nos de embaraços. Os mestres da arte ensinam-nos que o objetivo dos seus trabalhos é tríplice. O que procuram realizar em primeiro lugar é a **Medicina universal**, ou pedra filosofal propriamente dita. Obtida sob forma salina, multiplicada ou não, não é utilizável senão para a cura das doenças humanas, a conservação da saúde e o crescimento dos vegetais. Solúvel em qualquer licor espirituoso, a sua solução toma o nome de **Ouro potável** (embora não contenha o mínimo átomo de ouro), porque apresenta uma magnífica cor amarela. O seu valor curativo e a diversidade do seu emprego em terapêutica fazem dela um auxiliar precioso no tratamento de afecções graves e incuráveis. Não tem nenhuma ação sobre os metais, salvo sobre o ouro e a prata, aos quais ela se fixa e que ela dota das suas propriedades, mas, conseqüentemente, não serve de nada para a transmutação. Contudo, se se excede o número limite das suas multiplicações, ela muda de forma e, em vez de retomar o estado sólido e cristalino ao esfriar, permanece fluida como o azougue e absolutamente incoagulável. Na escuridão, brilha então com um clarão suave, vermelho e fosforescente, cuja luminosidade é mais fraca que a duma lamparina vulgar. A Medicina universal tornou-se a **Luz inextinguível**, o produto iluminante dessas **lâmpadas perpétuas** que certos autores assinalaram como tendo sido encontradas em algumas sepulturas antigas. Assim irradiante e líquida, a pedra filosofal não é de todo susceptível, em nossa opinião, de ser levada mais longe; querer amplificar a sua virtude ígnea parece-nos perigoso; o menos que se poderia recear seria volatilizá-la e perder o benefício dum labor considerável. Finalmente, se se fermenta a Medicina universal, sólida, com o ouro ou a prata muito puros, por fusão direta, obtém-se o **Pó de projeção**, terceira forma da pedra. É uma massa translúcida, vermelha ou branca segundo o metal escolhido, pulverizável, própria

*somente para a transmutação metálica. Orientada, determinada e especificada para o reino mineral, é inútil e sem ação nos outros dois reinos.*⁸⁰

⁸⁰ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, págs. 154, 155 e 156.

Capítulo XX

Considerações finais

Ao terminar a *Grande Obra* o alquimista adquire a *Pedra Filosofal* e torna-se então um *Adepto*.

Vejamos o que diz Canseliet, referindo-se a Fulcanelli:

Nessa época, havia já seis anos que o nosso velho Mestre lograra a elaboração da Pedra Filosofal, de que vulgarmente se ignora que se divide em Medicina Universal e em Pó transmutatório; uma e outro assegurando ao Adepto o triplice apanágio – Conhecimento, Saúde, Riqueza – , o qual exalta a permanência terrestre na absoluta felicidade do Paraíso do Gênesis. Segundo o sentido do vocábulo latino adeptus, o alquimista recebeu, por conseqüência, o Dom de Deus, melhor ainda o Presente no jogo cabalístico da dupla acepção que sublinha que ele goza logo da infinita duração do Atual: “Adeptos, diz-se na arte química – Adepti dicuntur in arte chimica, precisa Du Cange, que indica também o sinônimo Mystes (Mystæ) - , são exatamente aqueles que chegaram à mais alta iniciação (ιμο, εποται).

“Porque esta rica matéria – declara Henrique de Linthaut no seu Commentaire sur le Tresor des Tresors – compreende em si o mistério da Criação do Mundo, e grandezas e maravilhas de Deus; sendo um verdadeiro sol, dando a luz, por certo, às coisas tenebrosas.”⁸¹

Para encerrarmos vamos citar um trecho de *O Despertar dos Mágicos* de Jacques Bergier e Louis Pawels, o qual, a nosso ver, retrata admiravelmente as questões levantadas sobre os *Adeptos*:

⁸¹ Eugène Canseliet: Prefácio à segunda edição da obra de Fulcanelli: *As Mansões Filosofais*.

São conhecidas as maravilhosas lendas ligadas a essa pedra ou "pó de projeção" que seria suscetível de assegurar transmutações de metais em quantidades consideráveis. Transformaria, inclusivamente, certos metais vis em ouro, prata ou platina, mas tratar-se-ia então de um dos aspectos do seu poder. Seria uma espécie de reservatório de energia nuclear em suspensão, facilmente manejável.

*Voltaremos em breve aos problemas que as manipulações do alquimista propõem ao homem moderno esclarecido, mas detenhamo-nos exatamente onde se detém os textos alquímicos. Eis a "grande obra" realizada. Produz-se no próprio alquimista uma transformação que esses textos evocam, mas que nós somos incapazes de descrever por não possuímos a esse respeito mais do que umas poucas noções analógicas. Essa transformação seria como que a promessa, através de um ser privilegiado, daquilo que espera a humanidade inteira no termo do seu contato inteligente com a Terra e os seus elementos: a sua fusão em Espírito, a sua concentração num ponto espiritual fixo e a sua união com outros centros de consciência através dos espaços cósmicos. Progressivamente, ou num súbito clarão, o alquimista, segundo a tradição, descobre o significado do seu longo trabalho. Os segredos da energia e da matéria são-lhe desvendados, e ao mesmo tempo tornam-se visíveis as infinitas perspectivas da vida. Ele possui a chave da mecânica do Universo. Ele próprio estabelece novas relações entre o seu espírito, de agora em diante **animado**, e o espírito universal em eterno progresso de concentração. Serão certas radiações do pó de projeção a causa de uma transmutação do ser físico?*

A manipulação do fogo e de certas substâncias permite, portanto, não só transmutar os elementos, como ainda transformar o próprio investigador. Este, sob a influência das forças emitidas pelo crisol (quer dizer, das radiações emitidas por núcleos a sofrerem modificações de estrutura), entra em outro estado. Nele se operam mutações.

A sua vida prolonga-se, sua inteligência e as suas percepções atingem um nível superior. A existência de tais "mutuantes" é um dos fundamentos da tradição rosa-cruz. O alquimista passa a outro estado do ser. É elevado a outro grau da consciência. Tem a sensação de que só ele se encontra desperto e que todos os outros homens ainda dormem. Escapa ao vulgar humano e desaparece, como Mallory sobre o Evereste, depois de ter tido o seu minuto de verdade.

"A pedra filosofal representa desta forma o primeiro degrau suscetível de auxiliar o homem a elevar-se em direção ao Absoluto. Para além começa o mistério. Aquém não há mistério, nem esoterismo, nem outras sombras exceto as que projetam os nossos desejos e sobretudo o nosso orgulho. Mas, como é mais fácil satisfazermos-nos de idéias e de palavras do que fazer qualquer coisa com as próprias mãos, com a nossa dor e a nossa fadiga, no silêncio e na solidão, é mais cômodo procurar um refúgio no pensamento chamado "puro", do que nos batermos corpo a corpo contra o peso e as trevas da matéria. A alquimia proíbe qualquer evasão deste gênero aos seus discípulos. Deixa-os frente a frente com o grande enigma... Apenas nos assegura que se lutarmos até o fim para nos libertarmos da ignorância, a própria verdade lutará por nós e vencerá finalmente todas as coisas. Talvez comece então a VERDADEIRA metafísica ."⁸²

Uma última palavra ao leitor:

Expusemos aqui, de forma sincera e aberta, os resultados de 28 anos de pesquisas e de trabalho. Porém, apenas os *Adeptos*, podem falar com certeza absoluta sobre as operações alquímicas. Portanto, somos passíveis de erros. Foi exatamente por isso que apresentamos, no

⁸² O Despertar dos Mágicos, Jacques Bergier e Louis Pauwels, págs. 131 e 132 - trecho citado de René Alleau: Prefácio à obra de Le Breton: *Les Clés de la Philophie Spagyrique*. Editions Caractères, Paris.

decorrer desta obra, inúmeros textos, para que o leitor pudesse, a cada etapa, comparar a nossa opinião com a dos mestres consagrados e tirar as suas próprias conclusões.

Adendo

O Athanor ou forno filosófico

O Athanor, Atanor ou forno filosófico é um forno especial, com banho de areia, para receber o ovo filosófico e submetê-lo à cocção.

Atualmente, em vez do carvão, convém utilizar o aquecimento elétrico ou a gás.

Fulcanelli se refere a este forno da seguinte maneira:

*Esta construção piramidal, cuja forma lembra a do hieróglifo adotado para designar o fogo, não é senão o **Athanor**, termo com que os alquimistas assinalam o **forno filosófico** indispensável para a maturação da Obra. Duas portas laterais são aí praticadas e ficam em situação correspondente; tapam janelas envidraçadas que permitem a observação das fases do trabalho. Outra, situada na base, dá acesso à lareira; enfim, uma placazinha, perto do topo, serve de registro e de boca de evaporação aos gases provindos da combustão. No interior, se nos ativermos às descrições muito pormenorizadas de Filaleto, Le Tesson, Salmon e outros, assim como às reproduções de Rupescissa, Sgobbis, Pierre Victor, Huginus à Barma, etc., o **Athanor** está composto de modo a receber uma escudela de terra ou de metal, chamada **ninho** ou **arena**, porque o ovo é ali submetido à incubação na areia quente (latim **arena**, areia). Quanto ao combustível utilizado para o aquecimento, parece que é bastante variável, embora bastantes autores concedam as suas preferências às lâmpadas termogêneas.*⁸³

⁸³ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, págs. 376 e 377.

A peregrinação a São Tiago da Compostela

A peregrinação a São Tiago da Compostela é uma tradição que remonta à Idade Média, tendo sido efetuada por milhares de peregrinos, desde então.

Nicolau Flamel relata no seu *Livro das Figuras Hieroglíficas* uma peregrinação a São Tiago da Compostela que ele próprio teria feito.

Porém, tal peregrinação, sob o ponto de vista alquímico, é uma forma simbólica de descrever a elaboração do *mercúrio filosófico*.

Fulcanelli nos esclarece sobre este simbolismo:

*Todos os alquimistas são obrigados a empreender esta peregrinação. Pelo menos, figuradamente, porque se trata duma **viajem simbólica**, e quem desejar tirar dali proveito não pode deixar o laboratório, nem por um instante. Precisa de velar, sem tréguas, o vaso, a matéria e o fogo. Deve ficar na brecha, dia e noite. Compostela, cidade emblemática, não está situada em terra espanhola, massim na própria terra da matéria filosófica. Caminho rude, penoso, cheio de imprevistos e de perigos. Rota longa e fatigante esta, pela qual o potencial se torna atual e o oculto se torna manifesto! É esta preparação delicada da primeira matéria, ou mercúrio comum, que os sapientes velaram sob a alegoria da peregrinação a Compostela.*

*Julgamos já ter dito que o nosso mercúrio é este **peregrino**, este **viajante** a que Miguel Maïer consagrou um dos seus melhores tratados. Ora, utilizando a **via seca**, representada pelo **caminho terrestre** que o nosso peregrino segue, à partida, chega-se a exaltar pouco a pouco a virtude difusa e latente, transformando em atividade o que só estava em potência. A operação fica terminada quando aparece à superfície uma **estrela** brilhante, formada de raios emanados de um centro único, protótipo das grandes **rosas***

ou **rosáceas** das nossas catedrais góticas⁸⁴. Ali está o sinal certo de que o peregrino chegou com êxito ao termo da sua primeira viagem. Recebeu a bênção mística de São Tiago, confirmada pelo sinal luminoso que dizia resplandecer por cima do túmulo do Apóstolo. A humilde e vulgar concha que ele trazia no chapéu mudou-se em astro esplendoroso, em auréola de luz. Matéria pura, cuja perfeição é consagrada pela estrela hermética: agora é o nosso **composto**, a água benta de **Compostela** (lat. **compos**, que recebeu, possui, **stella**, a estrela), e o **alabastro** dos sábios (**alabastrum**, estrela branca). É também o **vaso** de perfumes, o **vaso de alabastro** (gr. *αλαβαστρον*, lat. **alabastrus**) e botão nascente da flor da sapiência, **rosa hermética**.

O regresso de Compostela pode efetuar-se quer pela mesma via, seguindo itinerário diferente, quer por via úmida ou marítima, a única que os autores indicam em suas obras. Neste caso, o peregrino, escolhendo a via marítima, embarca sob a conduta dum **piloto** entendido, **mediador** experimentado, capaz de assegurar a salvaguarda da vasilha (ou navio) durante a travessia. Tal é o ingrato papel que o **Piloto da onda viva** assume, porque o mar está semeado de escolhos e são nele freqüentes as tempestades.

Estas sugestões ajudam a perceber o erro em que caíram tantos ocultistas, tomando o sentido literal de narrativas puramente alegóricas, escritas com a intenção de ensinar a alguns o que era preciso esconder de outro. O próprio Alberto Poisson se deixou prender no estratagema. Acreditou que Nicolau Flamel, abandonando a senhora Pernelle (“dama Pernelle”), sua mulher, a sua escola e as suas iluminuras, tinha realmente efetuado, a pé e pela rota ibérica, o voto formulado diante do altar de Saint-Jacques-la-Boucherie (São Tiago...), sua paróquia. Ora, certificamos – e podem confiar na nossa sinceridade – que nunca Flamel

⁸⁴ Fulcanelli se refere aqui ao aparecimento de uma formação cristalina semelhante a uma estrela, que indica o final da purificação do **mercúrio** obtido após a **conjunção** e a **separação**.

*saiu da cave onde seus fornos ardião. Quem souber o que é o bordão (bourdon), a cabaça (calebasse) e a concha (mérille) do chapéu de São Tiago, sabe também que dizemos a verdade. Substituindo-se aos materiais e tomando o modelo no agente interno, o grande Adepto observava as regras da disciplina filosófica e seguia o exemplo dos seus antecessores. Raimundo Lúlio diz-nos que, em 1216, logo após a sua conversão e com idade de trinta e dois anos, fez a peregrinação a São-Tiago-de-Compostela. Todos estes mestres empregaram, pois, a alegoria; e estas relações imaginárias, que os profanos tomariam por realidades ou contos ridículos, segundo o sentido das suas versões, são precisamente aquelas onde a verdade se afirma com maior clareza.*⁸⁵

*Este **livro fechado**, símbolo eloqüente da matéria de que se servem os alquimistas e que levam à partida, é o mesmo que a segunda personagem do **Homem dos Bosques** segura com tanto fervor; o livro assinado de figuras que permitem reconhecê-lo, apreciar-lhe a virtude e o objeto. O famoso manuscrito de Abraão o Judeu, de que Flamel traz consigo uma cópia de imagens, é uma obra da mesma ordem e de qualidade semelhante. Assim, a ficção, substituída à realidade, toma corpo e afirma-se na caminhada para Compostela. Sabe-se quão avaro de ensinamentos se mostra o Adepto respeito da sua viagem, que ele efetua dum só jornada. “Portanto, neste mesmo modo”⁸⁶, limita-se ele a escrever, pus-me a caminho, e logo que assim fiz cheguei a **Montjoye** e depois a São Tiago, onde, com grande devoção, cumpri o meu voto.” Eis, decerto, uma descrição reduzida à expressão mais simples. Nenhum itinerário, nenhum incidente, nem a mínima indicação sobre a duração do trajeto. Os ingleses ocupavam*

⁸⁵ As Mansões Filosóficas, Fulcanelli, págs. 267 e 268.

⁸⁶ Quer dizer sob o hábito de peregrino com que se faz representar mais tarde no carneiro (“chamier”, jazigo, ossuário) dos Inocentes. (Nota de Fulcanelli.)

então o território: Flamel não diz palavra a tal respeito. Um único termo cabalístico, o de “Mont-joie” que o Adepto emprega, evidentemente, de propósito. É o indício da pousada e etapa bendita, longo tempo de espera, onde o livro está enfim aberto, o **mont’alegre** por cima do qual brilha o astro hermético⁸⁷. A matéria sofreu a primeira preparação, o vulgar **azougue** mudou-se em hidrargírio filosófico, mas nada mais aprendemos. A rota seguida é intencionalmente mantida secreta.

A chegada a Compostela implica a aquisição da estrela. Mas a matéria filosófica ainda é demasiadamente impura para receber a maturação. O nosso mercúrio deve elevar-se progressivamente ao supremo grau de pureza requerida, por uma série de sublimações que precisam da ajuda duma substância especial, antes de ser parcialmente coagulado em **enxofre vivo**. Para iniciar o seu leitor nestas operações, Flamel conta que um mercador de Bolonha⁸⁸ - que identificamos com o mediador indispensável - o pôs em relações com um rabino judeu, mestre **Canches**, “homem muito sábio em ciências sublimes”. As nossas três personagens têm assim os respectivos papéis perfeitamente estabelecidos. **Flamel**, como já dissemos, representa o mercúrio **filosófico**; o seu próprio nome fala como pseudônimo expressamente escolhido. Nicolau, em grego

⁸⁷ A lenda de São Tiago, contada por Alberto Poisson, contém a mesma verdade simbólica: “Em 835, Teodomiro, bispo de Iria, foi informado por um montanhês de que, sobre uma colina arborizada, a certa distância a ocidente do monte Pedroso, divisava-se uma luz doce, ligeiramente azulada, e, quando o céu estava sem nuvens, via-se uma estrela de harmonioso brilho por cima deste mesmo lugar. Teodomiro dirigiu-se, com todo o seu clero, à colina; fizeram-se escavações no sítio indicado e encontrou-se num túmulo de mármore um corpo perfeitamente conservado, que indícios certos (índices certos) revelaram ser o do Apóstolo Sant’Iago.” A atual catedral, destinada a substituir a igreja primitiva, destruída pelos Árabes em 997, foi construída em 1082. (Nota de Fulcanelli.)

⁸⁸ Bolonha apresenta certa analogia com o grego que preside aos conselhos. Diana era cognominada deusa do bom conselho. (Nota de Fulcanelli.)

Νιχολαοζ significa **vencedor da pedra** (de *Νιχη*, **vitória**, e *λαοζ*, **pedra, rochedo**). Flamel aproxima-se do latim **Flamma**, flama ou fogo, exprimindo a virtude ígnea e coagulante que a matéria preparada possui, virtude que lhe permite lutar contra o ardor do fogo, alimentar-se dele e triunfar sobre ele. O **mercador** ocupa o lugar de intermediário⁸⁹, na sublimação que reclama um fogo violento. Neste caso, *εμποροζ*, **mercador** é empregue em vez de *εμπυροζ*, **que é trabalhado por meio do fogo**. É o nosso **fogo secreto**, chamado **Vulcano lunático** pelo autor da **Ancienne Guerre des Chevaliers**. Mestre **Canches**, que Flamel nos apresenta como o seu iniciador, exprime o **enxofre branco**, princípio de coagulação e *secura*. Este nome provém do grego *Καρχανοζ*, **seco, árido**, raiz de *χαρχαινω*, **aquecer, secar**, vocábulos cujo sentido exprime a qualidade estíptica ou adstringente que os antigos atribuíam ao enxofre dos filósofos. O esoterismo completa-se com a palavra latina **Candens**, que indica o **que é branco**, dum branco puro, esplendente, obtido pelo fogo, o que é **ardente e abrasado**. Não se podia caracterizar melhor, num só termo, o **enxofre no plano físico-químico**, e o **Iniciado** ou **Cátaro no domínio filosófico**.

Flamel e mestre Canches, aliados por uma indefectível amizade, vão agora viajar concertadamente. O mercúrio, sublimado, manifesta a sua parte fixa, e esta base sulfurosa marca o primeiro estágio de coagulação. O intermediário é abandonado ou desaparece: doravante está fora de questão. Os três encontram-se reduzidos a dois – enxofre e mercúrio -, os quais realizam o que se convencionou chamar **amálgama filosófico**, simples combinação química ainda não radical. É aqui que intervém a cocção, operação encarregada de assegurar ao **composto**, novamente formado, a união indissolúvel e

⁸⁹ Intermediário em grego possui a mesma raiz de *que está no meio entre dois extremos*. É o nosso *Messias*, que na obra preenche a função mediadora do Cristo entre o Criador e a sua criatura, entre Deus e o homem. (Nota de Fulcanelli.)

irredutível dos seus elementos, e a sua completa transformação em enxofre vermelho fixo, **medicina de primeira ordem** segundo Geber.

Os dois amigos entram em acordo para operar o seu regresso **por mar**, em vez de empreender a **via terrestre**. Flamel não nos diz de modo algum as causas esta resolução que ele se contenta em submeter à apreciação dos investigadores. Seja como for, a segunda parte do périplo mostra-se longa, perigosa, “incerta e vã, diz um autor anônimo, se ali se imiscuir o menor dos erros”. Decerto, na nossa opinião, a via seca seria preferível, mas não nos é dado escolher. Cyliani adverte o leitor de que só descreve a via úmida, cheia de dificuldades e imprevistos, **por dever**. O nosso Adepto julga o mesmo, e devemos respeitar a sua vontade. É notório que grande número de nautas, pouco experimentados, naufragaram logo na primeira travessia. Deve-se velar sempre pela **orientação** do navio, manobrar com prudência, recear as bruscas mudanças de vento, prever a tempestade, manter-se alerta, evitar o abismo de Caribdis e os escolhos de Cila, lutar incessantemente, dia e noite, contra a violência das vagas. Não é tarefa de somenos dirigir a nave hermética, e mestre Canches, que supomos haver servido de piloto e condutor a Flamel argonauta, devia ser muito hábil na matéria... É, aliás, o caso do enxofre, que resiste energicamente aos assaltos, à influência detergente da umidade mercurial, mas acaba por ser vencido e morrer sob os seus golpes. Graças ao companheiro, Flamel conseguiu desembarcar são e salvo em **Orléans** (or-léans, **lór est lá**, o ouro está lá), onde a viagem marítima devia naturalmente e simbolicamente terminar. Infelizmente, apenas em terra firme, mestre Canches, o bom **guia, morre**, vítima dos **grandes vômitos** que sofrera sobre as águas. O seu choroso amigo manda-o inumar na igreja de **Santa-**

Cruz⁹⁰ e regressa a casa, **sozinho**, mas instruído e satisfeito por haver atingido o objetivo dos seus desejos.

Estes **vômitos** do enxofre são os melhores indícios da sua solução e mortificação. Chegada a esta fase, a Obra toma, à superfície, o aspecto dum “bródio (ou caldo) gordoe polvilhado de pimenta” – **brodium saginatum piperatum**, dizem os textos. Desde então, o mercúrio escurece cada vez mais e a sua consistência torna-se xaroposa e, depois, pastosa. Quando o negro atinge o máximo de intensidade, a putrefação dos elementos completou-se e a sua união está realizada; tudo aparece firme no vaso, até que a massa sólida estala, racha, esboroa-se e cai por fim em pó amorfo negro como o carvão. “Vereis então, escreve Filaleto, uma cor negra notável, e toda a terra estará enxuta. A morte do composto chegou. Os ventos cessam e todas as coisas entram em repouso. É o grande eclipse do sol e da lua; nenhuma luminária luz mais sobre a terra, e o mar desaparece.” Compreendemos assim por que é que Flamel relata a **morte** do seu amigo; porque este, havendo sofrido a deslocação das suas partes por uma espécie de **crucificação**, teve a sua sepultura colocada sob a invocação e o sinal da santa Cruz. O que menos compreendemos é o elogio fúnebre, bastante paradoxal, que o nosso Adepto pronuncia em louvor do rabino: “Que Deus tenha a sua alma, clama ele, porque morreu como bom cristão.” Sem dúvida só tinha em vista o fictício suplício sofrido pelo seu companheiro filosófico.⁹¹

Fizemos questão de citar todo este longo texto na íntegra devido aos inúmeros esclarecimentos que ele fornece com relação à prática da Obra.

⁹⁰ Semelhante à de Cristo, a paixão do enxofre, que morre para resgatar os seus irmãos metálicos, cumpre-se pela **cruz** redentora. (Nota de Fulcanelli.)

⁹¹ As Mansões Filosófais, Fulcanelli, págs. 270 a 273.

Cartas sobre a terceira obra

Em *L'Alchimie Expliquée sur ses Textes Classiques* (*A Alquimia explicada sobre seus textos clássicos*) encontramos algumas referências muito curiosas sobre a cocção final, as quais, na forma de cartas, de um alquimista anônimo, são citadas por Eugène Canseliet.

Segundo estas cartas, o *composto filosófico*, durante a *grande cocção*, na terceira obra, no interior do cadinho de terra refratária, na via seca, emite sons, referentes à escala musical, a cada *regime*, aumentando também de densidade.

Citamos a seguir os trechos principais destas cartas:

Quinta-feira, 25 de maio de 1951

Estou em pleno trabalho. Esta noite não foi tão boa quanto a anterior que se mostrou sumamente bela, depois que uma tempestade de uma violência inaudita houvesse varrido o céu, não sem haver literalmente inundado o povo e destruído plantas e jardins com um metralha de enormes pedriscos... Seja como for, não me queixo da marcha das operações que, apesar das nuvens e bem que houvessem começado antes do primeiro quarto, foi possível, graças a um potente influxo cósmico e ao preço de uma certa perda de mercúrio, devido à maior volatilidade.

Esta manhã, o tempo está brusco e o céu coberto, porém não duvido que se liberará com a caída da noite, sob a influência da lua. Conto desta forma terminar bem minhas águias esta próxima noite e, sendo esta particularmente propícia, não apenas precipitar a rêmora, mas também confortá-la antes do amanhecer. Tenho tudo pronto e não me atrasarei para acender meu grande forno neste anoitecer...

17 de maio de 1951, 8 horas

Minha cocção está em marcha desde antes de ontem, terça-feira, às 21 horas, exatamente, ou seja, desde o instante em que coloquei no vaso filosofal de 160,55 grs. minha rêmora de 415 centigrs.

Imagine com que profundo interesse, com que intensa emoção, sigo, incessantemente, a operação, extremamente apaixonante.

*Como no ano anterior, o primeiro som – o **dó** certamente – se fez ouvir muito rapidamente, 1h.32 depois do início, ou seja, às 22h.30. Manteve-se um pouco menos que 2 minutos, por certa de 100 segundos, sem que o peso haja mudado, o qual era no princípio, compreendido o crisol de terra refratária com sua tampa de mica, de 313,6 grs.*

*O segundo sibilo, que me pareceu bem ser o **ré**, se produziu exatamente 24 h. depois, ou seja às 22h.10, enquanto que o peso, elevando-se insensivelmente, alcançava nesta hora 353,65 grs, ou seja – isto é notável – a mesma fração de progressão que para a temperatura, 340°.*

Parece considerável quanto ao peso, o aumento que se prossegue sempre da mesma forma insensível – 18 grs. para $\frac{1}{4}$ de hora – porém se mostra de acordo com a tradição alquímica que atribui à Pedra uma enorme densidade.

A mica branca é prática, porém não me deixa ver outra coisa que a crosta em domo que se formou no crisol, por cima da matéria e que é verdadeiramente aquilo que os antigos denominavam o litem filosófico ou da Natureza.

*Não aguardo o **mi** antes do crepúsculo, e portanto vou dormir algumas horas.*

21 de maio de 1951

A grande cocção prossegue sem entorpecimento, com a regularidade de um relógio e de uma maneira aparentemente tão simples e fácil, que não posso ficar sem apreensão de que se produza, a qualquer momento, alguma catástrofe que venha a aniquilar e fazer-me pagar caro, com

uma brutal desilusão, estas inefáveis horas de esperança sobre-humana e de intensa felicidade.

*Que prodigiosa harmonia a desta operação, que suave poesia igualmente, cujo vocábulo grego revela sem rodeios, a essência não somente abstrata e metafísica, se não também positiva e científica: **Poiesis**, confecção, execução, operação.*

Já não tenho dúvidas agora, meu bom velho, e se Deus o quer, terei esta noite a confirmação, o negro dura 6 dias e a hebdomas hebdomadum dos Adeptos, que termina no sétimo dia, o do repouso, é bem real. Ao curso deste último devem sucederem-se rapidamente as duas etapas do branco e do roxo, certamente com toda ausência de dificuldade que recorda o quietude do domingo, o dia do Senhor. E assim deverei escutar neste anoitecer a nota que encerra o último dia de trabalho, ou seja, a 6ª, ao mesmo tempo que a série sonora cujo crescendo se tem mostrado tão seguramente aos meus ouvidos como a progressão graduada do peso e do calor em seu constante sincronismo. Temos aqui os pesos aferidos ao mesmo tempo em que se faziam ouvir cada um dos ligeiros sibilos (com o cadinho compreendido):

RE	MI	FA	SOL	LA	SI
333,65	354,8	368,6	396	423,5	440,60

Me mantenho no presente a 500º segundo me permite, tanto quanto é possível, meu excelente forno, cujas divisões vão de 20 em 20. O aparato é sem dúvida muito preciso já que o composto não se altera, mantendo sua crosta protetora imutável, sem se elevar, apesar do grande aumento de peso que se passou presentemente para 440,6. Os níveis sonoros não são rigorosamente de 24h., variando de 10 a 12 minutos, conforme tenho verificado no relógio de parede sobre o móvel da sala, o qual é muito exato. Isto me parece particularmente singular.

Como no ano anterior, o primeiro som – o dó certamente – se fez ouvir muito rapidamente, 1h.32 depois do início, ou seja, às 22h.30. Manteve-se um pouco menos que 2 minutos, por certa de 100 segundos, sem que o peso haja mudado, o qual era no princípio, compreendido o crisol de terra refratária com sua tampa de mica, de 313,6 grs.

O segundo sibilo, que me pareceu bem ser o ré, se produziu exatamente 24 h. depois, ou seja às 22h.10, enquanto que o peso, elevando-se insensivelmente, alcançava nesta hora 353,65 grs, ou seja – isto é notável – a mesma fração de progressão que para a temperatura, 340°.⁹²

⁹² La alquimia explicada sobre sus textos clásicos, Canseliet, págs 249 a 251.

Referências Bibliográficas

- Albertus, Frater. "Guia Prático de Alquimia" – Editora Pensamento – São Paulo – Título original: "The Alchemist's Handbook" – 1974 by the Paracelsus Research Society – Tradução: Mário Muniz Ferreira.
- Aquino, São Tomás de. "A Arte da Alquimia e a Pedra Filosofal" – Global/Ground – 1ª edição: abril/1984.
- Canseliet, Eugène. "La alquimia explicada sobre sus textos clásicos" – Luis Cárcamo, editor – Madrid – Primera edición 1981 – Pined in Spain – Título original: "L'Alchimie Expliquée sur ses Textes Classiques" – Jean-Jacques Pauvert, 1972.
- Carles, Jacques e Granger, Michel. "Alquimia" - Livraria Eldorado Tijuca Ltda. – 1973 – Título original: "L'Alchimie, Supersciense extra-terrestre?" – Éditions Albin Michel – Tradução: Hélio Pinheiro Carneiro.
- Chassot, Attico. "A Ciência através dos tempos" – Editora Moderna, 1994.
- D'Espagnet, Jean. "A Obra Secreta da Filosofia de Hermes Trismegistos" – L. OREN – Editora e Distribuidora de Livros Ltda. – 1976 – Tradução: Atílio Cancian.
- Diversos. "Alquimia e Ocultismo" – Edições 70 – Lisboa – Título original: "Alquimia y Ocultismo" – Barral Editores, S. A. – Barcelona, 1972 – Tradução: Maria Teresa Carrilho.
- Diversos. "Textos Basicos de Alquimia" – Editorial Dédalo – Buenos Aires – Impreso en Argentina – Título original: "Basic Alchemy Texts" – Tradução: Mario Martinez de Arroyo
- Eliade, Mircea. "Ferreiros e Alquimistas" – Zahar Editores, 1979 – Título original: "Forgerons et

- alchimistes” – Flammarion, 1977 – Tradução: Roberto Cortes de Lacerda.
- Filaleto, Irineu. “Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei” – 1ª edição: fevereiro/1985 – Global/Ground – Tradução: Marcio Pugliesi.
 - Flamel, Nicolas. “O Livro das Figuras Hieroglíficas” - Biblioteca Planeta – Editora Três – 1973 – Título original: “Le Livre des Figures Hieroglyphiques” – Tradução: Luís Carlos Lisboa.
 - Fulcanelli. “As Mansões Filosofais” – Edições 70– Lisboa – Título original: “Les Demeures Philosophales” – Jean-Jacques Pauvert, 1965 – Tradução: António Last e António Lopes Ribeiro.
 - Fulcanelli. “O Mistério das Catedrais” – Edições 70 – 2ª edição – Lisboa – Título original: “Le Mystère des Cathédrales” – Jean-Jacques Pauvert, 1964 – Tradução: António Carvalho.
 - Hutin, Serge. “A Tradição Alquímica” – Editora Pensamento - São Paulo – Título original: “La Tradition Alchimique” – Éditions Dangles. St. Jean de Braye (France) – 1979 – Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros.
 - Hutin, Serge. “História da Alquimia” – Editora Mundo Musical Ltda. – 1972 – Título original: “Histoire de L’Alquimie” – Gerard e cia. – Verviers, 1971 – Tradução: Charles Marie Antoine Bouéry.
 - Lambsprinck. “Tratado da Pedra Filosofal” seguido de “O Piloto da Onda Viva” por Marthurin Eyquem du Martineau – Edições 70 – Lisboa – Título original: “Traité de la Pierre Philosophale, suivi de Le Pilote de L’Onde Vive” – Tradução: Maria José Pinto.
 - Limojon de Saint-Didier. “O Triunfo Hermético” –L. OREN – Editora e Distribuidora de Livros Ltda. – 1976 – Tradução Atílio Cancian.
 - Pauwels, Louis e Bergier, Jacques/. “O Despertar dos Mágicos” – DIFEL – 1974 – 10ª edição – Título

- original: “Le Matin des Magiciens” – Librairie Gallimard, Paris – Tradução: Gina de Freitas.
- Sadoul, Jacques. “O Tesouro dos Alquimistas” - HEMUS – Livraria Editora Ltda. – Título original: “Le Trésor des Alchimistes” – Editions J’ai Lu – 1970 – Tradução: Rachel de Andrade.
 - Sagan, Carl. “Cosmos” – Livraria Francisco Alves – 1985 – Tradução: Angela do Nascimento Machado.
 - Seligmann, Kurt. “História da Magia” – Edições 70 – Lisboa – Título original: “Magic, Supernaturalism and Religion” – Pantheon Books, 1948 – Tradução: Joaquim Lourenço Duarte Peixoto.
 - Tompkins, Peter e Bird, Christopher. “A Vida Secreta das Plantas” – Círculo do Livro S. A. – Título original: “The secret life of plants” – Tradução: Leonard Fróes.
 - Trismegistos, Hermes. “Corpus Hermeticum e Discurso de Iniciação” – HEMUS – Livraria e Editora Ltda. – Tradução: Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima.
 - Valentin, Frei Basile. “As Doze Chaves da Filosofia” – 1ª edição: maio/1984 – Global/Ground – Tradução: Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima.
 - Vanin, José Atilio. “Alquimistas e Químicos” – Editora Moderna, 1994.
 - Waldstein, Arnold. “Os Segredos da Alquimia” – Publicações Europa-América, Ltda. – Título original: “Lumières de l’Alchimie” – Maison Mame, 1973 – Tradução: Cascais Franco.